

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

BIANCA DE OLIVEIRA RUSKOWSKI

**ATIVISMO TECNOLOGICAMENTE MEDIADO: TRANSFORMAÇÕES
DO ATIVISMO EM PLATAFORMAS DE MÍDIAS SOCIAIS**

Porto Alegre

2018

Bianca de Oliveira Ruskowski

**ATIVISMO TECNOLOGICAMENTE MEDIADO: TRANSFORMAÇÕES
DO ATIVISMO EM PLATAFORMAS DE MÍDIAS SOCIAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, como parte das exigências para a obtenção do título de doutora em sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Kunrath
Silva

Porto Alegre

2018

Bianca de Oliveira Ruskowski

ATIVISMO TECNOLOGICAMENTE MEDIADO: TRANSFORMAÇÕES DO ATIVISMO EM PLATAFORMAS DE MÍDIAS SOCIAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, como parte das exigências para a obtenção do título de doutora em sociologia.

Porto Alegre, 25 de abril de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva (orientador)
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFRGS

Prof. Dr. Breno Marques Bringel
Instituto de Estudos Sociais e Políticos – UERJ

Prof. Dr. Carlos José Naujorks
Departamento de Psicologia Social – UFSC

Profa. Dra. Lorena Cândido Fleury
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFRGS

Profa. Dra. Teresa Cristina Schneider Marques
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUCRS

CIP - Catalogação na Publicação

Ruskowski, Bianca de Oliveira
ATIVISMO TECNOLOGICAMENTE MEDIADO: TRANSFORMAÇÕES
DO ATIVISMO EM PLATAFORMAS DE MÍDIAS SOCIAIS /
Bianca de Oliveira Ruskowski. -- 2018.
194 f.
Orientador: Marcelo Kunrath Silva.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Ativismo. 2. Ativismo tecnologicamente
mediado. 3. Thick Data. 4. Facebook. 5. Movimentos
Sociais. I. Silva, Marcelo Kunrath, orient. II.
Título.

Esta tese é dedicada a todos aqueles e aquelas que lutam diariamente na construção de um mundo mais justo, que respeite às diferenças e que promova a justiça social.

AGRADECIMENTOS

Muitas são as pessoas e instituições que tornam possível a realização de um trabalho como este. Assim, gostaria de agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, especialmente, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Durante os últimos 15 anos, a UFRGS foi uma das minhas casas, e o que lá aprendi conhecimentos que transformaram a minha vida e a da minha. Agradeço a ajuda de inúmeras pessoas, entre professores, estudantes e técnicos administrativos, especialmente a Regiane, agregadas graças ao PPGS. Foi com este auxílio que pude concretizar um sonho que me parecia bem distante: realizar meu estágio de doutorado sanduíche. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento recebido e sem o qual nada disso teria sido possível.

Em Madri, agradeço aos professores Igor Sádaba Rodriguez e José Manuel Robles por terem me recebido e supervisionado meus estudos na Facultad de Ciencias Políticas y Sociología da Universidad Complutense de Madrid. De lá, agradeço a companhia de Fabi, Beto, João, Saviano, Isabel e Russo.

Também gostaria de deixar registrada a minha gratidão aos meus amigos de jornada espanhola, Thales e Virgínia, pelos encontros entre Madri e Barcelona, quando nos juntávamos nas datas familiares para diminuir a solidão. Já no Brasil, muitos foram responsáveis por enviar de longe (ora por estar fora de Porto Alegre, ora por estar encerrada na biblioteca) as boas vibrações que esta fase demanda. Às minhas queridas amigas Patrícia e Betânia, parceiras de bar e de luta (não necessariamente nessa ordem). Ao Felipe e à Pâmela por estarem sempre com um sorriso aberto e um abraço apertado para partilhar. À Melissa pelas boas conversas nesses anos. Aos queridos amigos que o curso de Ciências Sociais uniu Lu, Kátia, Matheus, Gerson, Aline, Eduardo (Papis) e Georgia. Aos amigos Stela, Marcelão, Guilherme, Stefanie, Margarete, Lairane, Sara e Roberta que as outras trilhas da vida (política, espiritual, de trabalho) uniram. A Camila, Frank, Giovana e Heitor por terem me acolhido em Goiânia. Às queridas Carol Laner e Fe Beppler pelo suporte terapêutico. E, com certeza, a tantos amigos e amigas que durante todos esses anos me apoiaram e injustamente não estão citados aqui. Ao Tagli (*in memoriam*) pelos

momentos de parceria desde a leitura do meu projeto de pesquisa até os churrasquinhos na sacada.

Agradeço especialmente à minha família, base que dentro das suas potencialidades e limitações me impulsionou para o mundo e apoiou todas as minhas escolhas. À Cida, pela acolhida e pelo carinho. Ao Pedro, meu companheiro de tantos projetos e realizações e que criou as melhores condições nos momentos mais difíceis.

Aos professores que participaram de minha banca de qualificação, Fernando Cotanda e Marilis Almeida, gostaria de agradecer pelas sugestões. Agradeço a disponibilidade e interesse dos professores e professoras Lorena Fleury, Teresa Marques, Carlos Naujorks e Breno Bringel para participarem da banca de defesa.

Por fim, agradeço ao Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE), espaço de construção de conhecimento permanente e com o qual aprendi muito. Ao CNPq que, através do Edital de Fomento – MCTI/CNPq Nº 14/2014, financiou esta pesquisa. Ao Vinícius por todo auxílio na construção do banco de dados. Ao Tarcizio Silva, pelas indicações bibliográficas. A todos e a todas que se dispuseram a participar deste projeto e que abriram suas vidas para mim, o meu muito obrigada. Ao meu orientador, Marcelo Kunrath Silva, agradeço pela orientação durante esses nove anos e pelos *insights* dados ao trabalho de pesquisa.

RESUMO

Este trabalho analisa as características e as mudanças qualitativas nas formas de exercício do ativismo contemporâneo tecnologicamente mediado a partir de plataformas de mídias sociais. Para tanto, foram realizados cinco grupos focais com 24 indivíduos que atuam politicamente, mas não mantêm vínculo com organizações de movimentos sociais. A intenção foi a de compreender as dinâmicas de interação e diferentes estratégias utilizadas por eles na propagação de causas contenciosas. Além desse material, foi realizada uma coleta de dados baseada no princípio metodológico de *thickening data* que envolveu as publicações de cada perfil na plataforma *Facebook* por um período de quatro meses. Esse material totalizou 8.225 *posts* coletados, dos quais 4.893 foram analisados a partir de procedimentos de análise de conteúdo. O banco de dados foi construído e analisado via *software* Excel, e os grupos focais foram transcritos e analisados com o *software* NVivo 10 Pro. O ativismo tecnologicamente mediado foi caracterizado pela separação entre organização e mobilização, a identificação e promoção de ações que visam mobilizar e difundir uma ou mais causas via performances de conexão. Outra característica apreendida foi a publicização de causas defendidas como ato, ao mesmo tempo, pessoal e político. Por fim, a quarta característica é a criação de um “nós” menos como um grupo corporificado e mais como o somatório dos indivíduos que compartilham posicionamentos comuns sobre causas. Com isso, foi possível propor uma tipologia inicial para identificar diferentes formas e sentidos que o ativismo tecnologicamente mediado assume a partir de dois critérios: intensidade (baixa e alta) e ocorrência (continuada e pontual).

PALAVRAS-CHAVE: ATIVISMO; ATIVISMO TECNOLOGICAMENTE MEDIADO; *FACEBOOK*; THICK DATA.

ABSTRACT

This work analyzes the characteristics and qualitative changes in the forms of exercise of contemporary technologically mediated activism in social media platforms. To this end, five focal groups were held with 24 individuals who act politically, but do not maintain ties with social movement organizations. The purpose was to understand the dynamics of interaction and different strategies used by them in the diffusion of contentious causes. In addition to this material, data from the publications of each profile on the *Facebook* platform were collected for a period of four months following methodological principles of thickening data. This material consisted of 8,225 collected posts, of which 4,893 were analyzed with content analysis procedures. The database was built and analyzed via Excel software and the focus groups were transcribed and analyzed using the NVivo 10 Pro software. Technologically mediated activism was characterized by the detachment between organization and mobilization, the identification and promotion of actions that aim to mobilize and diffuse one or more causes through performances of connection. Another characteristic perceived in this sort of activism is the publicity of causes defended as an act both personal and political. Finally, the fourth characteristic is the creation of a "we" as the sum of individuals who share common positions about causes, rather than as an embodied group. With this, it was possible to propose an initial typology to identify different forms and meanings that the technologically mediated activism assumes from two criteria: intensity (low and high) and occurrence (continuous and punctual).

KEYWORDS: ACTIVISM; TECHNOLOGICALLY MEDIATED ACTIVISM; FACEBOOK; THICK DATA.

RESUMÉ

Ce travail analyse les caractéristiques et les changements qualitatifs dans les formes d'exercice de l'activisme contemporain médiatisé technologiquement à partir des plateformes de médias sociaux. À cette fin, on a organisé cinq groupes focaux de 24 personnes qui agissent politiquement, mais ne maintiennent pas de liens avec les organisations de mouvements sociaux. L'intention était de comprendre la dynamique d'interaction et des stratégies différentes utilisées par eux dans la propagation des causes litigieuses. En plus de ce matériel, on a fait une collecte de données sur la base du principe méthodologique de *thickening data* qui impliquait la publication de chaque profil sur la plateforme Facebook pendant une période de quatre mois. Ce matériel a totalisé 8 225 messages recueillis, dont 4 893 ont été analysés à l'aide de procédures d'analyse de contenu. La base de données a été construite et analysée par le logiciel Excel et des groupes de discussion ont été transcrits et analysés à l'aide du logiciel NVivo 10 Pro. L'activisme médiatisé technologiquement a été caractérisé par la séparation de l'organisation et de mobilisation, l'identification et la promotion des actions dont le but est de mobiliser et de diffuser une ou plusieurs causes via des performances de connexion. Une autre caractéristique saisie était la publicité des causes défendues comme un acte à la fois personnel et politique. Enfin, la quatrième caractéristique est la création d'un «nous» moins comme un groupe incarné et plus comme la somme des individus qui partagent des positions communes sur les causes. Ainsi, il est possible de proposer une première typologie pour identifier de différentes formes et sens de l'ativisme médiatisé technologiquement à partir de deux critères: l'intensité (basse et haute) et l'occurrence (continue et ponctuelle).

MOTS-CLÉS: ACTIVISME; ACTIVISME TECHNOLOGIQUEMENT MEDIÉ;
FACEBOOK; DONNÉES EPAISES.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: <i>Descrição dos participantes por gênero.</i>	74
Quadro 2: <i>Descrição dos participantes por faixa etária.</i>	74
Quadro 3: <i>Descrição dos participantes por escolaridade.</i>	75
Quadro 4: <i>Dimensões analisadas</i>	167

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: <i>Volume de postagens por perfis.</i>	81
Gráfico 2: <i>Volume das postagens após redução.</i>	82
Gráfico 3: <i>Volume de postagens – 2ª coleta.</i>	82
Gráfico 4: <i>Periodicidade de postagens por perfil do grupo A.</i>	98
Gráfico 5: <i>Perfil C – Comparativo de envolvimento por temática de postagens.</i>	104
Gráfico 6: <i>Perfil S – Comparativo de envolvimento por temática de postagens.</i>	108
Gráfico 7: <i>Grupo B – Periodicidade de Postagens por Perfil.</i>	110
Gráfico 8: <i>Perfil A – Comparativo de envolvimento por temática de postagens.</i>	121
Gráfico 9: <i>Perfil N – Comparativo de envolvimento por temática de postagens.</i>	130
Gráfico 10: <i>Perfil R – Comparativo de envolvimento por temática de postagens.</i>	142
Gráfico 11: <i>Grupo C – Periodicidade de Postagens por Perfil.</i>	144
Gráfico 12: <i>Perfil D – Comparativo de envolvimento por temática de postagens.</i>	149
Gráfico 13: <i>Perfil B – Comparativo de envolvimento por temática de postagens.</i> ...	157
Gráfico 14: <i>Perfil T - Comparativo de envolvimento por temática de postagens.</i>	163

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Post Aeroporto ou Rodoviária?</i>	20
Figura 2: <i>16 de junho de 2013</i>	23
Figura 3: <i>19 de junho de 2013</i>	23
Figura 4: <i>21 de junho de 2013</i>	23
Figura 5: <i>Relação direta entre trajetórias e engajamento</i>	40
Figura 6: <i>Condições e Mecanismos do processo de engajamento</i>	42
Figura 7: <i>Infográfico Dimensões de análise do ativismo</i>	46
Figura 8: <i>Esquema com as dimensões teóricas</i>	64
Figura 9: <i>Esquema com as dimensões de análise</i>	65
Figura 10: <i>Nuvem de palavras com as causas mais citadas nos grupos focais</i>	92
Figura 11: <i>Clusterização por fontes</i>	93
Figura 12: <i>Grupo cuja palavra central é aniversário</i>	94
Figura 13: <i>Grupo cuja palavra central é pessoal/comportamento</i>	95
Figura 14: <i>Grupo cuja palavra central é pessoal/comportamento</i>	95
Figura 15: <i>Grupo cuja palavra central é educação/movimentos sociais</i>	96
Figura 16: <i>Grupo cuja palavra central é política</i>	96
Figura 17: <i>Clusterização com sobreposição de análise de frequência</i>	97
Figura 18: <i>Post do Perfil C</i>	99
Figura 19: <i>Post do Perfil C</i>	100
Figura 20: <i>Post do Perfil C</i>	101
Figura 21: <i>Post do Perfil C</i>	102
Figura 22: <i>Post do Perfil C</i>	102
Figura 23: <i>Post do Perfil C</i>	103
Figura 24: <i>Post do Perfil E</i>	105
Figura 25: <i>Post do Perfil S</i>	108
Figura 26: <i>Post do Perfil A</i>	111
Figura 27: <i>Post do Perfil A</i>	112
Figura 28: <i>Post do Perfil A</i>	113
Figura 29: <i>Post do Perfil A</i>	114
Figura 30: <i>Post do Perfil A</i>	114

Figura 31: <i>Post do Perfil A</i>	115
Figura 32: <i>Post do Perfil A</i>	115
Figura 33: <i>Post do Perfil A</i>	116
Figura 34: <i>Post do Perfil A</i>	117
Figura 35: <i>Post do Perfil A</i>	118
Figura 36: <i>Post do Perfil A</i>	118
Figura 37: <i>Post do Perfil A</i>	119
Figura 38: <i>Post do Perfil A</i>	119
Figura 39: <i>Post do Perfil A</i>	120
Figura 40: <i>Post do Perfil N</i>	123
Figura 41: <i>Post do Perfil N</i>	124
Figura 42: <i>Post do Perfil N</i>	125
Figura 43: <i>Post do Perfil N</i>	126
Figura 44: <i>Post do Perfil N</i>	126
Figura 45: <i>Post do Perfil N</i>	127
Figura 46: <i>Post do Perfil N</i>	128
Figura 47: <i>Post do Perfil N</i>	128
Figura 48: <i>Post do Perfil N</i>	129
Figura 49: <i>Post do Perfil R</i>	132
Figura 50: <i>Post do Perfil R</i>	132
Figura 51: <i>Post do Perfil R</i>	133
Figura 52: <i>Post do Perfil R</i>	134
Figura 53: <i>Post do Perfil R</i>	134
Figura 54: <i>Post do Perfil R</i>	135
Figura 55: <i>Post do Perfil R</i>	135
Figura 56: <i>Post do Perfil R</i>	136
Figura 57: <i>Post do Perfil R</i>	136
Figura 58: <i>Post do Perfil R</i>	137
Figura 59: <i>Post do Perfil R</i>	137
Figura 60: <i>Post do Perfil R</i>	138
Figura 61: <i>Post do Perfil R</i>	139
Figura 62: <i>Post do Perfil R</i>	140
Figura 63: <i>Post do Perfil R</i>	140
Figura 64: <i>Post do Perfil R</i>	141

Figura 65: <i>Post do Perfil D</i>	145
Figura 66: <i>Post do Perfil D</i>	145
Figura 67: <i>Post do Perfil D</i>	146
Figura 68: <i>Post do Perfil D</i>	147
Figura 69: <i>Post do Perfil D</i>	147
Figura 70: <i>Post do Perfil D</i>	148
Figura 71: <i>Post do Perfil B</i>	150
Figura 72: <i>Post do Perfil B</i>	151
Figura 73: <i>Post do Perfil B</i>	152
Figura 74: <i>Post do Perfil B</i>	153
Figura 75: <i>Post do Perfil B</i>	154
Figura 76: <i>Post do Perfil B</i>	155
Figura 77: <i>Post do Perfil B</i>	156
Figura 78: <i>Post do Perfil T</i>	159
Figura 79: <i>Post do Perfil T</i>	159
Figura 80: <i>Post do Perfil T</i>	160
Figura 81: <i>Post do Perfil T</i>	161
Figura 82: <i>Post do Perfil T</i>	161
Figura 83: <i>Post do Perfil T</i>	162
Figura 84: <i>Post do Perfil T</i>	162
Figura 85: <i>Esquema sobre tipos de ativismo</i>	171

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 MARCO CONCEITUAL E DIMENSÕES DE ANÁLISE	36
1.1 <i>FACEBOOK</i> : AFFORDANCES E DINÂMICAS DE INTERAÇÃO	36
1.2 ENGAJAMENTO COMO PONTO DE PARTIDA.....	40
1.3 O ATIVISMO É UM ALVO EM MOVIMENTO	44
1.4 CONCEITUANDO A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA.....	48
1.5 A CONSTRUÇÃO, NEGOCIAÇÃO E DIFUSÃO DE SENTIDOS A PARTIR DA NOÇÃO DE ENQUADRAMENTO INTERPRETATIVO	52
1.6 OPOSITORES DA AÇÃO CONECTIVA	56
1.7 AS ORGANIZAÇÕES E OS VÍNCULOS ENTRE ATIVISTAS	60
1.8 AS DIMENSÕES DE ANÁLISE	62
2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DA INVESTIGAÇÃO	66
2.1 AS BASES METODOLÓGICAS DA PESQUISA	66
2.2 <i>THICKENING DATA</i> COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	69
2.3 TÉCNICAS DE COLETA DOS DADOS	71
2.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DOS DADOS	79
2.5 LIMITES E POSSIBILIDADES DESSE TIPO DE METODOLOGIA.....	83
3 MUDANÇAS QUALITATIVAS NAS FORMAS DE EXERCÍCIO DO ATIVISMO CONTEMPORÂNEO TECNOLOGICAMENTE MEDIADO	85
3.1 ESTRATÉGIAS, CONTEXTOS COLAPSADOS E AUDIÊNCIAS INVISÍVEIS	85
3.2 ROTINA DE PUBLICAÇÕES DOS PERFIS: UMA ANÁLISE POR TEMAS DE PUBLICAÇÃO	92
3.3 GRUPO A	98
3.3.1 <i>Perfil C</i>	99
3.3.2 <i>Perfil E</i>	105
3.3.3 <i>Perfil S</i>	107
3.4 GRUPO B	109
3.4.1 <i>Perfil A</i>	110
3.4.2 <i>Perfil N</i>	122
3.4.3 <i>Perfil R</i>	131

3.5 GRUPO C	143
3.5.1 Perfil D.....	144
3.5.2 Perfil B.....	150
3.5.3 Perfil T	157
3.6 RESPONDENDO AO PROBLEMA DE PESQUISA.....	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
REFERÊNCIAS.....	177
APÊNDICES	185
APÊNDICE 1 – DESCRIÇÃO QUANTITATIVA DA COLETA DE DADOS.....	185
APÊNDICE 2 – RELAÇÃO DOS PERFIS POR GRUPO FOCAL	186
APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	187
APÊNDICE 4 – ROTEIRO PARA OS GRUPOS FOCAIS.....	188
APÊNDICE 5 – CONVITE PARA OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	190
APÊNDICE 6 – NÓS UTILIZADOS NA ANÁLISE DOS GRUPOS FOCAIS	191
APÊNDICE 7 – EXEMPLO DE ORGANIZAÇÃO DO BANCO DE DADOS	193

INTRODUÇÃO

Desde os semestres iniciais da minha formação em Ciências Sociais, percorri um caminho ao longo do qual muitas vezes ocupei espaços diversos. Já de início, eu era aquela que já tinha experiência no mercado de trabalho, pois meus colegas de classe me conheciam como a produtora cultural; já para meus colegas de trabalho, eu era a acadêmica. Com o passar do curso, nas disciplinas de antropologia, eu era tida como “muito socióloga”, e nas de sociologia, “muito antropóloga”, ou seja, minha perspectiva teórica também foi sendo atravessada por linhas que, aparentemente, deveriam ter seus limites bem claros.

Acabei vivenciando os eventuais estranhamentos que essa postura provocava em duas situações importantes: a primeira ocorreu em meados de 2009, na tarde em que, sentada numa mureta do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, aguardava meu orientador para lhe entregar a versão impressa do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Uma ex-professora de sociologia passa por mim e, depois de conversarmos um pouco e de ela descobrir que aquele era meu último passo rumo à conclusão do curso de graduação, pede para ver o meu trabalho. Após folhear as páginas, ela detém-se naquelas nas quais fotos foram impressas e logo sentencia: “Fotos no TCC? Que estranho, isso é coisa de antropólogo!”. Sorrio sem graça pela aparente gafe metodológica. Para completar, ainda no mesmo diálogo, surge outra observação por parte dela não menos desencorajadora: “Pesquisar movimentos sociais de juventude? Não é meio ultrapassado?”.

Tempos depois, em outra etapa da minha formação acadêmica, percebi mais uma vez que meu percurso cruzava outra fronteira. Ao chegar para me apresentar ao meu tutor na *Facultad de Ciencias Políticas y Sociología* da *Universidad Complutense de Madrid*, onde fiz meu estágio doutoral, explico rapidamente que estou em busca de uma formação mais consistente em métodos de pesquisa. Ele me ouve com atenção, mas acha um pouco engraçado quando falo que gostaria de trabalhar com etnografia *online*, e com não análise quantitativa. Também dentro dessa mesma dinâmica, o resto do processo de doutorado não poderia ter sido diferente. Durante os dois primeiros anos, dividi meu tempo entre ser professora de sociologia para estudantes do ensino médio e ser estudante de doutorado no IFCH.

Mas foi no ambiente profissional que observei algumas transformações nas relações que passavam a ser mediadas pelas plataformas de mídias sociais e borravam as fronteiras entre o público e o privado. Em maio de 2012, num sábado escolar, eu estava na escola em que leciono, com meu melhor figurino de “professora” séria e compenetrada, tentando me lembrar de todos os rostos e nomes dos mais de 500 estudantes para os quais eu lecionava a fim de dar um parecer à altura da expectativa dos pais e mães que iam buscar o boletim escolar e saber do desempenho de seus filhos. O que me custava muito, visto que eu convivía apenas e exatos 45min por semana com eles. Fiquei feliz em ver que a mãe que adentrara a sala estava acompanhada da adolescente para quem eu lecionava no 2ª ano, não sendo assim preciso que eu fizesse esse esforço abstrato de relacionar nome e fisionomia. Fiz um comentário generalizado e cheio de sorrisos (a estudante era um exemplo mesmo) até ser interpelada pela espontaneidade juvenil: “*Sora, vi que tu confirmou na Marcha das Vadias no domingo, minha mãe não quer deixar ir!*”.

Fiquei completamente sem ação, gaguejei um pouco e em poucos segundos uma série de questionamentos passou pela minha cabeça: 1) Como ela sabe? Ah, confirmei no evento do *Facebook* e ela é minha amiga lá. 2) O que essa mãe vai pensar ouvindo a filha dizer que a professora dela vai em qualquer coisa que tenha a palavra “VADIA” associada? 3) Será que essa mãe sabe o que significa esse protesto e como ele começou?

A entrada em nossas vidas das plataformas de mídias sociais, ao longo dos anos, alterou sobremaneira os nossos hábitos, relacionamentos e possibilidades de conexão e atuação. Quando a geração anterior à minha criou um perfil no *Facebook* e começou a interagir por lá, vimos outra parte dos hábitos se transformarem. Pessoas com as quais tínhamos pouco ou nenhum contato estavam tão atualizadas de nossos passos quanto quem convivía diariamente conosco.

Aquelas esferas que antes eram bem delimitadas – tanto do ponto de vista de qual máscara escolhíamos usar para interagir, quanto em qual tempo e espaço esta interação ficava circunscrita – foram totalmente borradas pelo *Facebook*. As definições de público e privado precisaram ser reatualizadas. Mas até aprendermos isso, uma série de inovações, constrangimentos e situações não previstas vieram à tona.

Um exemplo significativo e de grande repercussão (assim como consequências) foi o caso da professora da PUC-RJ que, enquanto aguardava seu

embarque no Aeroporto Santos Dumont, respondeu com uma foto e um comentário à inocente pergunta que o *feed* de notícias do *Facebook* fazia: “No que você está pensando?” (figura 1).



Figura 1: Post Aeroporto ou Rodoviária?
Fonte: Folha de São Paulo, 17 de fevereiro de 2014.

Se para a professora em questão não havia nada de mais em explicitar tal pensamento, certamente alguém de sua lista de contatos não concordou com a exposição nem com os comentários realizados pelos amigos dela, todos também professores universitários. A publicação foi compartilhada, viralizou e causou uma série de constrangimentos, debates políticos até o afastamento¹ temporário da professora de uma função de coordenação na universidade.

Embora o conteúdo seja radicalmente diferente, uma das participantes desta pesquisa vivenciou uma situação semelhante à da professora universitária quando publicou algo de forma inocente, sem imaginar as consequências desta ação:

Eu tenho um exemplo de como as redes sociais funcionam porque eu leciono português para os haitianos. Eu faço trabalho voluntário aos domingos e, outro dia, tem aquela partezinha quando tu abre o *Facebook*: – O que você está pensando? e eu botei, sem muita pretensão, eu botei: – estou muito preocupada com o frio que está chegando. Os meus alunos

¹ Segundo informações da *Folha de São Paulo*, publicada na reportagem Professora que ironizou passageiro de bermuda é afastada na PUC-RJ, de 17 de fevereiro de 2014.

estão despreparados. Quarenta pessoas compartilharam! Dois, três dias depois eu recebi um telefonema da Record, não sei como chegou na TV Record... Aí fizeram uma reportagem e até agora estou recebendo roupas. Domingo, eu até pedi para me emprestarem o salão de festa [do prédio] porque eu não tinha mais espaço dentro da minha casa. Eu comprei um monte de sacolas e comecei a organizar, a tirar tudo... Enfim, o resultado foi muito bom graças ao *Facebook*, ele tem esse poder assim... (Perfil U, grupo focal)

Embora o *poder* do *Facebook* não seja o objeto central desta tese, este estudo trata sobre a forma como se dá esse *poder* e como a consequente mudança impactou âmbitos diversos de nossa vida. Ao fazer o recorte específico de meus interesses de pesquisa, tento compreender como a política, em termos amplos, e o desenvolvimento dessas tecnologias de informação e comunicação foram afetados mutuamente. Mais precisamente, meu campo de estudo está vinculado aos indivíduos que participam politicamente da vida em sociedade.

Em termos específicos, a motivação de pesquisa para esta tese de doutorado é fruto de um trabalho que começou na época da graduação em ciências sociais com minha participação em pesquisas sobre o engajamento militante de jovens. Lembro que uma indagação de Melucci (2001) marcou profundamente esse período porque quase traduzia minha curiosidade, sintetizando-a em poucas palavras: como os jovens passam da condição de potenciais atores conflitivos para a ação de se envolver em ações contestatórias?

Assim, iniciei um percurso teórico por meio do contato com as abordagens sobre os Novos Movimentos Sociais, a Teoria do Processo Político e a *Contentions Politics* de um lado e o debate sobre a sociologia do militantismo de outro. Meu interesse estava em compreender essa passagem da partícula ao átomo, da célula ao corpo, do indivíduo ao coletivo: quais processos envolviam tal transformação? Nesse sentido, o mestrado foi fundamental para organizar uma proposta de modelo teórico que minimamente tentou articular diferentes abordagens teóricas para explicar tal fenômeno e suas nuances, das quais resgato alguns pontos mais adiante.

Em termos contextuais, o início do doutorado foi impactado pelo ciclo de protestos que ocorreu em 2013. Em junho de 2013, mais de um milhão de pessoas foram às ruas em todo o país. Desde as manifestações pelas Diretas Já, o país não via tantas pessoas na rua. Porém, um dos aspectos que chamou a atenção nesse caso foi a rapidez e a amplitude com que as manifestações se espalharam em várias

idades do país. Além disso, a complexidade desses protestos expressou-se na diversidade das reivindicações e dos grupos que ocuparam as ruas. Se, no início das manifestações, tais reivindicações estavam em torno da luta pelo transporte público, logo em seguida, outros temas foram lançados como objeto de manifestações. Ao mesmo tempo, grupos tradicionais da esquerda (sindicatos, partidos políticos), organizações libertárias e anarquistas, pessoas sem histórico de participação anterior em movimentos sociais até grupos organizados a partir de reivindicações de direita (desde neonazistas até grupos contra a corrupção e pelo *impeachment* da presidenta Dilma). O que se via nas ruas era uma polifonia de sons e pessoas, assim como os sentidos das manifestações no Brasil sendo disputados tanto nas ruas como nas redes sociais.

Tal polifonia se expressa claramente, por exemplo, na dinâmica dos temas centrais das manifestações: em 16 de junho, o tema central das postagens nas redes sociais era “preço das passagens” (figura 02); em 19 de junho, esse tema continua central, porém crescem as postagens com as *hashtags* “segurança”, “qualidade do transporte público” e “combate à corrupção” (figura 03); em 21 de junho, a *hashtag* mais citada é “governo Dilma Rousseff” (figura 04).

Como se pode observar nas figuras, as *hashtags* que expressaram as reivindicações iniciais nas manifestações continuaram presentes, mas diminuíram seu número de citações. Tal deslocamento da quantidade de citações de “preço das passagens” para “governo Dilma Rousseff” nas redes sociais (principalmente *Twitter*), verificado entre 16 e 21 de junho, é paralelo à mudança de foco e de atores que os protestos nas ruas do país tiveram. Num primeiro momento, a luta estava restrita ao tema do transporte; porém, em poucos dias, outros grupos foram às ruas fazer suas reivindicações.

Outra cena demonstra a incapacidade que tanto organizações de movimento social quanto estudiosos do assunto tiveram de compreender o que estava acontecendo. Há pouco mais de um ano, ouvi de um militante da organização Levante Popular da Juventude (objeto de minha investigação anterior) que poucos dias antes daquela semana de 16 a 21 de junho de 2013, ele e seus companheiros estavam reunidos num prédio para o encontro semanal da célula. Era um dia de manifestações locais como as que já vinham ocorrendo desde maio, e, do alto do prédio, eles comentavam que “*aquilo ali não ia dar em nada*”, ou seja, nem mesmo o grupo acreditava no potencial daquela movimentação.

Diante desse cenário, a especificidade desse ciclo de protesto lançou algumas questões para os estudiosos do campo da ação coletiva no país. Entre elas, destaco: a ocorrência de uma difusão muito eficaz das manifestações via plataformas de mídias sociais, a mudança de enquadramentos que ocorreu em tão pouco tempo e a emergência de figuras descoladas das tradicionais organizações de movimentos sociais e de partidos políticos. Essas questões contribuíram para originar reflexões que são o tema desta tese.

Ao encarar o processo de pesquisa do doutorado e ser atravessada por esses acontecimentos históricos, principalmente a partir de 2013, no campo dos movimentos sociais no país, a realidade social exigiu novas explicações. De certa forma, as ciências sociais foram chamadas a explicar de que forma uma mobilização tão grande no país (desde o período da redemocratização) e inesperada (!?!) ocorreu em tão pouco tempo. As próprias organizações de movimentos sociais foram pegas de surpresa e tiveram que se ajustar às novas dinâmicas impostas nas ruas.

Isso não se restringiu àquele ano. Em 27 de março de 2014, uma jornalista resolveu iniciar um protesto *on-line* em razão dos resultados de uma pesquisa do

IPEA divulgada naquele dia informando que 65% dos brasileiros concordavam com a afirmação de que mulheres com roupas expondo o corpo mereciam ser atacadas. Em 5 dias, a adesão ao protesto *on-line* chegava a 44 mil pessoas, mobilizando a mídia no país e no exterior e sendo o tópico mais comentado nas redes sociais naquele momento. No final de 2015, uma série de campanhas de cunho feminista como #meuprimeiroassedio, #meuamigosecreto e manifestações contra o PL 5069/2013², e pelo #foracunha protagonizadas por mulheres em plataformas de mídias sociais ficaram conhecidas como a Primavera das Mulheres.

Páginas no *Facebook*, canais surgidos no *Youtube*, perfis no *Twitter* que despontaram em 2013 com as *hashtags* contra a corrupção e pelo *impeachment* de Dilma Rousseff fortaleceram-se e tiveram ampla difusão nos anos que se seguiram. Os anos de 2014 e, principalmente, 2015 foram marcados pela ascensão da chamada “nova direita”. O Vem pra Rua, Movimento Brasil Livre (MBL), Revoltados Online, Movimento Contra a Corrupção, para dar somente alguns exemplos, inflados pela realização da Copa do Mundo no país (hospital padrão FIFA!) e a disputa presidencial em 2014 inauguraram a onda da tal “polarização” na qual o país mergulhou. E que se aprofundou durante todo o ano de 2015, 2016...

A impressão que se tem é que nunca se falou tanto em política como nesses últimos anos. Mais que falar, nos foi exigido posicionamentos, sob a ameaça de sermos o “isentão” ou a “isentona”, aqueles que ficaram em cima do muro. Havia que se escolher, publicar foto com o Pixuleco ou publicar “Lula ladrão, roubou meu coração!”. Talvez sempre se tenha falado muito em política, mas nas conversas informais, na fila do banco, na mesa de bar, nos intervalos do trabalho, com o passageiro do lado sentado no banco de ônibus, com o taxista. A diferença fundamental é que essas conversas não ficavam registradas, não eram acessíveis a públicos diversos e não poderiam ser resgatadas para “provar” uma eventual contradição ou cobrar uma eventual tomada de posição. Ao mesmo tempo, a dinâmica de interação dessas plataformas exige que se interaja, alimente a busca por *likes*, forneça acesso a diferentes tipos de mensagens, fontes, memes, páginas que utilizam ironia e humor para atrair nossa atenção. Em termos contextuais, foi o desenrolar desse cenário que alimentou a formulação desta pesquisa. Em termos

² O projeto de lei de autoria de Eduardo Cunha, entre outros, tipifica como crime contra a vida o anúncio de meio abortivo e prevê penas específicas para quem induz a gestante à prática de aborto.

conceituais, passo a apresentar, de forma breve, algumas considerações sobre o debate acadêmico em jogo.

A discussão em torno da relação entre os processos de contestação e o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) ganhou maiores proporções nos últimos anos. O uso da Internet por meio das plataformas de mídias sociais, principalmente *Twitter* e *Facebook*, foi fundamental para a articulação e propagação de ações contenciosas (BENNETT e SEGERBERG, 2012), pois essas plataformas digitais foram utilizadas como ferramentas de difusão e organização dos protestos e de divulgação, em tempo real, da repressão sofrida pelos manifestantes, forçando a grande mídia a também noticiar os acontecimentos, retroalimentando-os assim.

Uma breve revisão da literatura realizada sobre as relações entre os processos de contestação e as TICs (SILVA, 2014) apontava duas questões no debate teórico estabelecido: a) como os agentes envolvidos nos processos de mobilização contestatória utilizam as TICs? (CASTELLS, 1999; DARTNELL, 2006; D'ANDRÉA; ALCÂNTARA, 2009; DELLA PORTA; KRIESI, 1999; EARL *et al.*, 2010; KECK; SIKKINK, 1998; SCHERER-WARREN, 1999; TARROW, 2005) e b) como as TICs incidem sobre os processos de mobilização contestatória, transformando, de forma mais ou menos profunda, suas características e dinâmicas tradicionais? (BENNETT; SEGERBERG, 2012; GARRETT, 2006; VAN DE DONK; LOADER; NIXON; RUCHT, 2004) (SILVA, 2014, p. 4/5).

Um dos argumentos centrais presentes nessa literatura defende que a Internet reconfigurou, de maneira mais ou menos profunda, a forma como as pessoas estruturam suas redes de relações e as utilizam para resolver problemas, aprender, tomar decisões e dar apoio aos outros (RAINE, WELLMANN, 2012). E, ao pensar nos processos de ação coletiva, um dos consensos existentes é de que a Internet diminuiu os custos da participação, tanto para organizações quanto para indivíduos, aumentando as possibilidades e o espectro de participação política (ANDUIZA *et al.* 2009).

Para Raine e Wellmann (2012), as redes sociais mediadas pelas TICs têm gerado mais diversidade nos relacionamentos, criando pontes e possibilitando aos sujeitos capacidade de manobra em diversas situações. Porém, nas mesmas existem algumas tensões, como a significativa diversificação das inserções sociais e,

com isso, a dificuldade de se conciliarem demandas de vários "mundos" conflitantes. Os autores chamam de individualismo em rede de um

[...] "Sistema operacional" porque descreve as maneiras pelas quais as pessoas se conectam, comunicam e trocam informações. Nós também usamos a frase porque destaca o fato de que as sociedades – como sistemas de computadores – têm estruturas em rede que oferecem oportunidades e restrições, regras e procedimentos. A frase ecoa a realidade da tecnologia de hoje: a maioria das pessoas brinca e trabalha usando computadores e dispositivos móveis que funcionam com sistemas operacionais. Como a maioria dos sistemas operacionais de computador e todos os sistemas móveis, o sistema operacional de rede social é pessoal – o indivíduo está no centro autônomo assim como está se conectando de seu computador; multiusuário – as pessoas estão interagindo com numerosos diversos outros; multitarefa – as pessoas estão fazendo várias coisas; e multiprocessamento – eles estão fazendo-os mais ou menos simultaneamente³. (RAINE, WELLMANN, 2012, p. 7)

Portanto, para os autores, o foco de investigação passa a ser a rede dos indivíduos conectados, e não grupos claramente delimitados. Embora esses indivíduos tenham mais autonomia para agir do que no passado, as TICs exigem novas habilidades e estratégias para lidar com problemas, visto que os indivíduos estão inseridos em mundos sociais diversos, executando distintas atividades simultaneamente. Neste sentido, a análise sociológica precisa utilizar os dados de forma que, qualitativamente, percebam-se as redes sociais como unidades de análise que possibilitam aprofundar os reais *clusters*, clivagens e conexões nas sociedades, entendendo como as pessoas agem em um contexto no qual processos aparentemente contraditórios – individualização e conexão – intensificam-se e articulam-se.

Ainda segundo os autores, as conexões entre as pessoas afetam as possibilidades e limitações em seu comportamento, principalmente no que se refere à circulação de informações entre laços fracos de uma rede social. Sabendo-se que os laços fortes são aqueles que conectam indivíduos muito próximos e que os laços

³ Tradução de: [...] "operating system" because it describes the ways in which people connect, communicate, and exchange information. We also use the phrase because it underlines the fact that societies — like computer systems — have networked structures that provide opportunities and constraints, rules and procedures. The phrase echoes the reality of today's technology: Most people play and work using computers and mobile devices that run on operating systems. Like most computer operating systems and all mobile systems, the social network operating system is *personal* — the individual is at the autonomous center just as she is reaching out from her computer; *multiuser* — people are interacting with numerous diverse others; *multitasking* — people are doing several things; and *multithreaded* — they are doing them more or less simultaneously.

fracos são aqueles que conectam indivíduos que "se conhecem", mas não dividem intimidade (GRANOVETTER, 1973; McADAM; PAULSEN, 1993), existe uma ampliação significativa da possibilidade de acessar laços fracos via redes sociais digitais. Por consequência, as pontes entre as redes de duas pessoas podem ser conectadas por outras pessoas, lugares ou sites, e os laços fracos, muitas vezes, serão úteis para se obter uma série de informações (RAINE, WELLMANN, 2012).

O individualismo em rede torna as pessoas “o centro da sua própria rede pessoal: um sistema solar de uma a mais de duas mil pessoas orbitando em torno de nós. Cada pessoa tornou-se um painel de comunicação e informação que liga pessoas, redes e instituições⁴” (RAINE, WELLMANN, 2012, p. 55). Isso possibilita que cada pessoa seja uma espécie de portal de informações para os outros membros da sua rede, possibilitando-lhes o acesso a pessoas, informações e interesses que poderiam estar fora de seu círculo social (RAINE, WELLMANN, 2012). Dessa maneira,

as pessoas não estão sozinhas, mas estão conectadas com muitos outros em uma variedade de círculos sociais que lhes fornecem carteiras diversificadas de capital social. A mudança de grupos para redes afeta o comportamento das pessoas e os cálculos sobre suas estratégias sociais [...]⁵. (RAINE, WELLMANN, 2012, p. 55/56)

No entanto, alguns estudos mostram que essa conectividade não é ilimitada (pelo menos no *Facebook* e *Google*) e que essa variedade de círculos sociais pode diminuir a partir das relações estabelecidas nas redes sociais digitais ao se criarem as chamadas bolhas de informação. Os sistemas de buscas e plataformas de relacionamento são programados a partir de algoritmos que elegem o que cada indivíduo poderá ver em seu *feed* de notícias a partir das interações pré-estabelecidas com seus contatos. Esse processo ficou conhecido como o filtro invisível (PARISIER, 2012).

Bennett e Segerberg (2012) desenvolveram uma série de estudos, baseados na noção de individualismo em rede, sobre o impacto das TICs nos processos

⁴ Tradução de: “*the center of his or her own personal network: a solar system of one to two thousand and more people orbiting around us. Each person has become a communication and information switchboard connecting persons, networks, and institutions*”

⁵ Tradução de: “*people are not alone, but connected with many others in a variety of social circles that provide them with diversified portfolios of social capital. The shift from groups to networks affects people’s behavior and calculations about their social strategies [...]*”

contestatórios. Os autores têm aportado para uma mudança na lógica da ação que envolve as mobilizações sociais. Dessa forma, para eles, a literatura precisa mobilizar outras categorias analíticas para apreender a dinâmica e a qualidade das modificações que vem ocorrendo nos últimos anos em processos como a Primavera Árabe, o 15M e o *Occupy Wall Street*.

Para os autores, esses processos expressam a emergência de uma outra lógica de ação, não mais coletiva, mas sim *conectiva*, ou seja, tipicamente individualizada e tecnologicamente organizada⁶. São esses conjuntos tecnicamente organizados que resultam em ações de mobilização sem o requerimento de uma identidade coletiva ou de organizações que possam responder às oportunidades de ação, elementos centrais para a grande parte das teorias da ação coletiva. Com isso, a mídia digital passa a ser reconhecida como mecanismo organizador da mobilização por possibilitar a conexão de redes interpessoais a partir da interação nas plataformas de relacionamento tecnologicamente mediadas (por exemplo, *Twitter* e *Facebook*).

Nesse sentido, o argumento dos autores é de que é necessária uma compreensão das variações das redes de ação em grande escala nas quais é possível distinguir duas lógicas atuando: 1) a lógica familiar de ação coletiva, associada a altos níveis de recursos organizacionais e na formação de identidades coletivas; 2) a lógica menos familiar de ação conectiva, baseada no compartilhamento de conteúdo personalizado por meio de redes de mídia (BENNETT, SEGERBERG, 2012).

Dois padrões podem decorrer daí: a) um no qual são as organizações que coordenam as ações de mobilização nos bastidores a partir de uma rede de engajamento público mais ampla as quais utilizam os meios digitais interativos e fáceis de serem personalizados; b) outro que opera a partir de plataformas de tecnologia e aplicações que tomam o papel das organizações políticas estabelecidas, ou seja, é a plataforma que estrutura a mobilização (BENNETT, SEGERBERG, 2012).

6 Os autores não negam a importância das organizações de movimentos sociais e sua existência na sociedade como agentes construtores de ações coletivas. No entanto, alertam que o aporte teórico para explicar as ações coletivas não consegue explicar os recentes processos de mobilizações em suas especificidades.

Segundo Bennett e Segerberg, a ação conectiva está baseada numa fragmentação estrutural e num processo de individualização. Por conseguinte, os processos de individualização são articulados de formas diferentes em diferentes contextos, mas incluem a possibilidade de desenvolverem identidades políticas flexíveis com base nos estilos de vida. A referência de identidade passa a ser manifestada a partir da expressão pessoal em grande escala inclusiva e não mais por meio de grupos.

Com isso, uma enorme variedade de molduras de ação pessoal espalhou-se por intermédio das mídias digitais. A automotivação e o compartilhamento de ideias nas redes dos outros passam a ser o ponto de partida para a ação conectiva. E são as redes de comunicação personalizadas que se tornam a base organizacional da ação na qual os laços fracos assumem importância fundamental (BENNETT, SEGERBERG, 2012).

Portanto, segundo a argumentação dos autores, a ação conectiva tem uma lógica em si e, com isso, suas próprias dinâmicas. À vista disso, o elemento chave desse tipo de ação é a personalização que leva ações e conteúdos a serem distribuídos amplamente nas redes sociais sendo que, diferentemente da ação coletiva, há perda da centralidade das organizações de movimentos sociais e enfraquecimento do papel da identidade coletiva.

Articulado a esse debate era aquele que refletia sobre as mudanças qualitativas da ação coletiva e/ou conectiva e estava inserido na discussão sobre as transformações e modulações do ativismo em decorrência desses processos. Gerava-me um incômodo certas explicações simplistas para se entender o ativismo contemporâneo, que ora era chamado de ativismo preguiçoso (*slacktivism*), ora de *clickativismo*, de ativismo de 5 minutos. Todos estes termos contribuíam mais para uma visão pejorativa do que explicativa do processo. Conforme Tufekci (2014)

[...] o "ativismo preguiçoso" como categoria não é significativo ou explicativo; os atos simbólicos podem ser consequentes, especialmente a longo prazo, em alguns contextos, ao mesmo tempo em que são superficiais e em grande parte irrelevantes em outros. A distinção fundamental para atos simbólicos não é se eles estão on-line ou não, mas o contexto político dentro do qual eles estão comprometidos. Os atos on-line podem ser finos (clique para salvar Darfur) ou repletos de consequências (Ai WeiWei twiteando ou Alexei Navalny blogando). Sua facilidade técnica não capta ou

corresponde, por si só, à profundidade do engajamento⁷. (TUFEKCI, 2014, p. 204/205)

Em vista disso, esta tese pretende articular trabalhos anteriores que tratam sobre os processos de engajamento militante (RUSKOWSKI, 2009; SILVA e RUSKOWSKI, 2010; RUSKOWSKI, 2012; SILVA e RUSKOWSKI, 2016), para, assim, dar continuidade ao desenvolvimento desses estudos. Além disso, nessas pesquisas, elaborou-se um modelo de análise oriundo de uma ampla revisão da literatura, principalmente as abordagens disposicional, identitária e relacional em conjunto com os resultados de pesquisas empíricas desenvolvidas.

Esse modelo abordava uma série de mecanismos que podem (ou não) levar ao engajamento militante. Além disso, percebeu-se que a diversidade de formas de engajamento, por sua vez, deu-se em função de características distintas das organizações pesquisadas, tais como estruturas de mobilização, repertórios de ação e quadros interpretativos. A compatibilidade entre o “estoque” de disposições (LAHIRE, 2003; 2004; 2005; 2008), capacidades e recursos dos indivíduos e essas características organizacionais foi fundamental para a aproximação entre os jovens e as organizações que configuravam seu engajamento.

Um dos elementos centrais desse modelo para a promoção do engajamento é o alinhamento identitário, visto como uma condição necessária à participação continuada. Por meio dele, a ação dos indivíduos orienta-se dentro do quadro interpretativo construído pela organização. O que faz a ponte entre a organização e os indivíduos para ativar ou inibir disposições para se engajar é a construção de laços significativos entre os dois. O engajamento é encarado como um processo relacional constantemente negociado, avaliado e ressignificado, de tal forma que o indivíduo tem que lidar com as tensões apresentadas ao longo da socialização militante.

Diante disso, como pensar o processo de engajamento em ações conectivas? E em que medida esta participação em ações conectivas como “processo de

⁷ Tradução de: [...] “*slacktivism*” as a category is not meaningful or explanatory; symbolic acts can be consequential, especially over the long-term, in some contexts, while indeed being superficial and largely irrelevant in others. The key distinction for symbolic acts 204 *Policy & Internet*, 6:2 is not whether they are online or not, but the political context within which they are committed. Online acts can be thin (clicking to save Darfur) or fraught with consequences (Ai Wei Wei tweeting or Alexei Navalny blogging). Their technical ease does not by itself capture or correspond to the depth of the engagement.

engajamento” pode ser conceituada? Considerando-se os autores citados anteriormente (BENNETT, SEGERBERG, 2012; RAINIE; WELLMANN, 2012; BENNETT; SEGERBERG; WALKER, 2014), há características fundamentais que condicionam o engajamento, tais como: a relação e o papel que as organizações ocupam, a construção de uma identidade de grupo e a adesão de tipo mais duradoura em causas coletivas. Entretanto, essas não estariam presentes em algumas mobilizações contestatórias atuais, ao mesmo tempo em que as interações em rede, principalmente entre laços fracos, assumiriam papel preponderante para a construção e difusão das mobilizações contestatórias.

Quando Diani (2003) definiu o conceito de movimentos sociais como redes de indivíduos, grupos, associações e organizações que interagem de modo informal em busca de metas e objetivos comuns, ele relembra que é preciso uma ampliação do olhar para além das organizações: as plataformas de mídias sociais deram um corpo à rede difusa de indivíduos que atuam em defesa de causas sem pertencimento organizativo. Além disso, estes mesmos indivíduos também foram transformados por essa possibilidade de novas dinâmicas de atuação. Mas, na perspectiva de Diani, o que possibilita aos indivíduos darem sentido à ação coletiva da rede é a identidade coletiva.

Assim, se no trabalho anterior eu buscava compreender os processos pelos quais indivíduos ativavam e transformavam seu engajamento de forma a constituir um núcleo duro e assim compreender os processos de mobilização social, nesta tese o esforço é de conhecer as características e as formas de expressão desse tipo de ativismo tecnologicamente mediado. O extrato a seguir sintetiza, de certa forma, o que esta tese está preocupada em entender. Uma das participantes do grupo focal, ao ser perguntada se participa de algum movimento social, responde:

Eu na verdade não sei o que é participar do movimento social, mas independente da definição eu acredito que eu sou ativamente feminista. Eu acho que sair na rua diariamente já é lutar contra o patriarcado de alguma forma, sei lá... Eu saí sem me importar se eu estava com maquiagem, bem vestida, bonita pra ser vista, eu já fiz alguma coisa feminista. Deixei de me importar, deixei de alisar o cabelo, já fiz alguma coisa feminista. Eu tenho uma tatuagem feminista, sei lá, mostrei pra um machista no trem que eu tenho uma tatuagem, que eu não tenho vergonha de ser feminista mesmo, já fiz uma coisa feminista. Então eu diria que sim, eu sou ativamente feminista do movimento social (Perfil A, grupo focal).

Mas quando perguntada especificamente se ela está vinculada a alguma

organização do movimento feminista, ela responde que não e justifica:

Eu não consigo me encaixar em nenhuma, porque o feminismo liberal eu acho que deixa a desejar em alguns pontos aceitando homens sem um pé atrás. Acreditando que eles podem ser feministas, o que eu discordo porque os homens tendem a tentar protagonizar [...] portanto eu acho que o feminismo liberal não é pra mim, porém o feminismo radical tem o problema de que várias feministas radicais, que quer dizer de raiz, são contra mulheres transexuais pelo fato de que ela nasceram com pênis, considerando que elas são homens e também tem aquela coisa de que todo o homem é um estuprador em potencial, não que ele seja um estuprador, mas também considerar uma mulher trans, nesse caso, como homem eu acho um absurdo horrível, uma falta de respeito gigante com elas. Então eu também não consigo me considerar uma feminista radical, mas eu sou feminista.

Diante deste cenário, a pergunta teórica que se coloca é: **Quais são as características e mudanças qualitativas nas formas de exercício do ativismo contemporâneo a partir da mediação de plataformas de mídias sociais?** Para responder a essa questão, foram selecionados 24 indivíduos que se definiam como atuantes politicamente em plataformas de mídias sociais e agiam em defesa de causas sociais. Eles não têm uma unidade temática em torno de determinadas causas, o que também é uma novidade em estudos relacionados ao impacto das TICS em processos de mobilização, visto que, geralmente, esses estudos dão-se a partir de unidades temáticas oriundas de campanhas, mobilizações ou protestos específicos.

A hipótese de trabalho é de que a mediação das plataformas de mídias sociais reestruturou e deu visibilidade a indivíduos que atuavam de maneira informal em defesa de causas sem precisarem de uma mediação organizativa. E foi a partir da reconfiguração das noções de público e privado e da ocorrência de contextos colapsados pela mescla de diferentes esferas de vida que se chocam na plataforma de mídia social que a politização desses ambientes cresceu.

A questão torna-se complexa, pois a mediação tecnológica não só faz o ativismo visível, mas é sua “causadora”, ou seja, este tipo de ativismo só é possível pela tecnologia. No entanto, ele não é determinado pela tecnologia, visto que existem diferentes modulações nesse ativismo, que não são explicadas pela tecnologia, mas têm a ver com trajetórias e com a forma como as pessoas constroem/se vinculam/se identificam/se com causas em diferentes momentos de sua vida.

O primeiro capítulo apresenta o referencial teórico e as dimensões de análise que sustentam esta investigação. Dessa forma, divide-se em oito seções que têm a função de subsidiar o debate teórico. Na primeira seção, apresento algumas implicações e considerações teóricas as quais a realização de um estudo empírico sobre o *Facebook* precisa levar em consideração. Após isso, retomo a discussão teórica sobre engajamento e o modelo de análise a partir de mecanismos causais. Recupero, logo a seguir, o conceito de ativismo e como esse é compreendido a partir de diferentes entradas. Com base nos conceitos teóricos de engajamento e ativismo apresentados, faço uma breve discussão sobre os embates em torno da participação política nos últimos anos. Essas quatro seções são a base para a compreensão segundo a qual publicar no *Facebook* é fazer política.

Com isso em mente, resgato o conceito de identidade coletiva e como as críticas ao conceito de ação conectiva são importantes para avaliarmos de que forma a identidade está presente nesses processos. Por fim, faço uma breve discussão sobre a importância dos laços digitais em substituição à centralidade que organizações de movimento social ocupam nos estudos do campo. Na última seção, dedico-me a apresentar as dimensões que foram consideradas para se definir operacionalmente a pesquisa.

O segundo capítulo apresenta os procedimentos metodológicos que orientaram o desenho de pesquisa. Nesse sentido, partiu-se da estratégia de *Thickening data* para que os dados fossem passíveis de serem analisados sem que se recorresse a processos automatizados. As técnicas de coleta e análise dos dados foram relatadas assim como uma reflexão sobre os limites éticos e as possibilidades desse tipo de abordagem proposto.

O capítulo III apresenta as análises realizadas e está dividido em cinco seções. A primeira faz um apanhado de questões relacionadas às estratégias de uso, à interferência do contexto e à relação com as audiências invisíveis para os participantes. A segunda seção traz uma análise quantitativa a partir de técnicas de clusterização e análise de frequência de palavras com base em análise de conteúdos das temáticas publicadas pelos perfis estudados. Essas análises mostram a divisão dos participantes em três grupos por centralidade de temáticas. O primeiro grupo, denominado A, é apresentado na sua totalidade, visto que é composto por apenas três indivíduos. O grupo B, comporta o maior número de perfis e com maior diversidade de características. Faz-se uma apresentação geral e destaca-se a rotina

de publicações de outros três perfis. O mesmo ocorre com o grupo C: descrição geral dos dois clusters que o compõem e a análise de mais três perfis que apresentam características importantes para a tese aqui apresentada. A última seção desse capítulo dedica-se a ressaltar determinadas características e dinâmicas que auxiliam no entendimento sobre o ativismo tecnologicamente mediado.

As considerações finais retomam pontos importantes levantados na discussão teórica, metodológica e análise de dados. Com isso, faço uma discussão sobre a hipótese de pesquisa e os possíveis desdobramentos para estudos futuros.

1 MARCO CONCEITUAL E DIMENSÕES DE ANÁLISE

1.1 FACEBOOK: AFFORDANCES E DINÂMICAS DE INTERAÇÃO

Como cada plataforma de mídia social tem *affordances* e dinâmicas próprias de interação (BOYD, 2010), nesta análise é imprescindível levar em consideração tais especificidades. A escolha pelo *Facebook* como *locus* da pesquisa deu-se justamente devido ao fato de ser nessa plataforma de mídia social que ocorre a maior inserção do público brasileiro de a mesma ter sido um canal importante de comunicação e conversação sobre política nos últimos anos.

Em maio de 2017, Mark Zuckerberg anunciou os dados de acesso de suas plataformas de mídias sociais. O *Facebook* possui 1,9 bilhões de pessoas inscritas entre as quais 1,2 bilhões fazem acesso diário à plataforma. O público brasileiro tem 102 milhões de usuários ativos mensais, do quais 93 milhões acessam via dispositivos móveis⁸, ou seja, 8 em cada 10 brasileiros conectados estão no *Facebook*⁹. Ao considerar a plataforma de mídia social como o principal local da realização desta investigação, faz-se necessário descrever, de forma mais ou menos resumida, as principais características da interação social neste local que são possibilitadas pela arquitetura da plataforma.

Os públicos em rede (BOYD, 2010) são públicos que são reestruturados por tecnologia em rede. Segundo essa noção, a arquitetura de um ambiente molda o envolvimento dos participantes a partir dos recursos disponibilizados por esses ambientes, sendo que a interação realizada num ambiente e moldada por esses recursos distingue-se do conceito recorrente de público. Dessa forma, os sites de redes sociais¹⁰ fazem com que novas dinâmicas de interação emergam e moldem a participação dos indivíduos de forma distinta; no entanto, este processo é reorganizado de acordo com o fluxo de informações e a forma como as pessoas

⁸ Dados retirado do site < <https://www.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses>> Acesso em 14/07/2017.

⁹ Dados retirados do site <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/01/facebook-revela-dados-do-brasil-na-cpbr9-e-whatsapp-vira-zapzap.html> Acesso em 14/07/2017.

¹⁰ Boyd (2010) conceitua o *Facebook*, entre outros, como um site de rede social. Neste trabalho, adota-se a conceituação de Bennett e Segerberg (2012) que entendem o *Facebook* como uma plataforma de mídia social devido a todos os recursos oferecidos pelo serviço e que, ano a ano, se desenvolvem mais.

interagem entre si e com as informações geradas na rede. Por isso, é importante considerar as *affordances* do ambiente pesquisado para poder mensurar e compreender a dinâmica de interação possível de ser gerada nestes ambientes (BOYD; ELISSON, 2007; BOYD, 2010). Além disso, ainda segundo boyd (2010), são os recursos que permitem ao usuário construir um perfil público articulado a uma lista de amigos com os quais é possível manter vinculação assim como a possibilidade de visualização das conexões realizadas entre os amigos e as do próprio usuário dentro do sistema que definem os sites de redes sociais.

O site de rede social *Facebook* detém os quatro recursos que a autora considera fundamentais para que se entenda o processo da construção dos públicos em rede (BOYD, 2010). Primeiramente, os perfis são criados de forma ativa pelo participante e têm a função de apresentar o indivíduo, que está ciente de que seu perfil será visto pelos outros participantes da rede. Porém, essa autorrepresentação não acontece de forma totalmente controlada, pois é possível haver interferências de outros participantes no perfil a partir de imagens e comentários. Geralmente, os perfis são semipúblicos, pois dessa forma o usuário pode controlar qual público terá acesso ao seu perfil e visualizar suas atividades na rede (BOYD, 2010).

O segundo recurso é a lista de amigos. A autora escreve que “a lista de amigos é tanto política quanto social¹¹” (BOYD, 2010, p. 5), pois a exigência de confirmação mútua dos usuários para se estabelecer a conexão entre dois perfis gera ganhos e perdas quando se aceita ou rejeita um convite de amizade de forma explícita. A lista de amigos pode ser considerada um retrato do mundo social dos participantes já que inclui pessoas próximas, conhecidos (do presente ou do passado), pessoas que têm a admiração do participante e laços periféricos em geral (BOYD, 2010).

Já as ferramentas para comunicação pública são uma forma de apoiar interações. “Os comentários não são simplesmente um diálogo entre dois interlocutores, mas uma performance de conexão social diante de um público mais amplo” (BOYD, 2010, p. 6)¹². Por fim, existem as atualizações que são baseadas em um fluxo contínuo que possibilitam acompanhar as publicações dos perfis que compõem a sua rede, interagir com elas e até mesmo recriá-las para outros usos.

¹¹ Tradução de: “*the list of friends is both political and social*”.

¹² Tradução de: “*Comments are not simply a dialogue between two interlocutors, but a performance of social connection before a broader audience*”.

Em suma, os sites das redes sociais são públicos tanto por causa das maneiras como eles conectam pessoas em massa e por causa do espaço que proporcionam para interações e informações. Eles são públicos em rede por causa das formas em que as tecnologias em rede os moldam e os configuram.¹³ (BOYD, 2010, p. 6)

Conforme resume Recuero, baseada em boyd (2010),

Dentre as características do espaço, estão: 1) a permanência dos textos, ou seja, o fato de que as interações (textos) tendem a ficar inscritas na rede e ali permanecerem; 2) a “buscabilidade” dos textos, que são recuperáveis; 3) a replicabilidade dos textos, que podem ser reproduzidos facilmente e de forma fiel, o que leva a; 4) a escalabilidade, ou seja, o potencial de alcance e multiplicação desses textos. Já entre as características das dinâmicas desses públicos, contam-se: 1) a presença de audiências invisíveis, ou seja, o fato de que os participantes não estão completamente visíveis/discerníveis na rede; 2) o colapso dos contextos, marcado pela permeabilidade das fronteiras temporais da Rede; 3) o frequente “borramento” das fronteiras entre o público e o privado. (RECUERO, 2014, p. 291)

Do ponto de vista da relação entre *affordances* de redes e a organização de protestos em larga escala, uma importante inflexão é introduzida por Bennett, Segerberg e Walker (2014). Esses autores propõem-se a entender como protestos em larga escala ocorrem e como a organização da multidão é produzida mesmo com a ausência de líderes, de objetivos comuns ou de uma estrutura de mobilização convencional. A partir da lógica da ação conectiva, os autores sugerem que os participantes se envolvem em ações desse tipo porque encontram um quadro de ação personalizável (*we are the 99%* e *#yosoy132*¹⁴) que pode ser facilmente compartilhado por meio de redes de mídia digital e que permite emoldurar facilmente o entendimento de problemas comuns. Esses movimentos têm como pontos fortes a grande capacidade de atingir públicos em grande escala e a flexibilidade para mediar multidões deslocando focos de emissão e ação tática numa velocidade alta (BENNETT; SEGERBERG; WALKER, 2014).

Tais autores constroem um quadro teórico interessante na medida em que chamam atenção para as propriedades organizacionais entre populações

¹³ Tradução de: “*In short, social network sites are publics both because of the ways in which they connect people en masse and because of the space they provide for interactions and information. They are networked publics because of the ways in which networked technologies shape and configure them*”.

¹⁴ A primeira frase refere-se ao movimento Occupy Wall Street e a segunda ao vídeo no qual 131 estudantes protestavam contra o candidato presidencial do PRI, o que desencadeou uma série de manifestações no México em 2012.

individualizadas que utilizam as redes de mídia para superar e transcender as interações face a face, a partir de um compartilhamento automotivado (BENNETT; SEGERBERG; WALKER, 2014). Para tanto, os autores investigam a partir de técnicas de *big data* quais são os mecanismos que criam e sustentam a organização de protestos em grande escala. O foco de sua pesquisa está em compreender o papel da comunicação e como os projetos produzidos por pares constituem uma espécie de andaime ideológico e estrutural ao criarem uma série de microrrotinas discursivas e tecnológicas que animam a ação conectiva (BENNETT; SEGERBERG; WALKER, 2014).

Os mecanismos identificados pelos autores foram: produção, curadoria e integração dinâmica. A produção envolve a criação e a divulgação de vários tipos de recursos dentro de uma rede de ação. Envolve o conteúdo criado ou distribuído por intermédio de uma plataforma de compartilhamento em toda rede de usuários, por exemplo, *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, sites ou *blogs*.

A curadoria envolve a preservação, manutenção e classificação de ativos digitais criados no processo de produção. As medidas empíricas de curadoria podem incidir sobre a negociação e a seleção de conteúdo a serem preservadas, envolve as *affordances* para se acessar e compartilhar esse conteúdo, a distribuição de arquivos por meio de sites que compartilham um conjunto de recursos comuns (desde arquivos de música ao desenvolvimento de *softwares* ativistas). A curadoria pode também implicar a criação de normas e de limites em comunidades de usuários específicas e das suas plataformas.

A integração dinâmica diz respeito ao contato, transmissão e comutação entre os diferentes atores, redes, plataformas e tecnologias, isto é, a capacidade de integrar diferentes redes. Esse mecanismo é responsável pela comutação e vinculação de *affordances* como padrões de ligação encontrados na co-ocorrência, ao longo do tempo, de *hashtags* dirigidas em *tweets*, por exemplo.

Portanto, entender a emergência de protestos em larga escala e as possibilidades de manifestação do ativismo tecnologicamente mediado passa por compreender a arquitetura específica de cada plataforma de mídia social e suas implicações para a interação social. Com isso, vê-se um campo de possibilidades distintas de acordo com as performances de conexão e os públicos em rede e a forma como cada indivíduo se apropria ou não dos mecanismos de produção, curadoria e integração dinâmica.

1.2 ENGAJAMENTO COMO PONTO DE PARTIDA

O campo de estudos sobre engajamento é consolidado internacionalmente e, no Brasil, mostra-se ainda de forma insipiente mesmo que, ao longo dos últimos anos, tenha ocorrido um aumento no número de pesquisas e de publicações sobre o tema (BRENNER, 2011; SEIDL, 2009; CARRANO, FÁVERO, 2014; MORENO; ALMEIDA, 2009; RUSKOWSKI, 2012). A trajetória de pesquisa sobre processos de mobilização da juventude desenvolvida até aqui (RUSKOWSKI, 2009; SILVA, RUSKOWSKI, 2010; SILVA, RUSKOWSKI, 2016) permitiu investigar condições e mecanismos¹⁵ que explicam diferentes formas de engajamento entre os jovens. E foi, sobretudo, durante a pesquisa realizada no Mestrado em Sociologia que pude elaborar algumas reflexões sobre o processo de engajamento, entendido “*como toda forma de participação duradoura em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa*” (SAWICKI; SIMÉANT, 2011, p. 201), que rompesse com a tendência de abordar tal processo como resultante de uma conexão simplista entre disposições constituídas na socialização e oportunidades de engajamento (figura 5).

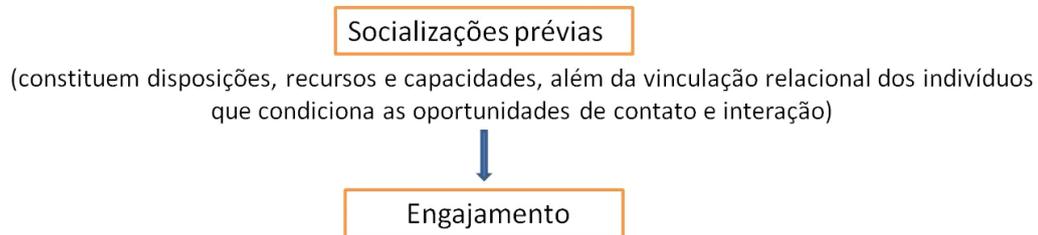


Figura 5: *Relação direta entre trajetórias e engajamento.*
 Fonte: elaboração da autora.

Tal abordagem tende a “tratar as condições necessárias como se fossem condições suficientes para a explicação do engajamento militante” (SILVA, RUSKOWSKI, 2011, p. 5). Dessa forma, ocorre uma “generalização das correlações

¹⁵ Seguindo a perspectiva do realismo causal (ARCHER *et. al.*, 1998; BRANTE, 2001; MANICAS, 2006), parte-se do pressuposto de que os processos sociais são produzidos por meio da combinação de ações/atividades realizadas por entidades dotadas de poderes causais que se fundam nas propriedades específicas daquelas entidades. Tais entidades e as ações/atividades que elas realizam conformam o que a literatura realista conceitua como *mecanismos causais*. Segundo Machamer; Darden; Craver (2000, p.3), “Mecanismos são compostos por *entidades* (com suas propriedades) e *atividades*. As atividades são as produtoras de mudanças. As entidades são as coisas que se dedicam às atividades. As atividades geralmente requerem que as entidades tenham propriedades específicas”.

empíricas observadas entre certas características socioeconômicas e de trajetória e processos de engajamento como se as primeiras, por si mesmas e de maneira direta, explicassem os segundos” (SILVA, RUSKOWSKI, 2011, p. 5).

Como resultado do estudo desenvolvido no mestrado, observou-se que os jovens passaram a engajar-se a partir de mecanismos que, embora fossem mais complexos, eram ao mesmo tempo similares. A diversidade de formas de engajamento, por sua vez, deu-se em função de características distintas das organizações pesquisadas, tais como estruturas de mobilização, repertórios de ação e enquadramentos interpretativos. A compatibilidade entre o “estoque” de disposições (LAHIRE, 2003; 2004; 2005; 2008), capacidades e recursos dos indivíduos e essas características organizacionais foi fundamental para a aproximação entre os jovens e as organizações configurando seu ativismo.

Com efeito, partiu-se do argumento de que o engajamento constitui-se como um processo relacional, a partir de um conjunto de condições que requerem do envolvido certas disposições que abrangem interesses, crenças, valores, e que possibilitem a identificação com uma “causa”, além de competências, recursos e acesso a oportunidades de mobilização. A análise partiu de um ponto de vista individual para explicar de forma não individual o engajamento. Ao relacionarem-se diretamente modalidades de socialização e processos de engajamento, tentou-se suprir a lacuna que os estudos recentes no Brasil deixam.

O modelo de análise dos mecanismos foi elaborado a partir de uma ampla revisão da literatura, principalmente as abordagens disposicional (BOURDIEU, 1989; OLIVEIRA, 2010 e SEIDL, 2009 e 2011), identitária (JOHNSTON; NOAKES 2005; KLANDERMANS, 1992; MELUCCI, 2001; NAUJORKS; SILVA, 2010) e relacional (MISCHE, 1997; PASSY; GIUGNI, 2000; SAWICKI; SIMÉANT, 2009) em conjunto com os resultados de pesquisas empíricas desenvolvidas. O engajamento é um processo social complexo que requer uma explicação causal. Essa explicação é feita a partir da descrição e decomposição de suas causas básicas sendo que, logo a seguir, as mesmas são reunidas em uma explicação mais geral que dá conta de explicitar como o processo acontece (TILLY, 2007).

No modelo proposto (figura 6), as *socializações prévias* constituem disposições, recursos e capacidades, além da vinculação relacional dos indivíduos que condiciona as possibilidades de contato e interação com as oportunidades de engajamento. O mecanismo da *mediação* faz a intermediação entre o contato dos

indivíduos com a organização e interação que se produz derivada das oportunidades de engajamento. O resultado disso será mais ou menos eficaz dependendo da compatibilidade com o estoque de disposições, recursos e capacidades acumuladas na socialização prévia. Após, temos a *interação associativa*, que ocorre em atividades que conformam o cotidiano de interações no grupo e as relações que aí se estabelecem.



Figura 6: *Condições e Mecanismos do processo de engajamento.*
 Fonte: SILVA e RUSKOWSKI, 2016, p. 212

A interação associativa abarca a *socialização militante*, na qual se constroem e/ou se ajustam as disposições produzidas em contato com a organização e que favorecem/enfraquecem o engajamento. É aí que se estabelece a relação entre o estoque de disposições dos atores e os quadros interpretativos da organização. O mecanismo da *conexão estrutural* se constitui pelas relações que vão se construindo nas atividades do grupo, e que estabelecem laços significativos entre os participantes. O grupo passa a se constituir como um espaço de inserção formado por pessoas que o indivíduo considera importantes para si. Podem ocorrer também alguns eventos que justificam para os indivíduos a conexão entre diferentes esferas de vida e o engajamento.

Por fim, o *alinhamento identitário* é uma condição necessária à participação continuada. A ponte entre a organização e os indivíduos se dá a partir da ativação

das disposições para se engajar, requerendo a construção de laços significativos entre os dois. É por meio do alinhamento identitário que a ação dos indivíduos orienta-se dentro do quadro interpretativo construído pela organização. O engajamento é encarado como um processo relacional constantemente negociado, avaliado e ressignificado, de tal forma que o indivíduo tem que lidar com as tensões apresentadas ao longo da socialização militante.

Para Passy (1998), o engajamento individual é a possibilidade de converter em ação inscrita numa duração a identificação com causas e os objetivos dos movimentos, que se constroem a partir de quadros culturais. No repertório contemporâneo, podem-se elencar duas formas de engajamento: a) engajamento organizado (que implica certa continuidade e se faz dentro da estrutura de uma organização de movimento social), e b) engajamento não organizado (que implica certa descontinuidade e se faz através das redes de sociabilidade dos indivíduos).

O engajamento é um fenômeno complexo, uma vez que os indivíduos não participam com a mesma intensidade na ação de uma organização e/ou movimento social. O processo de conversão da identificação em ação também não é igual. Devido a essa complexidade, Passy (1998) centra sua análise na intensidade do engajamento, pois os indivíduos engajam-se com certa intensidade e não se pode analisar isso de forma homogênea. Em investigações preliminares, identificamos que a intensidade do engajamento está vinculada aos mecanismos da interação associativa, da conexão estrutural e do alinhamento identitário. Diversos casos apresentaram situações na qual o engajamento começou com pouca intensidade e, à medida que a interação ocorria, foi se intensificando, mas alguns casos de desengajamento nos quais os envolvidos diminuíram os níveis de ação até abandonar o movimento e/ou organização foram observados também.

Um dos recursos utilizados para apreender tal intensidade foi trabalhar com o conceito de carreira (FILLIEULE, 2001), visto que isso permitiu realizar uma análise da noção de militantismo como processo. Essa noção de carreira permitiu trabalhar o conjunto de questões sobre a pré-disposição ao militantismo, da passagem ao ato, das formas diferentes e variáveis sobre o tempo no qual o engajamento esteve em exercício e a multiplicidade de engajamentos no ciclo da vida.

A necessidade de se entender o fenômeno como *complexo, processual e multifacetado* segue importante, no entanto, permite que se pense que as mudanças

ocorridas na última década trouxeram elementos suficientes para questionar-se o que Passy (1998) chama de engajamento não organizado, o que, para a autora, seria o engajamento em causas realizado de forma pontual e espaçado no tempo. As mudanças das formas de mobilização já citadas brevemente na introdução desta pesquisa requerem mais estudos empíricos sobre o fenômeno. Outra abordagem em relação ao tema que situa-se nos estudos sobre o ativismo é apresentada na sequência de forma sucinta.

1.3 O ATIVISMO É UM ALVO EM MOVIMENTO

O estudo sobre ativismo iniciou nos anos 60 e, pelo contexto da época, estava muito vinculado aos movimentos sociais. De certa forma, a análise sobre um processo quase não se desvinculou do outro. Dessa maneira, o estudo sobre ativismo ficou muito aliado ao estudo de movimentos sociais, de forma que para muitos pesquisadores era difícil pensar em outras esferas do ativismo que não fossem vinculadas a movimentos sociais. Isso se mostrou particularmente nocivo mais recentemente, pois as mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas, principalmente a partir do impacto das tecnologias de informação e comunicação em processos de mobilização, abriram espaço para a emergência de processos de ativismo desvinculados de organizações de movimentos sociais. Esse descolamento evidenciou uma zona cinza na interpretação desses processos por pesquisadores da área.

Joyce (2014) faz um apanhado sobre a forma como o ativismo foi estudado e sobre a origem etimológica da palavra, separando-o em várias dimensões (figura 7). Segundo a autora, os primeiros usos do termo continham um sentido metafísico e macropolítico. Nos anos 1930, a palavra foi usada para nomear o esforço individual feito em busca da transformação social. Já nos anos 1950, o “ativismo passou a significar o envolvimento pessoal em atividades que provocam transformação política e social¹⁶” (JOYCE, 2014, p. 15) e foi esse o significado desenvolvido nas décadas seguintes pelos pesquisadores. Neste sentido, a autora o define como:

¹⁶ Tradução de: *Activism had come to mean personal engagement in activities that bring about political and social transformation.*

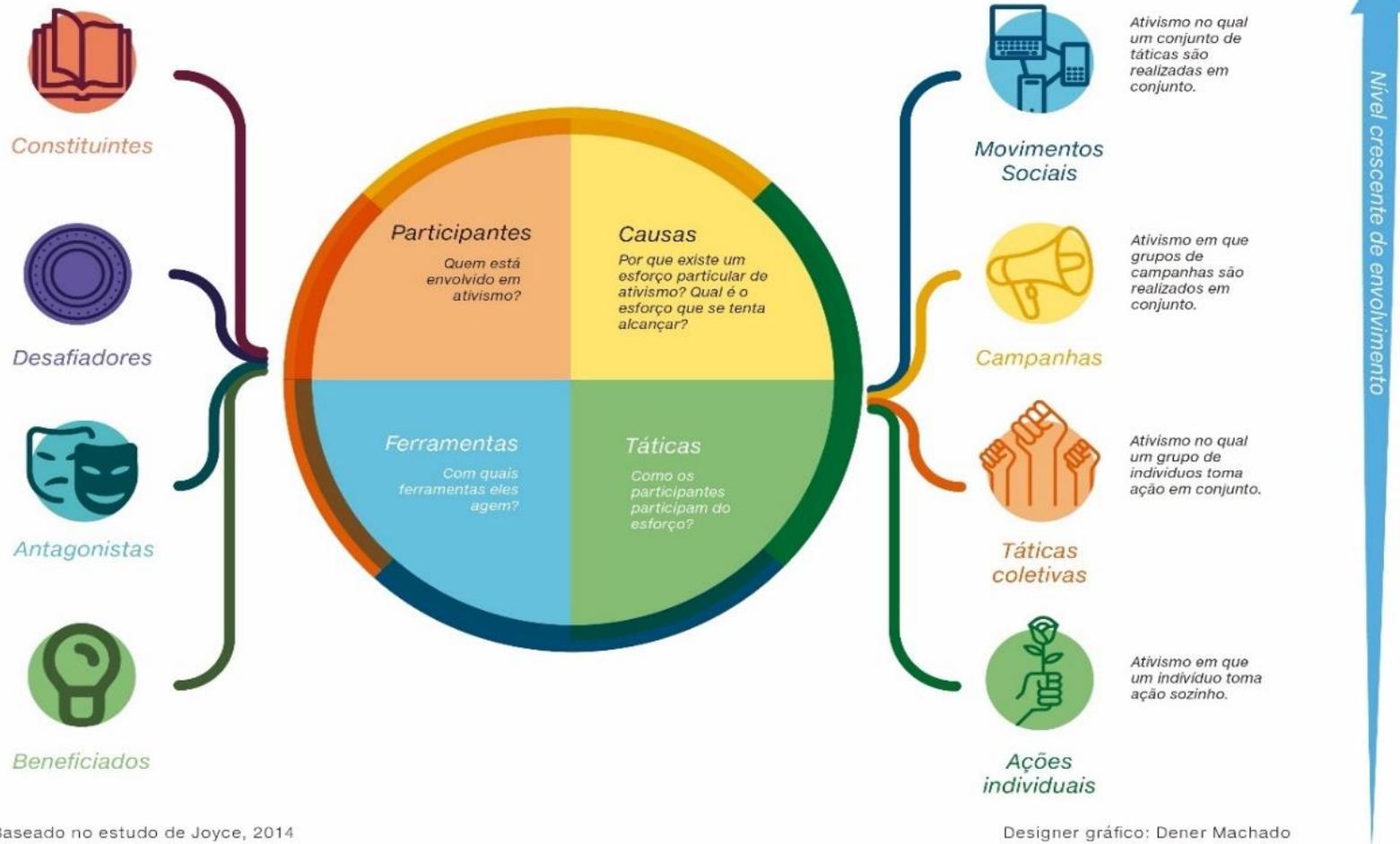
esforços que procuram mudar ou impedir mudanças no status quo para melhorar ou proteger o bem-estar de algum beneficiário ameaçado ou desfavorecido usando métodos não limitados aos meios prescritos e convencionais de influenciar antagonistas.¹⁷ (JOYCE, 2014, p. 27)

Retomando as definições apresentadas de engajamento (SAWICKI; SIMÉANT, 2011) e de ativismo (JOYCE, 2014), nota-se que há um consenso em relação a dois pontos: o envolvimento com uma causa contenciosa (identificação) e uma ação a ser realizada para promover/defender essa causa de forma não convencional ou prescrita. Uma diferença básica entre a definição de engajamento e ativismo está vinculada à *duração*. Sawicki e Siméant destacam o tempo como um fator importante a ser considerado. Passy (1998) também leva em consideração senão a duração, mas a intensidade do envolvimento além da presença ou não de vínculo com a organização.

Para Joyce (2014), é muito difícil encontrar uma definição universal de ativismo, e as análises tendem a contextualizar o ativismo a partir de adjetivos para nomear o que se está pesquisando, de forma que o que é definido teoricamente é a qualidade do ativismo e não o ativismo em si. Por isso, despontam estudos sobre ativismo ambiental, ativismo dos direitos dos animais, ativismo estudantil, ativismo online ou digital. Nestes exemplos, o ativismo é analisado a partir de causas, ferramentas ou táticas. A autora esforça-se em distinguir estas propriedades do ativismo para que a análise se faça de forma mais cuidadosa e passível de gerar estudos comparativos.

¹⁷ Tradução de: *Activism will be defined as efforts that seek to change or prevent change to the status quo in order to improve or protect the welfare of some threatened or disadvantaged beneficiary using methods not limited to prescribed and conventional means of influencing antagonists.*

Infográfico: Dimensões de análise do ativismo



Baseado no estudo de Joyce, 2014

Figura 7: Infográfico Dimensões de análise do ativismo
Fonte: elaboração própria baseada em Joyce (2014)

O indivíduo é a unidade fundamental do ativismo agindo sozinho ou não, já que os demais *esforços do ativismo* (táticas, campanhas e movimentos sociais) são compostos pelas ações de indivíduos. Até pouco tempo atrás, as ações individuais de resistência não eram estudadas, pois ao não serem ações coletivas, nem publicamente políticas ou direcionadas ao Estado, não atraíam a atenção dos pesquisadores (JOYCE, 2014). Este cenário mudou, principalmente pela difusão das mídias digitais e sua influência naquilo que alguns pesquisadores têm chamado de *ação conectiva* (BENNETT E SEGERBERG, 2012).

Dessa forma, faz sentido realizar um esforço para se discernirem as categorias de análise que envolvem estudar processos contenciosos. O primeiro esforço é separar a análise do ativismo do envolvimento com organizações de movimentos sociais, ou seja, (na maioria das vezes) ativistas não terão pertencimento organizativo. O segundo esforço é identificar as causas pelas quais os indivíduos são mobilizados a se envolver. O terceiro esforço é entender como os processos de identificação entre indivíduos e causas ocorrem e quando e como eles geram vinculação a uma organização de movimento social. O quarto esforço é apontar os diferentes tipos de recursos mobilizados pelos ativistas seja em ações individuais, táticas coletivas, campanhas até o envolvimento em redes de movimentos sociais. O quinto esforço é mensurar de que forma a utilização das mais diversas ferramentas e repertórios impactam na duração do ativismo e na criação de laços organizativos.

O estudo sobre o ativismo com base na dimensão das ferramentas, ou seja, com o que/quais instrumentos e artefatos processos de ativismo são realizados, cresceu muito a partir da popularização das novas tecnologias de informação e comunicação e sua intersecção com campo da política contenciosa, principalmente a partir de análises sobre ativismo digital, ativismo na web ou *online* e hacktivism. Esta tese insere-se nesta dimensão ao tentar compreender quais são as características e as mudanças ocasionadas pela mediação de plataformas de mídias sociais em processos contenciosos de indivíduos sem pertencimento organizativo.

1.4 CONCEITUANDO A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

A definição do conceito de participação política é importante na medida em que subsidia o debate sobre ativismo e processos de engajamento. Este termo está em discussão há pelo menos 50 anos e, como vários outros conceitos, está no centro de um debate acadêmico a partir do impacto das TICs – principalmente a internet – desde os anos 2000. Os parágrafos que se seguem têm por objetivo resumir os principais pontos do que envolve a proposição de um mapa conceitual que visa ser uma operacionalização realizada por Van Deth (2014) para a definição do que pode (ou não) ser considerado como participação política assim como as críticas realizadas por Hooghe (2014), Hosch-Dayican (2014) e Theocharis (2015). Após esta síntese, apresenta-se a definição adotada neste trabalho.

Aperfeiçoar a definição do conceito é fundamental, pois os pesquisadores chegam a conclusões divergentes e, muitas vezes, opostas ao ampliar ou limitar o que está dentro do leque da participação política; assim, os estudos ora apontam para aumento da participação ora para seu declínio (VAN DETH, 2014). Ou seja, ao limitar o uso do termo para ações vinculadas somente ao âmbito governamental, deixa-se de captar as novas dinâmicas participativas que escapam dos círculos estritos e tradicionais do poder. Mas ampliar o uso do termo ao limite também não auxilia a evitar resultados como os descritos anteriormente.

Para Van Deth (2014), quatro pontos são consenso para a definição do termo: 1) participação política é uma atividade/ação; 2) não é profissionalizada; 3) deve ser voluntária e 4) direciona-se ao governo, Estado ou política (em termos amplos). Em resumo, a participação política é definida pelo autor como

um conceito abstrato ou geral que abrange atividades voluntárias por cidadãos geralmente relacionadas ao governo, à política ou ao Estado. Além disso, essas atividades podem ser destinadas a resolver problemas da comunidade ou, em termos ainda mais gerais, podem ser "tentativas de alterar padrões sistemáticos de comportamento social" sendo "devotadas a influenciar a vida coletiva da política" ou visando "induzir reforma social significativa"¹⁸. (VAN DETH, 2014, p.353)

¹⁸ Tradução de: *"concept that covers voluntary activities by citizens usually related to government, politics or the state. In addition, these activities can be aimed at solving community problems or, in even more general terms, they can be 'attempts to alter systematic patterns of social behaviour' being 'devoted to influencing the collective life of the polity' or aiming to 'induce significant social reform'".*

Para os casos em que a ação não se direciona ao governo, há a consideração do aspecto motivacional, isto é, a existência de intencionalidade política na ação, por exemplo, casos vinculados ao consumo consciente ou boicotes a marcas. Um dos pontos centrais do modelo é uma visão de política que fica restrita à interação com governo/Estado. Os movimentos sociais, ao que parece, tentam romper com esta restrição ao politizar outras relações e espaços sociais. Neste caso, o sentido político é conferido pela confrontação de relações de poder e não, necessariamente, pelo envolvimento direto do governo/Estado.

O aspecto motivacional é criticado por Hooghe (2014), que argumenta que “alguns atos de participação são realizados principalmente com uma motivação expressiva, ou seja, que os participantes aproveitam o ato em si, sem necessariamente ter uma motivação instrumental¹⁹” (HOOGHE, 2014, p. 339) Com isso, os atos expressivos são tão significativos quanto os atos puramente instrumentais. No entanto, para ele, “não importa realmente qual é a motivação dos participantes, mesmo que pudéssemos determinar quais são essas intenções²⁰” (HOOGHE, 2014, p. 340).

A proposição de Van Deth está no centro de uma disputa teórica entre estudiosos sobre os modos digitais da participação. Segundo Hosch-Dayican (2014), esses debates definem, de um lado, essas novas formas como participação, mas seus críticos argumentam que “a maioria das atividades on-line não ultrapassam os atos²¹ comunicativos²²” (HOSCH-DAYICAN, 2014, p. 342). Por outro lado, discutem a ““hierarquia” dos atos políticos *online* e *off-line*, ou seja, se se trata de tratá-los ou não como construções separadas²³” (HOSCH-DAYICAN, 2014, p. 343).

Hosch-Dayican (2014) destaca que

a participação política hoje é mais geralmente percebida como participando do domínio expandido da política ao invés de contribuir exclusivamente para os processos de formulação de políticas. As atividades nesta nova esfera política são, portanto, propensas a ser marcadas por um caráter menos

¹⁹ Tradução de: “Quite a few participation acts are performed mostly with an expressive motivation, that is, that participants enjoy the act itself, without necessarily having an instrumental motivation”.

²⁰ Tradução de: “[...] that it does not really matter what the motivation is of the participants, even if when we could determine what these intentions are”.

²¹ Chamados de clicktivism ou slacktivism.

²² Tradução de: “[...] most of the online activities do not go beyond communicative acts”.

²³ Tradução de: “[...] ‘hierarchy’ of online and offline political acts, that is, whether or not to treat them as separate constructs”.

instrumental, mas sim simbólico ou expressivo²⁴. (HOSCH-DAYICAN, 2014, p. 343).

Com isso, a busca por informações políticas na internet, de modo geral, e em plataformas de mídias sociais, de modo particular, passou a ser considerada um indicador de engajamento (comunicação política), assim como as atividades comumente realizadas de forma *online* nessas plataformas podem ser consideradas dentro do espectro da participação política, desde que sejam expressas a partir de um motivo político (HOSCH-DAYICAN, 2014). Entretanto, o autor ressalta que a motivação é um elemento complicador, sendo “altamente desfocado” e só podendo ser respondido pela pessoa em questão, o que dificulta a pesquisa.

Mesmo assim, argumenta ser possível considerar as atividades *online* “que se destinam principalmente a expressar opiniões individuais e não a influenciar os processos institucionalizados de formulação de políticas – como participação política²⁵” (HOSCH-DAYICAN, 2014, p. 345). Essas atividades são propensas a influenciar e mobilizar as pessoas, porque, ao ficarem disponíveis para um público maior e com grau de conectividade elevado, expressam as crenças políticas, alianças e intenções dos indivíduos.

De acordo com Theocaris (2015), a questão gira em torno do questionamento: “é possível considerar essas atividades nas redes sociais como participação política?”. Para um grupo, essas atividades são uma fraca substituição ao ativismo físico ou ato ilusório que pode ter algum tipo de impacto; para outros, esses são os equivalentes *online* de atividades *offline*, sendo que outros ainda defendem que são formas inteiramente novas que precisam de novas conceituações e com dinâmicas próprias (BENNETT E SEGERBERG, 2012).

Segundo Theocaris, “participação em rede digital – e suas manifestações – é uma forma de engajamento político e deve ser conceituada, identificada e medida como uma²⁶” (THEOCHARIS, 2015, p. 03). Para isso, o autor fornece uma visão geral do conceito de participação e constrói uma argumentação na qual ele defende

²⁴ Tradução de: “[...] *political participation today is more generally perceived as taking part in the expanded domain of politics rather than solely contributing to the policy-making processes. Activities in this new political sphere are accordingly prone to be marked by a less instrumental, but a more symbolic or expressive character*”.

²⁵ Tradução de: “[...] *which are primarily directed at expressing individual opinions rather than influencing the institutionalized policy-making processes.*”

²⁶ Tradução de: “*digitally networked participation—and its manifestations—is a form of political engagement and should be conceptualized, identified, and measured as one*”.

a participação em rede digital. Ele destaca a qualidade mais ativa, coletiva e em rede de atos expressivos²⁷ que podem ser atos independentes. Dessa forma, existe a necessidade de se reconhecer que o ato de utilizar as mídias digitais com o intuito de ativar as redes sociais para mobilizar outras pessoas com finalidades sociais ou políticas é um modo de participação (THEOCHARIS, 2015).

Para Theocharis, é importante pensar a participação em rede digital a partir de dois elementos: 1) “O ato de comunicação (digital) como forma de mobilização, entendida como parte integrante da participação política²⁸” (THEOCHARIS, 2015, p. 5), pois segundo ele os meios digitais borraram as fronteiras entre os entendimentos clássicos sobre a distinção entre participação e mobilização. Assim, em mídias digitais, a mobilização mostra-se como uma ação deliberada para conscientizar ou exercer pressão social/política para a resolução de problemas. Com isso, “a ativação das redes pessoais é um ato de mobilização central e pode ter um efeito multiplicador que transforma a escala e a forma de uma certa ação política através do processo de comunicação digital²⁹” (THEOCHARIS, 2015, p. 5).

O segundo elemento refere-se 2) à frequente incorporação de elementos autoexpressivos, identitários e personalizados como parte da ação³⁰ (THEOCHARIS, 2015, p. 5). Como elementos expressivos, pode-se entender atos que anunciam publicamente a orientação política dos envolvidos. O autor chama atenção para a inseparabilidade entre divulgar e personalizar uma mensagem em sua rede social e que, ao mesmo tempo, visa convencer os outros a agirem em torno da causa (THEOCHARIS, 2015).

Neste trabalho, com o intuito de sustentar a escolha empírica desta investigação, adota-se a definição de Theocharis (2015) segundo a qual

a participação digital em rede pode ser entendida como uma ação personalizada em rede baseada em mídia que é realizada por cidadãos individuais com a intenção de exibir sua própria mobilização e ativar suas redes sociais, a fim de aumentar a conscientização, ou exercer ações

²⁷ Isto é, carregar e incorporar vídeos, publicar e encaminhar conteúdo em sites de redes sociais ou microblogs.

²⁸ Tradução de: “*The act of (digital) communication as a form of mobilization, understood as integral to political participation*”.

²⁹ Tradução de: “*the activation of personal networks is a core mobilizing act and can have a multiplying effect that transforms the scale and form of a certain political action through the process of digital communication*”.

³⁰ Tradução de: “*The frequent embeddedness of self-expressive, identity, and personalized elements as part of the action*”.

sociais e pressões políticas para a solução de um problema social ou político. [...] O engajamento através de atos digitalmente em rede é, portanto, não apenas uma tendência popular notável, em vez disso, uma nova forma de participação que não é apenas estruturalmente semelhante às formas de participação off-line no sentido de que é um ato participativo independente em si, mas que potencialmente captura uma concepção diferente de cidadania³¹. (THEOCHARIS, 2015, p. 6)

Dessa forma, entende-se que todo o conteúdo divulgado na plataforma de mídia social dos perfis estudados nesta tese é considerado ação política de tipo expressivo e/ou instrumental. Uma ação política não torna necessariamente alguém ativista. Será a recorrência da ação, a análise das causas, táticas empregadas e estratégias utilizadas por eles que fornecerão mais elementos para a análise do ativismo contemporâneo mediado por plataformas de mídias sociais.

1.5 A CONSTRUÇÃO, NEGOCIAÇÃO E DIFUSÃO DE SENTIDOS A PARTIR DA NOÇÃO DE ENQUADRAMENTO INTERPRETATIVO

As lutas por autonomia e direitos, em distintos campos, como dos processos subjetivos, biológicos e da sexualidade, estimularam a ação de grupos e indivíduos rumo aos conflitos que revelaram dilemas da sociedade depois da segunda metade do século XX. Além disso, colocaram o problema das disputas anteriormente consideradas somente do âmbito privado como o cerne das novas demandas.

Segundo Melucci (2001), a ação dos movimentos sociais se dá pela capacidade de informar e construir uma mensagem que se difunda na sociedade. Assim, transmite-se diversas formas simbólicas e constroem-se pautas capazes de denunciar os interesses e formas de poder, o que coloca em jogo o debate sobre “os fins e os valores” que tornam possíveis a convivência das pessoas; com isso, os movimentos sociais “van a ocupar un espacio intermedio de la vida social, en el cual se entrelazan necesidades individuales e impulsos de innovación política” (MELUCCI, 2001, p. 121). Dessa forma, os conflitos, ao longo do tempo, deixaram o

³¹ Tradução de: “*digitally networked participation can be understood as a networked media-based personalized action that is carried out by individual citizens with the intent to display their own mobilization and activate their social networks in order to raise awareness about, or exert social and political pressures for the solution of, a social or political problem. [...] Engagement through digitally networked acts is, therefore, not just a notable popular trend, rather a new form of participation that is not only structurally similar to forms of offline participation in the sense that it is an independent participatory act in itself but in that it potentially captures a different conception of citizenship*”.

âmbito estritamente econômico e foram para o âmbito cultural, centrando-se na identidade pessoal, no tempo e no espaço da vida e nas formas de atuar cotidianamente. Com isso, os movimentos sociais operam no sentido de evidenciar as contradições existentes no sistema por simplesmente existirem e veicularem sua mensagem central ao denunciarem os problemas sociais (MELUCCI, 2001).

A apropriação do debate interacionista e, principalmente, do conceito de *frames* elaborado por Goffman (1986) permite que se possa analisar a forma pela qual as organizações de movimentos sociais criam seus quadros interpretativos, ou seja, de que forma dotam de sentido a ação para os atores. Para Zald (1999, p. 371), “los marcos son metáforas específicas, representaciones simbólicas e indicaciones cognitivas utilizadas para presentar conductas y eventos de forma evaluativa y para sugerir formas de acción alternativas”.

As molduras interpretativas possibilitam a compreensão das situações ao limitarem o entendimento da vida social e direcionarem o olhar para aquilo que importa às organizações de movimentos sociais. Duas abordagens do conceito são propostas por Gamson (1985) e Snow et al. (1986). Para o primeiro, os movimentos sociais constroem de forma ativa os significados que estão em disputa na sociedade, e o conflito é, basicamente, a disputa por interpretações dessa realidade e a oferta de alternativas para tal. Já os segundos dão mais peso às estratégias utilizadas pelos líderes das organizações de movimentos sociais na busca por tornar mais eficaz o processo de enquadramento realizado pelos atores. Ainda que a ênfase esteja no ponto estratégico da ação, não descartam a importância dos processos discursivos informais.

A criação de uma moldura de referência proposta pelos líderes das organizações de movimentos sociais consiste no êxito de fazer com que uma visão de mundo legitime e motive o protesto encontrando uma ressonância cultural. O sucesso desse processo dependerá da capacidade em se apropriar culturalmente de certos signos que legitimem certas reivindicações para a sociedade que passará a aceitá-las como possíveis marcadores de ações disruptivas (McADAM, 2001).

McAdam (2001) contrapõe-se aos teóricos dos novos movimentos sociais que advogam que os movimentos dos anos 60 e 70 representaram uma ruptura total com o modelo de mobilização clássico, pois, para ele, os movimentos ampliaram e modificaram amplamente os repertórios culturais disponíveis das gerações anteriores. Os movimentos sociais deram nascimento ao *master protest frame*

(SNOW e BENFORD, 1988), ou seja, articularam e formaram as bases para legitimar novas ações coletivas e sustentar identidades coletivas tais como a identidade feminista, operária, ambientalista etc. (McADAM, 2001).

As molduras dominantes do protesto demonstram a interdependência das organizações de movimentos sociais e situam as diversas lutas e grupos a partir das interpretações na moldura de significados anteriormente promovida. São quatro os fatores que influenciam as implicações culturais dos movimentos sociais: 1) a maior amplitude dos objetivos de um movimento tem a probabilidade de provocar maiores mudanças como, por exemplo, os movimentos revolucionários; 2) se o movimento tiver um êxito político, maior é a oportunidade de produzir impactos culturais também; 3) quando proporcionam contato entre extratos inicialmente segregados conseguem ampliar sua difusão e 4) por fim, os movimentos que têm origem em classes culturalmente privilegiadas ou que são capazes de estabelecer alianças com elas têm um impacto cultural maior. Em suas palavras,

Mi argumento teórico es que casi con toda seguridad los esfuerzos que han conducido a la creación de marcos favorables a los movimientos en el pasado inspirarán a otros grupos a reinterpretar su situación a la luz del marco dominante disponible, y a movilizarse en base a una nueva comprensión de sí mismos y del mundo que les rodea. Por ello, la presencia de dicho marco constituye otro recurso cultural e ideológico que facilita la aparición de movimientos. (McADAM, 2001, p.51)

O desafio para construir molduras interpretativas eficazes consiste em realizar uma mediação entre “símbolos herdados que são familiares, mas levam a passividades, e os novos que são eletrizantes, mas podem ser diferentes demais para levar à ação” (TARROW, 2009, p. 140). O enquadramento, ou seja, o ato de interpretar essas molduras, não pode ser visto como uma relação automática, na qual se supõe de forma direta a interpretação ou o sentimento dos indivíduos sobre suas queixas do mundo e a suscetibilidade de se vincular numa organização (SNOW et al., 1986; BENFORD e SNOW, 2000). Tal atitude ignora a forma como são construídos os vínculos que direcionam a interpretação das queixas e os objetivos ou ideologia das organizações.

Em primeiro lugar, a participação nas atividades das organizações de movimentos sociais (SMO) é contingente, em parte, ao alinhamento individual e aos quadros interpretativos das SMO. Segundo, este processo pode ser descomposto em quatro relações, mas não em processos idênticos: transição de quadros, amplificação de quadros, extensão de

quadros e transformação de quadros. Em terceiro lugar, o alinhamento de quadro inicial não pode ser assumido, dada a existência de queixas das SMOs. Quarto, o alinhamento de quadro, uma vez alcançado, não pode ser dado como certo, porque é temporalmente variável e sujeito a reavaliação e renegociação. Como já observamos, as razões que solicitarão participação em um conjunto de atividades num ponto em tempo podem ser irrelevantes ou insuficientes para se solicitar participação posterior. Em quinto lugar, o alinhamento de quadro, de uma forma ou de outra, é, portanto, um aspecto crucial de mobilização aderente e constituinte. E sexto, cada processo de alinhamento de quadro requer tarefas um pouco diferentes de micro-mobilização. (SNOW et al. 1986, p. 476)

É a partir do alinhamento identitário que líderes de movimentos conseguem efetuar uma conexão entre algum(ns) elemento(s) da cultura da população a ser mobilizada e dotá-lo(s) de valor, articulando-o(s) com os objetivos do movimento em um dado contexto. Quando há sucesso nesse alinhamento, provavelmente se produzirá o engajamento militante em uma ação coletiva. No entanto, Tarrow (2009) ressalta que a interação dos indivíduos com esses quadros interpretativos construídos pela organização pode ocorrer de forma inesperada, ou seja, pode haver uma assimilação pelas pessoas que difere da interpretação dos líderes dos movimentos. Quando a interpretação dos indivíduos aproxima-se da interpretação que as elites dão para os fatos, é mais difícil mobilizá-los para a ação coletiva. Portanto, é necessária uma mobilização cognitiva considerável que transforme esta interpretação e atue como um catalisador para o engajamento militante. Geralmente, as organizações utilizam dois recursos para isso: a construção de um discurso sobre o que é justo e injusto e um apelo para a emotividade dos militantes (TARROW, 2009).

As redes cumprem a função de socialização e demonstram uma participação que está submergida e na qual é possível redefinir os padrões de inovação cultural fora das organizações. O movimento não é de onde se parte, mas sim o resultado desse sistema de interações (MELUCCI, 1985), já que

son los actores sociales quienes producen el sentido de sus actos a través de las relaciones que establecen entre ellos. Pero, la interacción nunca es un proceso completamente manifiesto, pues depende del campo de oportunidad y restricciones que los actores observan y utilizan. (MELUCCI, 2001, p. 127)

A identidade coletiva é construída e negociada por meio de um processo repetido de ativação das relações sociais que envolvem os atores. Dessa forma,

producir identidad significa reforzar los flujos de información procedentes del sistema, hacerlos más estables y coherentes, en definitiva: contribuir a la estabilización o a la modernización del propio sistema. Pero esta búsqueda de identidad no sólo responde a exigencias de seguridad y continuidad; también constituye una fuente de recursos para la individualización y permite a los individuos verse como tales, como personas diferentes de los demás y, precisamente por eso, descubrir en lo más profundo de dicha condición la capacidad de rechazar los códigos dominantes y revelar su arbitrariedad. (MELUCCI, 2001, p. 133)

Assim, a experiência política dos atores acaba sendo “ensinada” pelas organizações de movimentos sociais a partir de interlocuções vinculadas às ideologias e das identidades coletivas que são forjadas num processo constante de disseminação e reinterpretação dos símbolos dos movimentos. Dessa forma, “os processos de enquadramento interpretativo não operam, assim, em um vácuo moral no qual os líderes de movimentos podem escolher se filiar a determinadas interpretações e abandonar outras de acordo com seus cálculos de efetividade em uma lógica semelhante à do marketing” (MAZZILI, 2014, p, 51).

A literatura mais clássica ressalta a relevância das organizações de movimentos sociais como agentes capazes de interferir e produzir novos aparatos culturais, disseminando novos comportamentos, valores e produzindo consensos sobre o que é justo ou injusto. Isto se traduziria em uma vinculação entre os quadros interpretativos produzidos pela organização de movimento social e a identificação das pessoas com tais quadros a partir do mecanismo do alinhamento identitário.

Dessa forma, as literaturas de identidade coletiva e de enquadramento tenderam a conferir às organizações de movimentos sociais o papel central na construção, negociação e difusão de sentidos necessários à (re)produção das ações coletivas. Além disso, a literatura da ação conectiva problematiza é como movimentos estariam sendo transformados pelos processos de individualização e conexão tecnologicamente mediada.

1.6 OPOSITORES DA AÇÃO CONECTIVA

O conceito de ação conectiva gerou um intenso debate no que diz respeito ao papel exercido pela identidade coletiva, tema tão caro aos estudiosos do campo de movimentos sociais pela importância que o conceito assumiu na explicação sobre processos de mobilização, sobretudo a partir dos anos 80. A provocação teórica de Bennett e Segerberg (2012) diz que houve uma mudança na natureza da ação

coletiva a partir de dois elementos: 1) a perda da centralidade das organizações de movimentos sociais para mobilizar e organizar protestos, sendo substituídas pelas plataformas de mídias sociais 2) e a substituição de uma identidade coletiva formada pelos movimentos sociais para construção de um processo que levou à personalização das mensagens, que atualmente é realizada de forma individual e tecnologicamente conectada.

Gerbaudo e Treré (2015) chamam a atenção para o fato de que boa parte dos estudos sobre mídias sociais e protestos deixaram de lado o estudo sobre a identidade coletiva. Eles elencam três razões para que o conceito tenha ficado fora dos estudos. O primeiro deles considera que há uma tradição predominante advinda da teoria de mobilização de recursos que privilegia uma ênfase nas estruturas organizacionais e que é hegemônica no estudo sobre o ativismo digital. O segundo fator seria a predominância de abordagens baseadas na noção de redes em estudos empíricos como a formulada por Bennett e Segerberg. E, por último, há uma certa negligência com os dados qualitativos em detrimento do uso de *big data* que não permite uma análise capaz de compreender processos simbólicos e culturais.

Os autores argumentam que o pressuposto sobre o “declínio de organizações de massa formais e o aumento combinado de formas individualizadas de engajamento³²” (GERBAUDO e TRERÉ, 2015, p. 867) é bastante perspicaz, mas não justifica a insignificância da identidade coletiva nos estudos recentes. Neste sentido, não se pode encarar os laços da rede como substitutos da identidade coletiva, pois a identidade coletiva é gerada na interação. Gerbaudo e Treré organizam um dossiê na revista *Information, Communication and Society* no qual apresentam vários estudos que deslocam “o foco da estrutura da comunicação para os processos simbólicos que ocorrem nas mídias sociais e da natureza das aquisições tecnológicas para a análise dos conteúdos veiculados através dessas plataformas on-line³³” (Gerbaudo e Treré, 2015, p. 868). Os autores destacam a fluidez e a efemeridade como uma característica típica da comunicação digital levantando questões significativas para estudiosos de movimentos sociais.

³² Tradução de: “*the decline of formal mass organizations and the combined rise of individualized forms of engagement*”.

³³ Tradução de: “*the focus from the structure of communication to the symbolic processes taking place on social media, and from the nature of technological affordances to the analysis of the content conveyed through these online platforms.*”

Destaco alguns elementos desses textos que fundamentam teoricamente esta pesquisa. O primeiro deles é o estudo de Treré (2015) sobre a campanha, ocorrido no México, #YoSoy132. Ao investigar as dinâmicas comunicativas internas em bate-papo e grupos fechados do *Facebook* e das mensagens instantâneas de *Whatsapp*, o autor argumenta que o movimento tem sua coesão interna e identidade coletiva moldadas e acentuadas nas plataformas de mídias sociais.

Essa construção se dá a partir de três mecanismos identificados por Treré. O primeiro deles diz respeito à *construção de fronteiras*, com a definição de um “nós” e um “eles” que no movimento em questão se deu a partir da gravação de um vídeo realizado pelos estudantes. Esse vídeo propagou-se rapidamente e fez com que outros estudantes aderissem à campanha, gravando vídeos também e iniciando o YoSoy132. O segundo mecanismo é a *conexão a um patrimônio de protesto*, no qual a identidade coletiva é constituída na tentativa de se atribuir uma coerência entre eventos do passado com a luta do agora na qual o movimento se coloca como a continuidade de uma tradição, sendo o herdeiro dos valores e ideais (TRERÉ, 2015). O último mecanismo é a *construção e manutenção de redes de confiança e solidariedade* a partir das interações realizadas de modo informal e apoio entre ativistas.

Milan (2015) também constrói um argumento para refutar Bennett e Segerberg (2012) ao afirmar que o cerne das mobilizações contemporâneas é a identidade coletiva e não o incentivo à participação. A autora propõe a noção de identidade coletiva como “um exercício de individualidade, desempenho, visibilidade e justaposição [...] e um princípio organizacional³⁴” (MILAN, 2015, p. 03). Além disso, expõe a noção de *protesto na nuvem* e *política da visibilidade* para repensar a ação coletiva organizada.

Para ela, as plataformas de mídias sociais fornecem meios específicos para ampliar a interação e o compartilhamento da ação coletiva, ativando relacionamentos e promovendo uma extensão dessa experiência de ativismo da esfera privada para a coletiva (MILAN, 2015). A personalização da ação proposta por Bennett e Segerberg, dessa forma, não opera num vácuo e sim no trabalho realizado pelos indivíduos de construção, interação e negociação da identidade

³⁴ Tradução de: “*an exercise of individuality, performance, visibility and juxtaposition. [...] as an ‘organizational principle’*”.

coletiva. A autora enfatiza “o papel fundamental do intermediário das mídias sociais na construção de "ideias internalizadas ou personalizadas", em vez de simplesmente circulá-las³⁵” (MILAN, 2015, p. 09).

A autora concorda com o argumento da perda da centralidade das organizações, principalmente na definição de narrativas e regulação de participantes. Não há como controlar a produção simbólica e normativa, visto que isso é feito pela “nuvem [que] coletivamente "eleva" selecionando, destacando e compartilhando conteúdo, determinando assim o que se encaixa na narrativa coletiva³⁶” (MILAN, 2015, p. 09). Outro aspecto correlacionado e mencionado por Gerbaudo (2015) é que este tipo de ação abre brechas para uma ação coletiva mais fragilizada e movimentos sociais mais instáveis.

São as postagens, os vídeos e links compartilhados que se tornam o fundamento da identidade coletiva construída.

Os participantes se apropriam dos elementos identitários que melhor correspondem às suas inclinações, selecionam e enfatizam os significados criados por seus pares [...] A identidade resultante, feita de montagens customizadas de significados disponíveis e sua recombinação, facilita o alinhamento das identidades pessoais e coletivas (cf. Snow & McAdam, 2000). Em outras palavras, a nuvem fornece uma afiliação frouxa trabalhando individualmente: criada por seleção e justaposição, isto é, dizer, o "posicionamento" incremental de significados produzidos por indivíduos discretos, a identidade coletiva torna-se flexível e simbolicamente inclusiva, construída como é em mínimos denominadores comuns abertos a interpretações.³⁷ (MILAN, 2015, p. 09/10)

A autora nomeia de *política da visibilidade* esta nova forma em substituição as políticas de identificação, objeto de estudo de Melucci. Essa política da visibilidade é formada por três mecanismos: 1) desempenho virtual e a expressão da ação nos perfis como uma condição da ação; 2) as mídias sociais estabelecem novas

³⁵ Tradução de: “it emphasizes the fundamental broker role of social media in building ‘internalized or personalized ideas’ as opposed to merely circulating them”.

³⁶ Tradução de: “the cloud collectively ‘votes’ by selecting, highlighting and sharing content, thus determining what fits to the collective narrative”.

³⁷ Tradução de: “Participants appropriate the identity elements that best correspond to their inclinations, and select and emphasize meanings created by their peers, [...]. The resulting identity, made of custom-built assemblages of available meanings and their recombination, facilitates the alignment of personal and collective identities (cf. Snow & McAdam, 2000). In other words, the cloud provides a loosened affiliation working on an individual basis: created by selection and juxtaposition, that is, to say, the incremental ‘placing together’ of meanings produced by discrete individuals, collective identity becomes flexible and symbolically inclusive, built as it is on minimum common denominators open to interpretations”.

possibilidades de trocas, alcances de novos públicos e definições entre o “nós” e o “eles” ao permitir identificar por meio de *tags*, citações e menções outros indivíduos engajados; e por fim 3) as interações assíncronas que permitem, entre outras coisas, mudar a fruição do público a partir de reconstituições permanentes da ação social e estender o ciclo de vida da mobilização. Tudo isso possibilita que a identidade coletiva seja estilizada e dramatizada de forma a regenerar vínculos e promover solidariedade (MILAN, 2015).

1.7 AS ORGANIZAÇÕES E OS VÍNCULOS ENTRE ATIVISTAS

Tradicionalmente, a literatura de movimentos sociais concedeu centralidade às organizações de movimentos sociais na análise do engajamento militante. O modelo de análise apresentado anteriormente também coloca como central para haver engajamento o alinhamento identitário entre indivíduo e organização. A explicação sobre as diferentes formas do engajamento militante também é dada pelos usos de diferentes repertórios de ação e estruturas de mobilização envolvidas no processo.

Essa crítica sobre a centralidade que a literatura de movimentos sociais dá às organizações é realizada, principalmente, pelos estudiosos do engajamento cívico (BENNETT, 1998), do consumerismo político (MICHELETTI, 2003) e dos chamados movimentos de estilo de vida (HAENFLER, JOHNSON & JONES, 2012). Para os autores, há um ponto cego na intersecção entre participação coletiva e vida privada que não é explorado teoricamente e necessita mais investigações empíricas.

Os movimentos de estilo de vida são definidos a partir de três características: (1) escolha de estilo de vida como uma tática de mudança social, (2) o papel central do trabalho de identidade pessoal e (3) a estrutura difusa de movimentos de estilo de vida (HAENFLER, JOHNSON & JONES, 2012).

A promoção realizada por esses movimentos nas últimas décadas de que o modo de vida pode ser o principal meio para promover a mudança social ganhou muitos adeptos, mas não reflete o tipo de ativismo estudado nesta pesquisa. Segundo os autores, a participação nesse tipo de movimento tem características mais individualizada e privada com intuito de modificar práticas culturais e econômicas sem direcionar sua ação para o Estado.

Parigi e Gong (2014, p. 237) veem “as redes de redes sociais como capazes de criar identidades compartilhadas e relacionamentos entre ativistas³⁸” o que eles denominam de laços digitais. São esses laços que “reforçam o compromisso individual com a busca de mudanças através de ações baseadas no mercado³⁹” (PARIGI & GONG, 2014, p. 237). O questionamento dos autores situou-se entre entender se os laços formados em plataformas de mídias sociais seriam fortes o suficiente para mobilizar para a ação ou fracos a ponto de favorecer somente a difusão da informação.

Os autores argumentam que os laços digitais geram identidades compartilhadas e que isto facilita a criação de novos quadros “em que as ações privadas podem ser reinterpretadas como públicas e coletivas⁴⁰” (PARIGI & GONG, 2014, p. 241). Com isso, eles sugerem que as tecnologias de mídia social “criam espaços compartilhados públicos e públicos para ativistas que usam táticas de mobilização que não são imediatamente visíveis⁴¹” (PARIGI & GONG, 2014, p. 241).

A partir de construção de laços digitais, as pessoas formam redes que acabam por reforçar o compromisso com os objetivos das causas defendidas pelos movimentos (PARIGI & GONG, 2014). De certa forma, “os laços digitais operam de forma idêntica aos laços fortes em movimentos sociais mais tradicionais, ou seja, reforçam a participação e o compromisso com o movimento⁴²” (PARIGI & GONG, 2014, p. 250). Assim, podemos entender que os laços digitais atuariam de forma análoga a conexão estrutural conforme apresentado no modelo de análise do processo de engajamento.

³⁸ Tradução de: “*social media networks as capable of creating shared identities and relationships among activists*”.

³⁹ Tradução de: “*reinforce individual commitment toward pursuing change via market-based actions*”.

⁴⁰ Tradução de: “*into which private actions can be reinterpreted as public and collective*”.

⁴¹ Tradução de: “*create public shared spaces and audiences for activists who use mobilization tactics that are not immediately visible*”.

⁴² Tradução de: “*digital ties operate identically to strong ties in more traditional social movements, that is, they reinforce participation and commitment toward the movement*”.

1.8 AS DIMENSÕES DE ANÁLISE

Com base no referencial teórico apresentado, esta seção retoma alguns fundamentos que embasaram a análise empírica. Em primeiro lugar, recorreu-se à perspectiva de boyd (2007; 2010; 2012), entre outros, para apresentar as considerações teóricas sobre o *locus* da pesquisa e considerar o impacto que as *affordances* do ambiente têm para a compreensão das dinâmicas de interação. Questões como a autorrepresentação de si, as performances de conexão realizadas entre o perfil e a lista de amigos, o borramento entre o que é público e privado e a ideia de audiência invisíveis foram consideradas como contexto e dimensão inseparável da atuação na plataforma. Neste sentido, amplia-se o entendimento da noção de *performances de conexão* da autora para além dos comentários. Nesta pesquisa, cada *post* é encarado como um ato performático e comunicativo, vindo acompanhado ou não de algum tipo de personalização efetuada pelo perfil. A ocorrência de reações, comentários e compartilhamentos complementam esse universo, mas não são a condição *sine qua non* para considerar a ocorrência de performances de conexão.

Então, partiu-se de uma discussão sobre processos de engajamento (SILVA e RUSKOWSKI, 2010; RUSKOWSKI, 2012; SILVA e RUSKOWSKI, 2016) a fim de se mostrarem os mecanismos identificados em pesquisas anteriores e que o caracterizam. O engajamento é definido a partir da identificação com uma causa e a vinculação com uma organização de movimento social. Neste processo, o alinhamento identitário é fundamental para ocorrer engajamento. Isto será importante para balizar uma comparação sobre quais são as características e modificações ocorridas no ativismo mediado tecnologicamente. Ao conceituar o ativismo, Joyce (2014) define-o como o esforço para modificar o *status quo* (ou melhorá-lo) utilizando-se de métodos não convencionais para influenciar antagonistas.

A discussão trazida sobre participação política é fundamental para justificar a escolha empírica por realizar a pesquisa com indivíduos que não sejam vinculados a organizações de movimentos sociais. O debate colocado pelos autores (HOSCH-DAYICAN, 2014; THEOCHARIS, 2015) diz que o ato de buscar informações políticas na internet ou de publicizar uma posição política são indicadores de engajamento. Esses atos expressivos seriam mais ativos, coletivos e com a função de mobilizar as

peças que formam a rede social. Neste sentido, entendemos que o ato de comunicação é um ato de mobilização e que há uma incorporação de elementos identitários e personalizados que fazem parte da ação (THEOCHARIS, 2015).

O estudo de Bennett e Segerberg (2012) com a proposição do conceito de ação conectiva ressalta a perda da centralidade das organizações em processos de mobilização e a diminuição da importância da identidade coletiva. Nesta pesquisa, leva-se em consideração a crítica realizada por alguns autores sobre a centralidade que organizações de movimentos sociais têm no debate sobre ação coletiva. Isto se traduz para a observação de quais fontes foram utilizadas pelos perfis para obter e circular conteúdo em suas publicações. Com isso em mente, parte-se do entendimento de que os laços digitais (PARIGI e GONG, 2014) geram identidades que podem ser compartilhadas e são canais de mobilização efetivos na construção de ligações que reforçam o envolvimento com as causas defendidas.

O debate em torno do conceito de identidade coletiva foi apresentado desde o enfoque da Teoria dos Novos Movimentos Sociais e da perspectiva interacionista para colocar em perspectiva a disputa teórica entre os que defendem a perda da importância da identidade coletiva e os que a defendem como fundamental no ativismo contemporâneo. Dessa forma, retomamos conceitos como quadros interpretativos e alinhamento identitário para pensar como essas interpretações de mundo, criação de repertórios e discursos criados sobre o que é justo ou injusto é mobilizado no cenário atual e, principalmente, por quem é mobilizado. Naujorks e Silva (2016) argumentam que antes de haver o alinhamento identitário entre indivíduo e OMS, o indivíduo realiza uma correspondência identitária entre as dimensões pessoal, social e coletiva que compõem a identidade individual. É essa correspondência identitária que daria origem a uma identidade militante. Esta interpretação sustenta a ideia segundo a qual ativistas contemporâneos podem prescindir de organizações de movimentos sociais para criarem identificação com causas e agirem em relação a elas.

Em resumo, uma ação política (ou seja, a participação política) nem sempre implica/expresa ativismo. E, nem todo ativismo implica/expresa engajamento. Segundo o que foi argumentado até aqui, o ativismo tecnologicamente mediado pode ser definido como uma forma de participação política na definição de Theocaris (2015) e uma forma de ativismo na definição de Joyce (2014). Mas ele não pode ser entendido como engajamento militante pela definição de Silva e Ruskowski (2016)

porque a análise dos mecanismos causais que estão presentes nos dois processos até então tem se mostrado diferentes.

Por fim, mobilizou-se o debate dos opositores da ação conectiva que apontam alguns mecanismos interessantes para dar visibilidade à identidade coletiva que emerge em protestos mediados tecnologicamente. Treré (2015) diz que a construção da identidade coletiva construída pela campanha #YoSoy132 deu-se a partir de três mecanismos: 1) construção de fronteiras, 2) conexão a um patrimônio de protestos e 3) construção e manutenção de redes de confiança e solidariedade. Por tratar-se de um estudo com indivíduos que não têm vinculação com as mesmas causas nem participam dos mesmos movimentos ou campanhas, como no estudo de Treré (2015), esses mecanismos foram reinterpretados a partir de um entendimento próprio que avalia a construção de fronteiras como um elemento indispensável, mas considera que a ocorrência dos outros dois mecanismos depende de outros fatores como as socializações prévias e a intensidade de ativismo demonstrada pelos indivíduos.

Portanto, os conceitos que sustentam a definição das dimensões de análise consideradas para este estudo podem ser resumidos assim (figura 8):

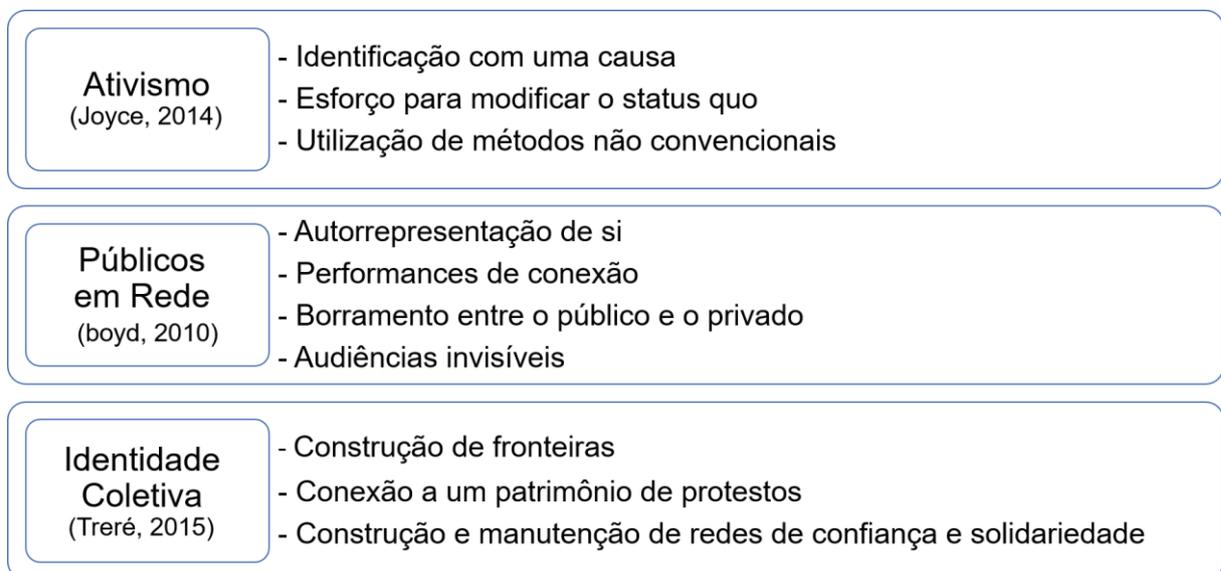


Figura 8: Esquema com as dimensões teóricas.
Fonte: elaboração da autora

Dessa forma, nesta tese, define-se que o ativismo contemporâneo mediado tecnologicamente é caracterizado pela identificação e promoção de ações que visam mobilizar e difundir uma ou mais causas via performances de conexão sem

intermediação de organizações de movimentos sociais em plataformas de mídias sociais. Os ativistas mobilizam diversos recursos para definição de fronteiras e, em maior ou menor grau, constroem e acionam redes de confiança e solidariedade quando necessário. Em alguma medida, conectam a sua trajetória a uma herança ativista e se vinculam a um patrimônio de protestos (figura 9).

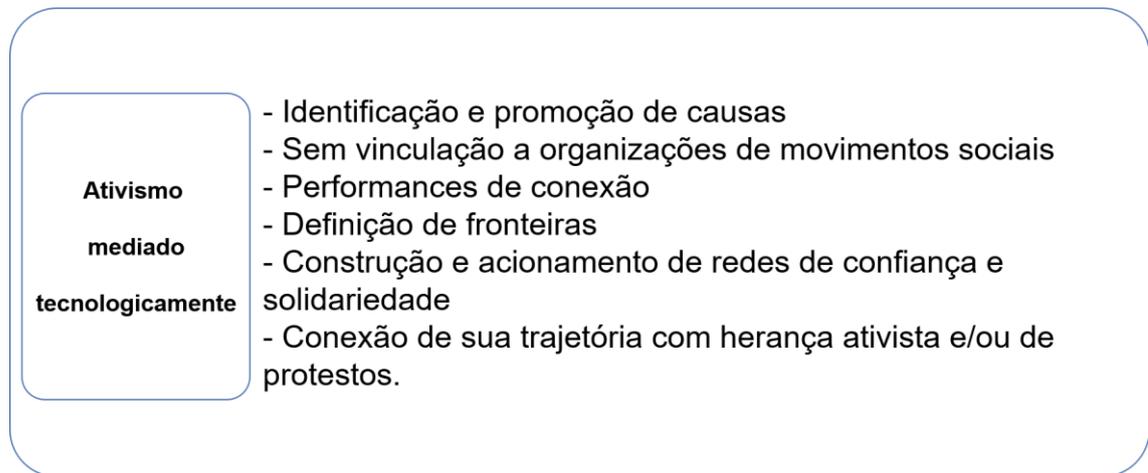


Figura 9: *Esquema com as dimensões de análise*
Fonte: *elaboração da autora*

2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DA INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo, apresento as concepções metodológicas que sustentaram a investigação, assim como as técnicas de coleta e análise dos dados. Por fim, faço algumas considerações sobre as implicações deste tipo de análise em termos éticos e as possibilidades que surgem ao se combinarem as técnicas apresentadas a partir da noção de *thickening data*.

2.1 AS BASES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Quando se trata de qualquer estudo sobre as plataformas de mídias sociais – um objeto que se caracteriza por sua mutação intensa – o cenário é especialmente dinâmico e os métodos de coleta e análise de dados não apenas se desenvolvem constantemente, como enfrentam novas e diversas barreiras em velocidade crescente. Isso se deve a fatores tais como a quantidade de dados, a contenção e administração constante desses por parte das plataformas de mídias sociais, o desenvolvimento das ferramentas de análise, de categorias a softwares: todos esses elementos configuram um terreno peculiar, no qual estabelecer um escopo adequado para os diversos tipos de análise se torna um desafio. Esse novo terreno, porém, mostra-se fértil a ponto de possibilitar novas análises, próprias de um novo contexto.

Com isso, pensar metodologicamente sobre este tema é parte fundamental desta investigação e se insere no debate em torno do qual uma gama de pesquisadores/as está empenhada em oferecer reflexões sobre as possibilidades de coleta, análise e visualização de dados relacionais em mídias sociais em nível nacional (FRAGOSO, 2013; RECUERO, 2015; CAMPANELLA e BARROS, 2016; SILVA e STABILE, 2016) e internacional (BOYD e CRAWFORD, 2012; COULDRY, 2016; ROGERS, 2015; SLOAN e QUAN-HAASE, 2017).

Um termo muito utilizado nos últimos anos e que está impondo novas formas de realizar a pesquisa, principalmente no campo das humanidades, é o de *big data*. Particularmente no campo dos estudos sobre mobilizações, protestos e movimentos sociais, principalmente após a Primavera Árabe, o *Occupy* e o 15M, muito esforço vem sendo utilizado para que os pesquisadores sociais se apropriem de ferramentas

capazes de capturar as novas dinâmicas sociais. Mais que aprender a utilizar programas capazes de capturar dados ou realizar bons grafos que demonstrem as conexões (seja elas de qual tipo forem: grau de entrada, grau de saída, grau médio), cabe a nós pesquisadores oferecer explicações e análises mais densas sobre o impacto da internet em processos contestatórios e o que este tipo de dado (maior parte das vezes) não estruturado pode nos dizer sobre essas novas dinâmicas.

O *big data* é entendido como “o processamento algorítmico de conjuntos muito grandes de “traços” de atividades de usuários coletados por plataformas digitais⁴³” (LATZKO-TOTH, BONNEAU e MILLETTE, 2017, p. 323). boyd e Crawford vão além nesta definição e chamam a atenção para o caráter multidimensional do termo, que envolve aspectos culturais, tecnológicos e acadêmicos nos quais a tecnologia vai maximizar o poder da computação e utilizar “a precisão algorítmica para reunir, analisar, vincular e comparar grandes conjuntos de dados⁴⁴” (BOYD e CRAWFORD, 2012, p. 663). Com isso, o desenho de pesquisa precisa considerar os “grandes conjuntos de dados para identificar padrões, a fim de fazer reivindicações econômicas, sociais, técnicas e legais⁴⁵” (BOYD e CRAWFORD, 2012, p. 663).

Essa perspectiva de poder reunir um grande volume de dados em pouco tempo e com um investimento de recursos relativamente simples, já que atualmente existem muitos *scripts* e programas disponíveis aos pesquisadores para coleta e visualização de dados em plataformas de mídias sociais (APIs para *Facebook* e *Twitter*, Netvizz, IssueCrawler, Gephi, NodeXL etc.), tem mobilizado um número significativo de estudos baseados nesse tipo de metodologia⁴⁶. No entanto, corre-se o risco da “euforia” provocada pela “crença generalizada de que grandes conjuntos de dados oferecem uma forma mais elevada de inteligência e conhecimento que pode gerar insights anteriormente impossíveis, com aura de verdade, objetividade e precisão⁴⁷” (BOYD e CRAWFORD, 2012, p. 663).

⁴³ Tradução de: “*The algorithmic processing of very large sets of ‘traces’ of user activities collected by digital platforms*”.

⁴⁴ Tradução de: “*algorithmic accuracy to gather, analyze, link, and compare large data sets*”.

⁴⁵ Tradução de: “*large data sets to identify patterns in order to make economic, social, technical, and legal claims*”.

⁴⁶ Como, por exemplo, a produção acadêmica realizadas por pesquisadores do LABIC/UFES, com destaque para a do pesquisador Fábio Malini.

⁴⁷ Tradução de: “*the widespread belief that large data sets offer a higher form of intelligence and knowledge that can generate insights that were previously impossible, with the aura of truth,*

É nesse contexto que a construção da proposta metodológica deste trabalho se dá. Ela surge de uma inquietação e curiosidade sobre o que uma análise qualitativa e de âmbito micro permitiria avançar em termos de novos desenhos de pesquisa e discussão teórica para os estudos sobre política e internet no país.

Um dos desafios que se colocavam para mim enquanto pesquisadora era o de me inserir no mundo do *big data* para entender o que os “grafos estavam dizendo” sobre os protestos a partir de 2013. A revisão da literatura brasileira em periódicos da área de Ciências Sociais (SILVA et al., 2017) mostrou que somente um percentual pequeno dos estudos combinam técnicas consideradas tradicionais da pesquisa social qualitativa (entrevistas, etnografia, grupos focais) com as técnicas de coleta de dados digitais (*big data* ou *thick data*). Aliás, se comparada com a literatura internacional ou outras áreas como a Comunicação Social, o uso de coleta de dados baseados em big data nas pesquisas sociológicas é muito pequeno.

Outra lacuna identificada foi que a maior parte dos estudos se debruçava sobre a plataforma de mídia social *Twitter*, talvez porque a forma de obtenção de dados através de API oscilou menos. Quando os estudos focavam a plataforma de mídia social *Facebook*, geralmente elegiam como objeto empírico páginas e grupos. Além de uma questão teórica, uma limitação metodológica se impunha a essa preferência: programas de raspagem de dados modificaram-se muito e excluíram a possibilidade de coleta de dados automatizado de perfis devido à política de privacidade e dos interesses comerciais da empresa *Facebook*. O debate ético também se destaca nesse tipo de recorte visto que é muito difícil conseguir o consentimento para a coleta de dados pessoais em estudos massivos. Além disso, seria necessário um processo de negociação e interação maior com os sujeitos da pesquisa para que os objetivos do estudo fossem conhecidos e negociados e, assim, obter-se a autorização para uso dos dados.

Dessa forma, o desenho da pesquisa⁴⁸ foi feito pensando-se em contemplar essas brechas por meio de uma investigação de perfis na plataforma de mídia social *Facebook* de maneira qualitativa. Optou-se assim por trabalhar com volumes de dados menores e com certa aproximação dos pesquisados a partir da triangulação

objectivity, and accuracy”.

⁴⁸ Na sessão seguinte, apresento de forma detalhada a concepção e construção do desenho de pesquisa.

entre técnicas ditas tradicionais e a coleta dos rastros digitais produzidos pelos indivíduos ao longo de um tempo delimitado.

Em relação ao problema de pesquisa que visa responder sobre mudanças qualitativas nas dinâmicas que envolvem o ativismo contemporâneo mediado tecnologicamente, escolheu-se por essa abordagem combinada visto que uma das dificuldades iniciais de pesquisa era recrutar pessoas sem vínculos organizativos e com participação política. A aproximação e exposição, por um período longo, das rotinas de publicações no *Facebook* favoreceu a compreensão sobre as características determinantes e sutilezas desse tipo de ativismo em relação a processos de engajamento.

2.2 THICKENING DATA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Uma discussão contribuiu sobremaneira para enriquecer a reflexão metodológica desta tese e está presente no debate sobre *Big data x Small data / Thick data* (BOYD e CRAWLER, 2012, LATZKO-TOTH, BONNEAU E MILLETTE, 2017, SILVA, 2017, WANG, 2013). Tricia Wang (WANG, 2013), ao contar como seu estudo etnográfico com 100 usuários foi desprezado pela empresa Nokia em detrimento da base de dados estatísticos da empresa sobre a produção de *smartphones* para públicos de baixa renda⁴⁹ em 2009, realiza uma crítica à utilização indiscriminada do *big data*. A antropóloga utiliza esse exemplo para reivindicar e tentar reposicionar o trabalho etnográfico frente ao uso de análises obtidas com o *big data* que teriam status de verdade absoluta. Apoiando-se em Geertz, sugere que se faça uso do termo *Thick Data*, que define como “os dados trazidos à luz usando métodos de pesquisa qualitativa e etnográfica que descobrem as emoções, as histórias e os modelos de seu mundo. É o material pegajoso que é difícil de quantificar⁵⁰” (WANG, 2013, p. web).

boyd e Crawford escrevem um artigo no ano anterior elencando seis questões que perpassam a utilização de *big data* em pesquisa social. As autoras destacam a

⁴⁹ Em 2007, a Nokia detinha 49,4% do mercado, mas, em 2013, este número baixou para 3%. Fonte: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130904_ascencao_queda_nokia_an>. Acesso em 20.07.2017.

⁵⁰ Tradução de: “*data brought to light using qualitative, ethnographic research methods that uncover people’s emotions, stories, and models of their world. It’s the sticky stuff that’s difficult to quantify*”.

mudança da natureza do conhecimento, o quanto as noções de veracidade e precisão podem adquirir contornos enganosos, havendo “um processo de “limpeza de dados”: tomar decisões sobre quais atributos e variáveis serão contados e que serão ignorados. Esse processo é inerentemente subjetivo⁵¹” (BOYD e CRAWFORD, 2012, p. 667). Há ainda outros pontos igualmente questionados pelas autoras, tais como: o fato de existirem mais dados não significam melhores dados, de haver o afastamento do contexto e a perda de sentido que pode se dar devido à forma de coleta dos dados, além da questão ética envolvida no acesso a dados privados em ambientes públicos. Em resumo, os autores sugerem que o importante é “explorar o poder de melhores dados, sejam grandes ou pequenos⁵²” (HONIG, CARIBOU, 2012, p. web).

Mas de que forma pode-se qualificar os dados obtidos pela coleta em grande escala? “Uma solução é reduzir a amplitude dos dados (o número de pontos de dados), ao mesmo tempo em que aumenta a profundidade (isto é, “espessura” de cada ponto de dados). Chamamos esse processo de “engrossar” os dados⁵³” (LATZKO-TOTH, BONNEAU e MILLETTE, 2017, p. 325). Ou dito de outra forma:

Finalmente, durante este giro computacional, é cada vez mais importante reconhecer o valor de ‘dados pequenos’. Os insights de pesquisa podem ser encontrados em qualquer nível, inclusive em escalas muito modestas. Em alguns casos, concentrar-se apenas em um único indivíduo pode ser extraordinariamente valioso⁵⁴ (BOYD e CRAWFORD, 2012, p. 670).

Latzko-Toth, Bonneau e Millette (2017) apresentam algumas estratégias para o espessamento de dados (*thickening data*). Os autores sugerem que os dados sejam construídos a partir de três camadas: a primeira camada é obtida com informações contextuais; a segunda camada é obtida com a descrição densa das práticas estudadas e se completa com a terceira camada que diz respeito às experiências e significados dados pelos usuários e captados pelos pesquisadores. Para que isso seja possível, sugerem algumas técnicas de coleta, mas ressaltam

⁵¹ Tradução de: “For example, in the case of social media data, there is a ‘data cleaning’ process: making decisions about what attributes and variables will be counted, and which will be ignored. This process is inherently subjective”.

⁵² Tradução de: “Let us tap the power of Better Data, whether Big or Small”.

⁵³ Tradução de: “A solution is to reduce the breadth of data (the number of data points) while enhancing their depth (i.e. ‘thickness’ of each datapoint). We call this process ‘thickening’ the data”.

⁵⁴ Tradução de: “Finally, during this computational turn, it is increasingly important to recognize the value of ‘small data’. Research insights can be found at any level, including at very modest scales”.

que essas técnicas são abertas e é desejável que se modifiquem de acordo com cada problema de pesquisa (LATZKO-TOTH, BONNEAU e MILLETTE, 2017).

Findada essa breve reflexão sobre o valor do *small data* e a possibilidade metodológica apresentada pelo *thickening data*, pretendeu-se apresentar a perspectiva metodológica desta tese. Com isso claro, apresentam-se a seguir os procedimentos de coleta realizados para a investigação em curso.

2.3 TÉCNICAS DE COLETA DOS DADOS

A abordagem metodológica construída para este estudo parte de uma concepção do *thickening data* (LATZKO-TOTH, BONNEAU e MILLETTE, 2017), ou seja, o espessamento de dados coletados em plataformas de mídias sociais a partir de uma análise qualitativa e com volume de dados possível de ser analisado com recursos humanos limitados. Para isso combina diferentes técnicas para a coleta de dados.

Hine (2016) aponta que a etnografia permite que se explore não somente o texto específico produzido, mas o sentido dele na vida cotidiana, são “esses rastros on-line [que] oferecem o potencial de observar – de novas maneiras – o que as pessoas fazem com a mídia de massa” (HINE, 2016, p. 14). Diante disso, a autora argumenta que há algo de específico em etnografar na internet, e, por isso, algumas considerações sobre o trabalho de campo devem ser levadas em conta, tais como as características específicas que a internet adquiriu nos últimos anos. Para ela, a internet hoje é incorporada, corporificada e cotidiana⁵⁵, ou seja, não existe mais a separação on-line/off-line

O uso da internet torna-se significativo para nossas compreensões da identidade e responsabilidade, e transformador de nossas estruturas de recompensa, confiança e reconhecimento. Qualquer fragmento individual dos dados derivados da internet é, por isso, passível de ser interpretado de uma série de formas, dependendo dos contextos em que se incorpora e adquire significado. (HINE, 2016, p. 16)

A internet também é corporificada na medida em que a experiência on-line produz emoções de forma que o corpo não consegue distinguir uma experiência on-

⁵⁵ The E3 Internet: *The Embedded, Embodied, Everyday Internet*.

line de uma *off-line* a priori, estar conectado é mais uma das diversas atividades que realizamos simultaneamente. Com isso, a internet passou a ser cotidiana, ou seja, já não é mais possível fazer a separação sobre quando se está “na internet” ou não (HINE, 2016).

Ramos (2016) propõe que juntamente ao processo de descrição densa (GEERTZ, 1978), recorra-se à análise situacional (VELSEN, 1987),

Por colocar o foco na ação, a análise situacional constrói um ponto de partida, tanto para pensarmos em termos de redes, e não de sociedades tomadas igualmente como estáticas, integradas e abstratas, quanto para vislumbrarmos o modo como as ações estão entrelaçadas em processos. Então, acrescentamos à nossa fórmula etnográfica estes outros termos: redes, situação e processos. (RAMOS, 2016, p.32)

Com isso, este estudo optou por realizar a coleta de dados a partir de duas estratégias: realização de grupos focais⁵⁶ com os indivíduos interessados em participar da pesquisa (e que cumpriam os pré-requisitos) e a coleta manual das postagens realizadas nos perfis da plataforma *Facebook* desses indivíduos durante um período de tempo estipulado previamente.

A escolha dos participantes da pesquisa deu-se via plataforma de mídia social (*Facebook*). A partir de dois perfis (um pessoal e outro profissional), foi realizada uma postagem-convite⁵⁷. No texto, havia uma breve explicação com o convite para a participação em um grupo focal que seria utilizado em Porto Alegre para conversar, com fins acadêmicos, sobre internet e política. Considerando as *affordances* da plataforma, sabia-se que a difusão desta informação, embora pública, ficaria vinculada à rede de contatos mais ativos e vinculados aos dois perfis da pesquisadora. Mais especificamente, uma parte da lista de amigos que veria aquela postagem e que tinha sido selecionada a partir de uma combinação realizada pelos algoritmos do *Facebook* e a pela própria interação das pessoas com o perfil da pesquisadora.

Com isso, houve dois tipos de engajamento ao convite: algumas pessoas candidataram-se para participar de forma direta e outras acionaram contatos que estavam dentro do espectro solicitado: a) não ser membro ativo de nenhuma organização de Movimento Social ou Partido Político; b) ter realizado alguma vez

⁵⁶ O roteiro dos grupos focais está no Apêndice 4.

⁵⁷ Texto da postagem-convite disponível no Apêndice 5.

nos últimos três meses algum tipo de publicação ou atividade sobre política em redes sociais digitais como *Facebook, Whatsapp, Twitter, Instagram* etc.

Cabe aqui uma justificativa sobre o critério “não ter vínculo ativo com organizações de movimentos sociais”: o mesmo foi adotado para que houvesse a possibilidade de contato com um nicho muito pouco estudado no campo da sociologia da ação coletiva. Os poucos estudos que existem sobre engajamento e ativismo vinculam este pertencimento a Organizações de Movimentos Sociais, de modo que o conceito teórico trata de engajamento como pertencimento/envolvimento com uma organização. Entender e poder esmiuçar os significados, motivações e as redes movimentalistas na qual as pessoas sem vinculação organizativa se inserem, a partir de plataformas de mídias sociais, pareceu ser um dos pontos centrais para compreender se existem mudanças qualitativas no exercício do ativismo contemporâneo tecnologicamente mediado. Do ponto de vista teórico, esse estudo empírico permite confrontar o debate sobre a ação conectiva e seus críticos (BENNETT e SEGERBERG, 2012; TRERÉ, 2015; MILAN, 2015).

Somente seis perfis chegaram diretamente ao grupo focal pela rede da pesquisadora, nove “amigos” serviram de mediadores para doze pessoas e três pessoas intermediaram a participação de seus cônjuges. A partir daí, três grupos foram formados pelo critério de escolaridade: um grupo formado por 3 pessoas que não haviam concluído o ensino médio, um grupo foi formado com 5 pessoas com ensino superior incompleto e um grupo formado por 6 pessoas com ensino superior completo. Dois outros grupos foram formados a partir do critério de gênero: um grupo com 5 homens com escolaridade do ensino médio completo até superior completo e um grupo de 5 mulheres com ensino superior incompleto e completo. Sempre que possível foi tentado observar equivalência entre números de homens e mulheres nos grupos mistos.

Para a realização do grupo focal com escolaridade de nível médio, foi necessário que outra estratégia fosse adotada, pois o convite via perfil não teve efeitos. Por isso, foi realizado um contato através de mensagem privada com todas as páginas de escolas ocupadas em Porto Alegre⁵⁸ e enviada uma mensagem com

⁵⁸ Entre junho e julho de 2016, o estado do Rio Grande do Sul viveu um momento no qual diversas escolas estaduais foram ocupadas pelos estudantes de ensino médio.

o convite para a participação do grupo focal. Duas pessoas de uma mesma escola responderam à solicitação. Uma delas estava mais interessada em participar e articulou a presença de outros dois colegas.

Hine (2016), ao argumentar sobre o limite que os mecanismos de buscas e algoritmos oferecem ao pesquisador, também pondera que esses são um aspecto inevitável do uso da internet e que o pesquisador precisa ser capaz de refletir criticamente sobre “o papel da ferramenta de busca na construção da experiência do usuário de internet, se olharmos mais de perto para as formas como ela orienta nossa atenção para direções particulares” (HINE, 2016, p. 21). Dessa forma, a análise desses focos particulares faz parte da investigação.

Neste sentido, consideram-se algumas limitações, em termos de atributos sociais (quadros 1, 2 e 3), entre as pessoas que participaram dos grupos focais, como, por exemplo, ausência de pessoas negras e indígenas e a não representação de pessoas que combinassem baixa escolaridade com idade mais elevada. Mesmo assim, acredita-se que os casos representam parte da diversidade encontrada no ambiente social de forma significativa⁵⁹. Os cinco grupos focais contaram com a participação de 24 pessoas⁶⁰.

Gênero:

Quadro 1: *Descrição dos participantes por gênero.*

Homens	Mulheres
13	11

Fonte: Elaboração própria.

Faixa etária:

Quadro 2: *Descrição dos participantes por faixa etária.*

Até 18 anos	De 18 a 29 anos	De 30 a 50 anos	Mais de 50 anos
3	8	10	3

Fonte: Elaboração própria.

⁵⁹ Segundo a pesquisa TIC Domicílio de 2015, a classe A teve percentual de acesso à internet de 97%, ao passo que a classe B teve 87%, a classe C foi de 66% e as classes D/E de 32%. Ou seja, isto corrobora a sobre representação de pessoas com curso superior nos grupos focais. Tal desigualdade se expressa no acesso à internet no Brasil, com isso, mesmo que o viés da amostra exista, ele expressa a forma desigual do acesso no país. Fonte: <<http://data.cetic.br>>, acesso em 27 de abril de 2017.

⁶⁰ No Apêndice 2, é possível ver a composição por perfis dos grupos focais.

Escolaridade

Quadro 3: *Descrição dos participantes por escolaridade.*

Ens. Méd. Incomp.	Ens. Médio	Ens. Sup. Incomp.	Ens. Superior
3	2	6	13

Fonte: Elaboração própria.

A opção por realizar, num primeiro momento, grupos focais e não entrevistas semi-estruturadas deve-se ao entendimento que grupos focais proporcionam ao pesquisador uma visão mais larga e que se constrói na interação social, de forma que se obtenham informações de cunho mais amplo sobre um discurso social. Os dados são produzidos a partir do debate entre os participantes, “é a partir do que os outros dizem que os membros de um grupo são estimulados a refletir sobre suas próprias experiências, recapitular eventos, expressar opiniões e produzir informações que interessam ao pesquisador” (TEIXEIRA *et. al.*, 2016, p. 148).

A realização dos grupos focais teve como objetivo entender parte das estratégias utilizadas pelos usuários quando eles atuavam politicamente e apreender as experiências obtidas nessas situações durante a utilização das plataformas de mídias sociais. Com isso, o roteiro do grupo focal compreendia desde questões mais gerais sobre o nível de usuário, experiências práticas com o uso da internet de forma geral e específica para o uso político, tipo de usos das plataformas de mídias sociais como fontes de informação, tipos de expressão política, tipos de ações realizadas, personalização dos conteúdos e sentidos da participação para os envolvidos. Os grupos separados por gênero também tinham o intuito de proporcionar um ambiente mais propício para emergir questões vinculadas a diferenças de usos e participação da internet de acordo com o gênero.

Após a realização dos grupos focais, foi criado um perfil específico para que a pesquisadora pudesse dialogar com os participantes. Este perfil enviou solicitações de amizade via plataforma *Facebook* para todos os participantes e também um agradecimento por terem participado do grupo focal. Nessa mensagem, também foi enviado um pedido de autorização para que se pudesse observar, catalogar e analisar as postagens efetuadas por cada um deles.

Esse tipo de procedimento, autorizado pelos participantes, traz contribuições significativas para se entender um pouco da dinâmica de interação neste ambiente. Abre-se a possibilidade de se conhecerem as redes com as quais os perfis

interagem, em que situações diferentes redes se mobilizam em torno de quais assuntos, além da construção do *self*, situação largamente analisada para o debate sobre identidade em plataformas de mídias sociais.

A coleta manual das postagens de cada perfil foi realizada com recorte temporal no período entre julho e outubro de 2016 de 24 perfis que totalizam 5792 publicações⁶¹. Podemos dividi-los em quatro grupos de acordo com a quantidade de publicações: onze perfis publicaram até 100 *posts*; oito perfis de 101 a 300 postagens, dois perfis têm de 301 a 600 publicações e dois perfis têm mais de mil publicações, sendo responsáveis por 45% da amostra, e um perfil não publicou nada durante o período citado. A catalogação deu-se com o preenchimento de uma planilha⁶² na qual constavam as seguintes colunas que foram preenchidas da forma indicada:

a) *Data*: data de publicação do *post*.

b) *ID post*: número do *post* catalogado. Cada *post* possui um só número de identificação.

c) *Origem do post*: podiam ser classificados como:

i. *posts* compartilhados: *posts* compartilhados, que não são de autoria do perfil analisado;

ii. *posts* próprios: *posts* de autoria do perfil analisado;

iii. mensagens recebidas: toda e qualquer publicação feita na página do perfil analisado, por amigos ou páginas;

iiii. marcações em foto: aqui se considerou única e exclusivamente marcações de amigos ou páginas em fotos em que o perfil analisado se encontra.

d) *Tipo*: formato da publicação que poderia ser classificada como:

- *Acontecimento*: uma ferramenta do próprio *Facebook* que permite às pessoas marcarem eventos importantes em sua trajetória, a ferramenta oferece previamente algumas possibilidades em diversas áreas, mas o usuário pode criar o acontecimento com o fato que ele escolher.

⁶¹ Para uma descrição pormenorizada da coleta de *posts*, acesse o Apêndice 1.

⁶² A planilha foi construída a partir de um modelo divulgado no curso Etnografia online ministrado por Débora Zanini (IBPAD) e foi adequada para os objetivos deste estudo. Agradecemos as sugestões realizadas pela professora.

- Artigo de opinião: aqui foram catalogados textos publicados em blogs independentes.
 - Charge: ilustração que satiriza alguma situação do cotidiano.
 - Coluna: aqui foram catalogadas colunas públicas e assinadas em sites de notícias.
 - Editorial: editorial de site jornalístico.
 - *Gif*: um formato de imagem na qual se podem intercalar vários arquivos produzindo uma animação simples.
 - Imagem: aqui foram classificadas tanto fotos produzidas pelos usuários quanto imagens compartilhadas em formatos sem animação.
 - Marcação: quando o perfil marcou algum filme, série ou livro que estava assistindo ou lendo.
 - Meme: foram catalogados nesta categoria imagens legendadas que viralizaram ou foram muito difundidas pelas mídias sociais com muitas reinterpretações e que expressam situações casuais com humor.
 - Notícia: aqui foram catalogados todos os links que reportavam a sites de notícias jornalísticas.
 - Petição *online*: divulgação de links de petição online.
 - Teste: divulgação de resultados de aplicativos com os mais variados tipos de testes que o usuário participa.
 - Textão: publicação via *Facebook* geralmente longa sobre um tema polêmico. É uma designação muito utilizada pelos usuários para já, de antemão, informarem que o texto é longo e polêmico.
 - Texto: escrito no *Facebook* sobre diversos temas ou em *blogs*.
 - Vídeo: formato de vídeo compartilhado ou produzido pelos usuários.
- e) *Tema Geral*: espaço reservado para a análise de conteúdo da publicação com o intuito de designar o tema geral.
- f) *Tema específico*: espaço reservado para, quando necessário, especificar o tema geral da publicação em até três palavras-chave.
- g) *Link do post*: *link* da publicação. Preencheu-se de acordo com a origem do *post*.
 Para *posts* compartilhados: anexou-se o *link* que leva a publicação original (redirecionando, então, ao *post* de um *blog*, de uma página, um site, etc.);
 Para *posts* próprios: anexou-se o link que leva a publicação do perfil analisado.

Para mensagens recebidas:

- *Posts* compartilhados na linha do tempo do perfil analisado: em alguns casos anexou-se o link que redireciona a publicação original; em outros, o link que leva ao próprio *post* feito pelo(a) amigo(a);
- Publicação de foto ou vídeo na linha do tempo do perfil analisado: anexou-se o link que leva ao próprio *post* feito pelo(a) amigo(a);
- Publicação de um link externo ao *Facebook* na linha do tempo do perfil analisado: em alguns casos anexou-se o link que redireciona a publicação original; em outros, o link que leva ao próprio *post* feito pelo(a) amigo(a);
- Publicação de texto na linha do tempo do perfil analisado: anexou-se o link que leva ao próprio *post* feito pelo(a) amigo(a).

Para marcações em foto: anexou-se o link que leva a publicação original da marcação (ao *post* do(a) amigo(a), da página, etc.).

h) Número de compartilhamentos: número de compartilhamentos recebidos do *post* analisado.

i) Número de reações: número de reações recebidas do *post* analisado.

j) Número de comentários: número de comentários recebidos no *post* analisado⁶³.

k) Texto do post: texto escrito pelo perfil analisado no *post* catalogado. Deixou-se em branco quando o perfil analisado não fez comentários no título da publicação.

l) Perfil de quem comentou: link para o perfil de quem comentou o *post* analisado.

m) Comentário feito: cópia e cola do comentário feito por um perfil no *post* analisado.

A partir de uma primeira análise dessas informações, viu-se a necessidade de compreender se ocorreu alguma mudança nas temáticas, no volume de publicações dos indivíduos ou na rede de interações. Uma estratégia complementar adotada foi escolher seis⁶⁴ perfis e iniciar uma catalogação de postagens mais antigas. Assim, escolheu-se um intervalo de quatro meses retroativos para iniciar uma nova coleta, ou seja, fevereiro de 2016; a cada quatro meses, um foi escolhido⁶⁵. Além desses,

⁶³ Embora em pequena quantidade, houve momentos em que não era permitido acessar o número de compartilhamentos, reações e comentários. Nesses casos, preencheu-se com hífen para indicar a falta da informação.

⁶⁴ São três homens e três mulheres que contemplam todas as faixas etárias informadas.

⁶⁵ Os meses escolhidos foram: Fev./16; Set, Abril/15; Nov. Jul. Fev./14; Set. Abril/13; Nov. Jun. Jan./12; Ago. Mar./11; Out. Maio/10; Dez/09.

alguns meses⁶⁶ foram incluídos como meses chaves no cenário político brasileiro. Essa nova fase limitou a coleta a 50 postagens por mês, visto que o interesse da pesquisa não estava em apresentar um retrato fiel de tudo o que foi publicado pelos indivíduos até porque não se sabe os critérios utilizados pelo *Facebook* para mostrar postagens mais antigas dos perfis, mas o objetivo era entender se existe algum tipo de continuidade temática em relação às publicações de temática política. Com isso, foram coletados mais 2.433 *posts* dos seis perfis, que seguem os mesmos moldes da tabela apresentada.

As estratégias adotadas na coleta de dados construíram um corpus de pesquisa denso e extenso. Foram cinco grupos focais transcritos e mais de 8 mil publicações coletadas. Para os limites de uma tese de doutorado, esse volume de dados precisou contar com uma estratégia de seleção que, na próxima sessão, apresenta-se de forma detalhada.

2.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DOS DADOS

Ao elencar as técnicas de coleta de dados citadas anteriormente, visou-se construir um *corpus* que possibilite compreender as mudanças nas dinâmicas do ativismo na contemporaneidade. A análise desses dados foi de tipo qualitativo, com a intenção de mapear os processos em curso pelos quais os perfis investigados atuam na plataforma de mídia social *Facebook* e modificam ou não sua atuação no âmbito político a partir da interação com a sua rede de amigos.

As conversas geradas pelos grupos focais foram integralmente transcritas e passaram por um processo de codificação no *software* NVivo 11 Pro. A codificação⁶⁷ foi realizada após a leitura sistemática e com a intenção de condensar segmentos do texto que expressassem uma ideia ou conceito. Neste caso, a partir do roteiro do grupo focal, foram criados os seguintes nós⁶⁸: 1) Uso da internet; 2) Fontes de Informação; 3) Interesse em Política; 4) Uso de Plataformas de Mídias Sociais/APPS; 5) Personalização dos conteúdos; 6) Sentidos da participação; 7)

⁶⁶ Os meses chave foram: Mar/15 por causa das manifestações pelo *impeachment* de Dilma Rousseff; Out/14 por causa das eleições presidenciais; Jun./13 por causa das manifestações que iniciaram contra o aumento da passagem do transporte público e tomaram conta do país e; Out/12 por causa das eleições para governo dos estados e prefeituras.

⁶⁷ A lista com os nós utilizados na codificação está no Apêndice 6.

⁶⁸ Nó é a denominação utilizada pelo *software* NVivo para identificar um código.

Referentes para a construção do discurso político; 8) Temas políticos relevantes e 9) Autoidentificação ideológica. Todas as falas também foram codificadas com o nome da pessoa que a proferiu.

Essa primeira etapa de codificação visou segmentar diferentes assuntos que foram desenvolvidos pelos participantes dos grupos focais. A partir dessa primeira codificação, foi feito um refinamento dos códigos, ou seja, cada trecho codificado passou por um acréscimo de subcategorias que auxiliaram na complementação e busca de diferentes estratégias de uso por indivíduo.

Neste sentido, a codificação se deu em duas vias: na primeira, os códigos emergiram da teoria (que subsidiou o roteiro do grupo focal), e na segunda, a codificação emergiu dos dados que proporcionaram novos elementos para a condensação das informações empíricas em categorias de análise. O processo de codificação dos grupos focais utilizou a codificação em dois níveis, um que qualifica um conjunto de elementos textuais numa categoria e o outro de tipo analítico que expressa uma interpretação sobre os dados obtidos.

As postagens que foram coletadas manualmente foram organizadas num banco de dados construído via *software Excel*. Cada tabela representa um usuário na qual cada linha representa um *post*, e as colunas contém as informações já apresentadas na sessão anterior. As colunas referentes ao tema geral e aos específicos foram preenchidas posteriormente à primeira catalogação e teve-se acesso ao conteúdo das postagens através do *link* captado conforme descrito.

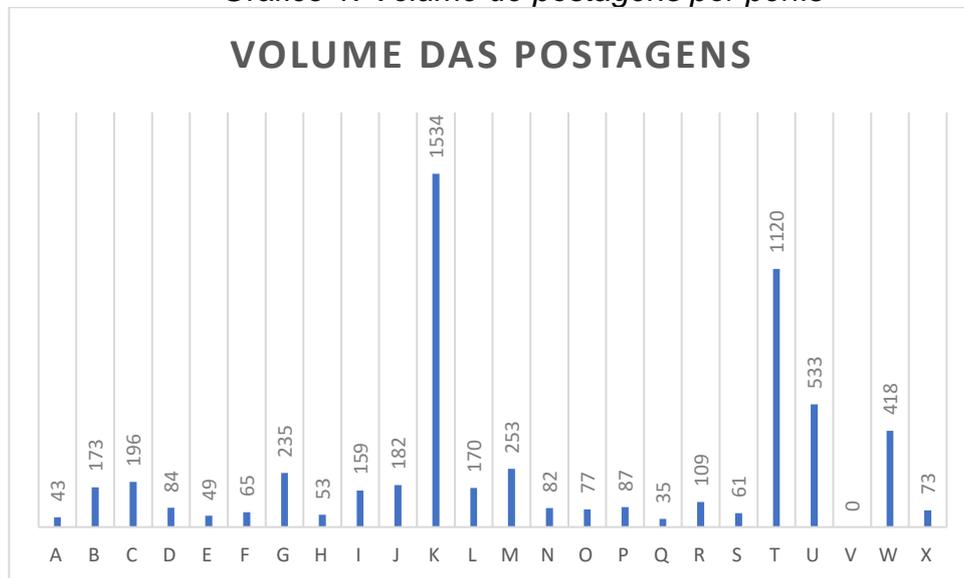
A análise de conteúdo desse material visou identificar palavras-chave que condensassem a informação veiculada na postagem. Para a coluna referente ao tema geral, elencamos palavras que situavam o assunto da postagem como de cunho pessoal, político, comportamental. Nas colunas seguintes da postagem, foram escritas palavras que dessem o entendimento do contexto mais específico, por exemplo, se a postagem foi analisada como de tema geral político, nos interessou descrever sobre o que, quem e/ou de onde se tratou a publicação⁶⁹.

O número de publicações de cada perfil oscilou entre 0 e 1534 (gráfico 1) no primeiro período de coleta, o que gerou um volume de dados extenso. Como somente dois perfis foram responsáveis por 45% das postagens coletadas, optou-se

⁶⁹ Para ver um exemplo de como ocorreu a organização e análise do material, acesse o Apêndice 7.

por reduzir somente para esses dois perfis a quantidade das postagens que tiveram o conteúdo analisado e codificado, reduzindo em dois terços este material.

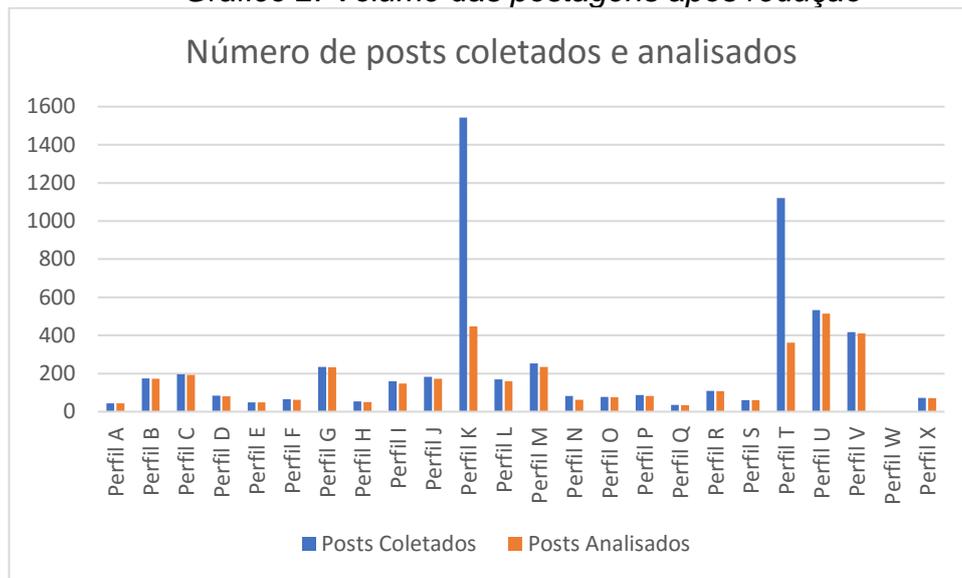
Gráfico 1: *Volume de postagens por perfis*



Fonte: elaboração própria.

Para isso, foi feita uma amostragem sistemática, que é um tipo de amostragem probabilística, na qual a amostra é definida a partir do estabelecimento de sorteio do primeiro elemento de forma aleatória e, posteriormente, seguindo um intervalo pré-estabelecido. Neste caso, a intenção era reduzir o total de *posts* para 1/3 terço. Foi realizado um sorteio entre os 3 primeiros *posts* da tabela e a partir daí um *post* foi codificado num intervalo de 2, por exemplo: se foi sorteado o *post* da linha 2, o próximo *post* codificado foi o da linha 5 e assim sucessivamente. Com isso, os dois perfis discrepantes tiveram uma redução que fez com que as postagens analisadas passassem de 1534 para 511 *posts* codificados no perfil K de 1120 para 373 *posts* codificados no perfil T (Gráfico 2). Houve também uma redução de *post* no banco de dados de outros perfis por indisponibilidade do *post* quando foi realizada a análise de conteúdo.

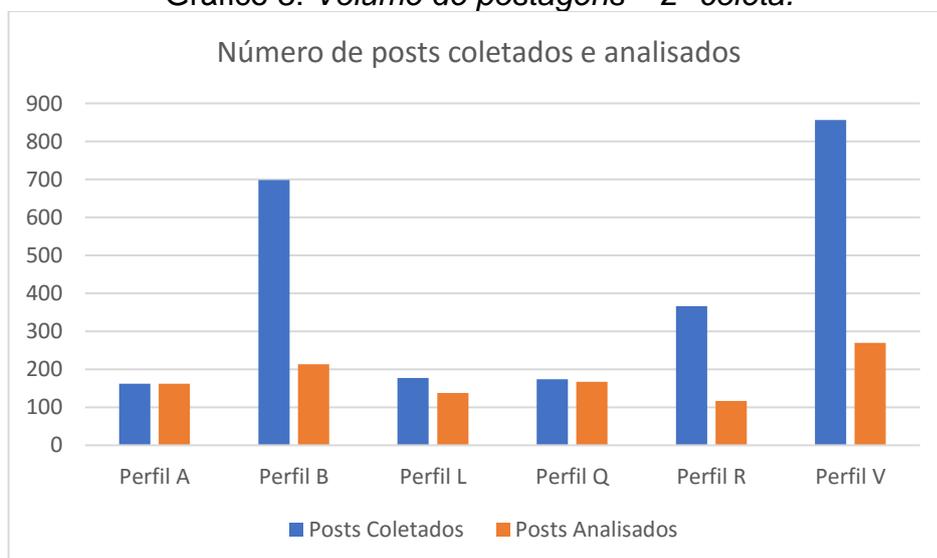
Gráfico 2: Volume das postagens após redução



Fonte: elaboração própria.

A segunda coleta de dados também sofreu o mesmo tipo de ação para equiparar o volume de postagens dos perfis (Gráfico 3). Assim, os perfis B, R e V tiveram uma redução de dois terços no volume de dados codificados pela análise de conteúdo. Com essa decisão, foram analisadas 5.173 postagens ao invés de 8.225, número total de *posts* que compõem o banco de dados. Acredita-se que essa redução não implicou em perda da qualidade da análise, pois a amostragem sistemática preservou a cronologia das postagens, e o número final ainda assim foi significativo para a abordagem qualitativa.

Gráfico 3: Volume de postagens – 2ª coleta.



Fonte: elaboração própria.

Esse material foi analisado primeiramente de forma individual, ou seja, um balanço quantitativo de quantas postagens por tipo, tema, quais as postagens que obtiveram maior interação e uma análise qualitativa para proporcionar uma descrição pormenorizada da atividade dos perfis no período analisado. Com a codificação realizada de cada postagem com o conteúdo temático da publicação, foram realizadas análise de frequência de palavras para se obterem nuvens de palavras. Percebeu-se uma diferença significativa em relação aos conteúdos publicados e como isso indicava níveis diferentes de interação na plataforma. Essas palavras-chaves também foram utilizadas para realizar uma clusterização de fontes. Esses dois resultados auxiliaram a organização dos dados para apresentação da análise no capítulo III.

Outra etapa de análise dos dados foi realizada com o banco de dados organizado no *software Excel*. Foram separados somente os *posts* com conteúdo político. A cada linha correspondente a um *post* e colunas, foram acrescentados os seguintes indicadores: enquadramento, fonte, tipo de fonte e eixo. O enquadramento analisou como o conteúdo da publicação era mobilizado pelo perfil (poderia ser em apoio ou contra alguma causa e neste caso, era classificado). A fonte descreve de qual perfil, página ou site a informação compartilhada se origina. A coluna sobre o tipo de fonte qualifica e amplia a informação anterior, especificando se se trata de um site de notícias ou institucional, se o perfil é oriundo da rede pessoal ou figura pública, etc. E por fim, esses *posts* foram classificados em torno do que chamamos de eixos a fim de analisarem-se as dimensões que caracterizam seu ativismo.

2.5 LIMITES E POSSIBILIDADES DESSE TIPO DE METODOLOGIA

A utilização de um contato pessoal prévio proporcionado pela realização dos grupos focais foi fundamental para que informações que não puderam ser obtidas via plataformas de mídias sociais orientassem a observação e coleta dos dados. As estratégias elaboradas por cada um, o diálogo sobre o que pensam e como a rotina na internet está colocada em seu cotidiano forneceu o *background* necessário para que a interpretação dos dados ocorresse de forma mais consistente.

Observar a rotina de publicações por um período longo (2 anos) também foi importante para perceber se o período de *posts* coletados (4 meses) está situado

próximo a uma curva normal ou não. Os resultados dessa observação fluída, da *timeline* a partir do meu perfil de pesquisadora não estavam colocados de modo explícito na tese, mas contribuíram para as reflexões realizadas durante a investigação.

Em termos éticos, procurei ter o máximo de cuidado em não expor os participantes desta pesquisa além do essencial. Fiz contato com eles em diversos momentos, como para agendar a participação no grupo focal, para enviar-lhes o termo de consentimento. Um ano após a realização do grupo focal, novamente entrei em contato com eles via *inbox* para solicitar-lhes alguns arquivos pessoais. Dos 24 participantes, obtive o retorno com o arquivo de 12 pessoas. Outras chegaram a responder, mas por questões técnicas, não conseguiram obter os arquivos solicitados.

Esse tipo de abordagem metodológica proporciona dados que podem ser aprofundados, relacionados e permitem que se avance em questões difíceis de mapear somente em entrevistas. A riqueza que os rastros digitais nos proporcionam se dá quando se pode combiná-los e, assim, criar-se diferentes indicadores. O banco de dados gerado para esta investigação ainda é capaz de responder a muitas questões que não puderam ser discutidas aqui. Com o espessamento do dado, é possível compreender o contexto no qual a interação é produzida.

Os limites desse tipo de abordagem metodológica dizem respeito à imprevisibilidade de mudanças ou de algoritmos ou de acesso aos dados. Nesse curto período de pesquisa, alguns dados coletados no primeiro momento não puderam ser acessíveis numa segunda oportunidade para nova recodificação. Diante disso, é importante definir bem, ao iniciar a coleta, quais serão as informações fundamentais e armazená-las em locais distintos, ao invés de confiar que o acesso será sempre possível via plataforma escolhida.

3 MUDANÇAS QUALITATIVAS NAS FORMAS DE EXERCÍCIO DO ATIVISMO CONTEMPORÂNEO TECNOLOGICAMENTE MEDIADO

Neste capítulo, apresento a análise dos dados obtidos via grupos focais e *Thickening data*. A organização dos dados deu-se de duas formas. Uma forma em que apresento as questões mais gerais que surgiram a partir do debate ocorrido entre os participantes e que puderam iluminar alguns pontos sobre como essas pessoas fazem/veem seu ativismo e quais as estratégias adotadas por elas. Neste sentido, duas reflexões importantes emergiram daí 1) a importância de identificar qual a postura adotada pelos ativistas em razão da possibilidade de interação com a lista de amigos do perfil, aquilo que boyd (2010) chama de públicos em rede. E 2) como essa postura adotada pode ter implicações importantes para diferenciarmos, em termos teóricos, diferentes formas do exercício do ativismo contemporâneo mediado tecnologicamente.

Após, são apresentados nove perfis que exemplificam essas diversas possibilidades de exercício do ativismo de forma a se tentar construir uma tipologia que ajude a qualificar o debate sobre o ativismo digital (em termos amplos) a partir de dados empíricos e da triangulação de técnicas. Espera-se que isso responda ao questionamento sobre quais seriam as **características** das formas de exercício do ativismo contemporâneo a partir da mediação de plataformas de mídias sociais.

Dessa forma, os perfis descritos ajudam a entender a diversidade de intensidade e ocorrência para daí apreenderem-se as características centrais do ativismo tecnologicamente mediado. Apresenta-se a rotina de publicações de cada um, com uma descrição quantitativa e uma breve análise qualitativa de alguns *posts*. A última seção visa responder à pergunta de pesquisa e propõe uma tipologia do ativismo tecnologicamente mediado.

3.1 ESTRATÉGIAS, CONTEXTOS COLAPSADOS E AUDIÊNCIAS INVISÍVEIS

Os participantes desta pesquisa têm diferentes níveis de uso da internet de forma geral, e de modo específico nas plataformas. Nove deles trabalham “*no computador*”. Alguns, inclusive, são responsáveis pelo gerenciamento de páginas e das mídias sociais das empresas para as quais prestam serviço. Uma rotina que os

faz ter acesso diário por longos períodos às plataformas de mídias sociais. A grande maioria utiliza a internet como usuários avançados para realizar todo tipo de operações, desde pesquisa acadêmica, *home banking*, buscar endereços e rotas, programas culturais etc. Somente oito dos 24 participantes acessa à internet de forma mais esporádica. O acesso se dá preferencialmente pelo celular, tendência confirmada por pesquisas recentes⁷⁰.

O roteiro do grupo focal instigou os participantes a falarem sobre os usos de plataformas de mídias sociais e pretendia mapear se as pessoas usavam as redes sociais como fontes de notícias, espaço de expressão política ou como uma ferramenta para unir causas e mobilizar a informação. No entanto, o diálogo estabelecido mostrou-se profícuo, trazendo dados que permitiram ampliar esse entendimento. Foi possível identificar elementos sobre as diferentes formas de gerenciamento das redes sociais que os participantes desta pesquisa utilizam e, de forma específica, as estratégias de uso, os contextos colapsados e como os perfis atuam/ tratam das audiências invisíveis (BOYD, 2010).

Os participantes citam o *Facebook*, o *Twitter*, o *Instagram*, o *WhatsApp*, o *Snapchat*, o *Tumblr*, o *Pinterest* e o *Linkedin* como as plataformas de mídias sociais que utilizam com maior frequência. O *Instagram* é utilizado para o compartilhamento de fotos pessoais e do cotidiano, sendo que o acesso dessa rede para o público em geral é mais restrito. O *Snapchat* é utilizado pelos mais jovens. Todos os estudantes do ensino médio o usam, além de dois estudantes do ensino superior, mas esses admitem utilizá-lo pouco. O *Tumblr* e o *Pinterest* também cumprem a função de armazenar imagens e vídeos pessoais e preferências temáticas como gatos, plantas, itens de decoração etc. O *Linkedin* é utilizado somente para fins profissionais.

O *Twitter* é a segunda plataforma de mídia social mais utilizada, mas tal uso se dá de duas formas. Existem aqueles que o veem como uma rede social mais rápida para se saber o que está ocorrendo, com informações mais ágeis. Mas existem também aqueles que a utilizam “*para falar*”. Por ser menos utilizada pelo público mais velho, os mais jovens veem nesta rede a oportunidade de abordarem os assuntos que no *Facebook* ficariam constrangidos em abordar. Esse constrangimento cresceu à medida que a popularização dessa plataforma ocorreu e

⁷⁰ Como informa o Suplemento de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2015.

ampliou o acesso do público com mais idade, diferentemente do *Twitter* que ainda é utilizada por um número menor de pessoas e com por círculos menores.

Os usos do *Facebook* variam. Essa é a rede que propicia informação e contatos com pessoas distantes, onde se descobrem eventos e que proporciona uma formação em temas (muitas vezes) distante da realidade próxima dos indivíduos. Entretanto, trata-se, sobretudo, de uma plataforma na qual eles mais falam sobre política. Somente dois participantes não a consideram muito importante no seu cotidiano. Alguns diminuíram o tempo de uso do *Facebook*, pois identificaram um declínio na qualidade das interações. Com isto, percebe-se que as pessoas adotam diferentes usos de acordo com demandas específicas e isso exige estratégias diferentes.

A questão aqui diz respeito ao que boyd (2010) chama de públicos imaginados ou pretendidos. A noção faz referência ao processo pelo qual a lista de amigos gera audiências invisíveis, ou seja, pessoas para quem o participante dirige suas expressões. "No entanto, o valor de imaginar a audiência ou o público é ajustar o comportamento e a auto-apresentação de um indivíduo para atender às normas pretendidas desse coletivo⁷¹" (BOYD, 2010, p. 6). Em diversos momentos, a necessidade de modular a performance na plataforma para evitar ou provocar reações na lista de amigos foi relatada no grupo focal. Às vezes, essa reação aparece na forma de uma autocensura, como as falas a seguir exemplificam:

Às vezes eu não escrevo o que de fato eu penso, pra não incomodar algumas pessoas, mas eu não costumo restringir. (Perfil O, grupo focal)

Eu não ponho nem uma foto de família, isso aí eu não uso. Então a proteção que tenho é cuidar pra não colocar o que não é verdadeiro ou alguma coisa assim. Cada vez mais eu tô me restringindo mais, e eu me prometi que essas notícias de fulano vai ser preso, de que aquele lá é bandido, que aquele outro político fez aquilo ali... Eu acho que essa difamação na internet não leva a nada, então isso aí tudo eu tenho muito cuidado pra não por [...]. Agora, eu procuro não colocar nada que vá ser ofensivo também, agressivo. Eu me policio, eu faço essa autocensura. (Perfil A, grupo focal)

Eu tenho até que tomar cuidado assim na forma que eu me posiciono. Eu tenho mais de 400 alunos que são meus alunos que são meus amigos no *Facebook*. E muitos são crianças! Então, eu tenho que manter uma postura adequada. (Perfil J, grupo focal)

⁷¹ Tradução de: "Yet, the value of imagining the audience or public is to adjust one's behavior and self-presentation to fit the intended norms of that collective".

Entre dois jovens, o que apareceu foi a questão da autoproteção por causa de sua orientação sexual e a repercussão que imaginam disso entre familiares, amigos e colegas de trabalho. Eles defendem a causa LGBT, mas precisam atuar de forma subterrânea, em grupo fechados, de forma a se preservarem. O Perfil E tem uma atuação mais livre no *Twitter* segundo seu relato.

o meu pai não sabe que eu sou homossexual e também não pode saber por motivos maiores e no *Facebook* se eu colocar umas coisas... óbvio que eu vou fazer ativismo LGBT o tempo todo no *Facebook*. Vou! Mas eu não posso me expor. Infelizmente, eu ainda não posso me expor tanto. Se eu for relatar: “rolou e tal comentário porque eu sou lésbica”, ou “tal coisa porque eu sou lésbica e tal”, coisas que eu sinto vontade de dizer, compartilhar, de coisas que acontecem, mas eu não posso por causa de parentes e essas coisas. Já no *Twitter* é mais tranquilo, então eu posso fazer piada, posso falar o que eu quiser porque não tem essa popularidade. (Perfil E, grupo focal)

amigos também que são gays e os pais não sabem com medo de serem expulsos de casa, então eles acabam se calando mais por causa disso, eles acabam vendo discussões no *Facebook*, eles gostariam de opinar, e eles não conseguem, e isso é muito do *Facebook* porque essas mesmas pessoas conseguem falar no *Twitter*, elas conseguem se pronunciar em outras redes, mas no *Facebook* elas não conseguem por essa questão que a [Perfil E] falou antes, do *Facebook* tem juntado muita gente. (Perfil I, grupo focal)

Assim, suprimem diversos assuntos pensando em sua repercussão na sua vida, chegando a ignorar assuntos importantes para si ao não assumindo ou defendendo determinadas posições de forma pública para as diversas pessoas que estão em sua lista de amigos. Outros, ao contrário, assumem essas posições com o intuito de afastar pessoas que expressam opiniões divergentes e que diferem muito em relação aos valores adotados.

Os públicos imaginados em cada uma dessas listas, a forma como essa lista é construída e reconstruída, os critérios adotados para a seleção de quem é ou não considerado “amigo” fazem parte de um universo que auxilia a contextualizar melhor o que está público no perfil de cada um. Sem saber disso, fica difícil compreender o que está em jogo quando cada um posta o que posta, ou identificar as lacunas do que foi deixado de lado.

Para entender essas diferentes estratégias adotadas e como cada um lida com os conflitos que surgem do cruzamento de todas essas variáveis, foi possível identificar algumas linhas de atuação nos grupos focais. Uma delas está em deixar o *feed* de notícias mais próximo do que a pessoa acredita como sendo o compatível

com seus valores e crenças. Para isso, muitos excluem os amigos discordantes. Seja porque elas publicaram algo que desagradou a pessoa, curtiram páginas que ofendem esses valores ou fizeram algum tipo de comentário nas postagens do perfil, discordando do conteúdo da publicação.

Aqui, algumas questões estão em jogo: 1) o desgaste emocional do indivíduo ao se deparar com aquele familiar ou pessoa próxima que, ao revelar as preferências políticas discordantes das suas, cria um conflito moral para o indivíduo. 2) o envolvimento em discussões muito agressivas que perturbam os indivíduos ao ponto de eles preferirem manter a comodidade de ter um *feed* de notícias na plataforma em consonância com aquilo que eles acreditam.

Muitos relataram que já sofreram agressões pesadas, foram xingados virtualmente e já xingaram outras pessoas. Duas pessoas disseram que a ausência de humanidade faz o debate mais agressivo do que ele seria se as pessoas estivessem ao vivo. Ou seja, a diminuição dos constrangimentos e normas sociais instiga o debate ao ponto de levá-lo ao nível mais raivoso. Nas palavras do perfil K, ele diz que *“passei a evitar, mas tinha situações que eu não suportava... postagens de amigos e amigas minhas que eu não suportava, aí ficava muito irritado, que eu comecei a bloquear todas essas pessoas”*. Ou como diz o perfil G, ciente da formação das bolhas: *“pelo menos se eu for fazer uma bolha pra mim vou fazer uma bolha com informação, com interesse, então são essas coisas que me atraem assim”*. O perfil C ressalta em determinado trecho que o momento político serviu para que ela reorganizasse a rede de contatos de acordo com os seus interesses:

De maneira geral ainda acho uma rede social muito útil para saber de notícias, para ir atrás do que te interessou e também para fazer a rede de contato conforme te interessa, por que nesses últimos tempos eu excluí muita gente, aí serve para fazer uma limpa. (Perfil C, grupo focal)

Mas alguns também relataram deixar propositalmente pessoas que discordam em seu círculo de amizades na rede com o intuito de ter acesso a outros pontos de vista, como é o caso do perfil V que diz que

Eu prefiro que eu adicione as pessoas e elas apareçam. Muitas vezes eu me incomodo também com o que elas postam e aí eu acabo chegando no extremo de deletar ou então parar de seguir para não aparecer mais nada de notícia dela. Mas, em geral, eu gosto de ir adicionado. (Perfil V, grupo focal)

Outros perfis deixam de publicar temas polêmicos ou que eles imaginam polêmicos em seu círculo de relacionamentos para não perderem amizades ou porque não conseguem lidar com a desaprovação ou possíveis represálias. O perfil O assume-se como uma “isentona⁷²”, pois tem amigos com diferentes posicionamentos políticos e não expõe sua opinião política “*para não acabar com as amizades*”. Já o perfil M relata que durante algum tempo modulou suas publicações pensando em seus familiares que estavam na plataforma de mídia social e veriam aquela publicação.

Outra questão surgida do grupo focal foi a ideia de ser punido ou de punir alguém da lista de amigos por conta de algum conteúdo publicado.

Teve uma pessoa que eu acabei... digamos assim... deletando! É uma pessoa que apoiou o Bolsonaro. Aí eu tive que deletar!!! Inclusive pra ela ver que eu estava deletando ela. Ela é minha colega de trabalho e então, eu queria que ela soubesse que eu estava deletando ela. (Perfil J, grupo focal)

Rolou um aplicativo pra ver quem curtia a página do Bolsonaro pra você desfazer as amizades. Aí chegou uma amiga e me disse: “–amiga descurte a página do Bolsonaro, é queimação, você vai ser apagada”. E eu: “– não posso nem curtir pra acompanhar o trabalho do cara?” Ou seja, a imagem que você constrói ao curtir uma página entendeu?!? Engraçado isso, ela me disse: “– descurte que tá todo mundo vendo, porque já veio gente aqui falar: – pô você curte Bolsonaro, não acredito”. Ai meu Deus até isso!!! (Perfil O, grupo focal)

Para boyd (2010) os contextos colapsados emergiram com as plataformas de mídias sociais. São os responsáveis por provocarem esse tipo de situação anteriormente descrita, mas também servem para ampliar a circulação de informações e colocar pessoas com socializações distintas em contato com outros discursos e práticas. Essa interação fomenta a possibilidade de criar situações que possibilitem o questionamento de temas que estavam fora dos âmbitos mais restritos (esfera familiar, por exemplo) e de criar vínculos digitais com outras pessoas e que seriam mais difíceis de serem construídos sem a mediação tecnológica. É a partir dessa diversidade de público e opiniões circulando na rede que algumas pessoas têm a possibilidade de mudar de perspectiva:

⁷² O isentão foi a figura que não assumiu nenhum dos lados durante o processo de pedido de *impeachment* de Dilma Rousseff.

Eu acho que sim, até porque eu dei a minha opinião assim, questões do feminismo por exemplo, eu era contra aborto, eu via uma menina com roupas mais curta na rua eu já pensava “coitada”, e foi assim, foi vendo as pessoas falar sobre isso na internet, até porque na minha casa as pessoas não falavam sobre isso, que eu mudei completamente a minha opinião sobre... (Perfil M, grupo focal)

E é essa possibilidade que faz algumas das ativistas desta pesquisa terem uma estratégia de atuação na rede que proporcionem uma espécie de formação, ampliação de visões de mundo.

Então, eu só postava alguma coisa que eu achava muito importante. Geralmente questões que as pessoas em geral, principalmente pessoas que eu sei que eu tenho adicionadas não compreendem, por exemplo, aquelas questões mais banais do feminismo. Por exemplo: não culpabilizar a vítima... Esse tipo de coisa que eu acho extremamente necessário! Eu tenho vontade de esfregar na cara das pessoas as coisas que eu compartilho. (Perfil B, grupo focal)

Porque tem esse pensamento que eu tenho que compartilhar... Que eu tenho que falar... porque às vezes pode ser uma pessoa que não conhece, não sabe direito o que tá falando e que quando tiver mais informação sobre... pode até mudar de opinião. Eu pensava assim “não vou comentar numa rede social onde eu sei que vão me julgar e vou perder amigos”, mas eu não preciso de amigos que são contra a existência de alguma pessoa pela sua opinião, pelo seu partido, pelo seu gênero, coisas assim. (Perfil M, grupo focal)

Durante a realização dos grupos focais, os participantes foram estimulados a falar sobre quais seriam as causas que defendem ou que passaram a promover em seu perfil de *Facebook*. Somente cinco pessoas não responderam ao questionamento nos grupos focais, sendo que a maior parte das pessoas citou mais de uma causa.

Foram dezesseis temáticas no total. As questões vinculadas ao direito dos animais, ações afirmativas, imigração, corrupção e saúde foram citadas uma vez, a defesa dos transgêneros, do combate ao racismo, segurança pública, direitos humanos, direito à cidade foram citadas duas vezes. Três pessoas citaram que os principais temas de interesse tinham a ver com a política do cotidiano, aquilo que afetava diretamente as suas vidas, e outras três disseram atuar em defesa da causa LGBT. Quatro pessoas se colocaram como muito envolvidas com a política partidária. A educação apareceu citada seis vezes, principalmente relacionada ao tema das Ocupações de escolas. E a causa mais vezes referida foi a feminista, com

8 citações (figura 10). O Perfil M disse que basicamente defende os fracos e oprimidos, sem fazer referência a nenhuma causa em específico.



Figura 10: Nuvem de palavras com as causas mais citadas nos grupos focais
Fonte: Elaboração própria.

Em relação a fontes de informação, a questão geracional se mostrou relevante mais uma vez, pois os mais velhos tendem a centrar suas fontes de informação em portais/sites da grande mídia, ao passo que os mais jovens optam por agência de notícias menores como a Pública, Mídia Ninja e páginas como Moça, você é machista, por exemplo. Um deles diz acompanhar o PSOL e a página do Juntos, mas não há nenhuma referência explícita às páginas das organizações de movimentos sociais. Na análise dos perfis a seguir, isto se mostra mais detalhadamente.

3.2 ROTINA DE PUBLICAÇÕES DOS PERFIS: UMA ANÁLISE POR TEMAS DE PUBLICAÇÃO

Nesta seção, apresentam-se as rotinas de publicação dos perfis e as análises sobre algumas das características que emergem disso. A análise de dados deu-se em diversas etapas. A primeira delas, ainda durante a fase de coleta, consistiu em codificar cada uma das postagens a partir de temas gerais e específicos, ou seja, categorias amplas sobre o assunto ao qual majoritariamente estava relacionada aquela publicação. Essas categorias foram pensadas de forma a comportar até

quatro classificações, o que seria um resumo temático das publicações. Na primeira coluna, classificou-se de forma mais geral a postagem, e em outras três colunas, a postagem foi especificada em relação a temas secundários, personagens envolvidos ou local ao qual se referia a publicação.

Realizou-se uma análise exploratória no *software* NVivo 10 Pro a partir de uma análise de clusterização de fontes (cada fonte é o arquivo de categorias codificadas) por similaridade de palavras (coeficiente de correlação de Pierson). Esse procedimento de análise resultou num dendograma com cinco clusters (figura 11).

Fontes em cluster por similaridade de palavra

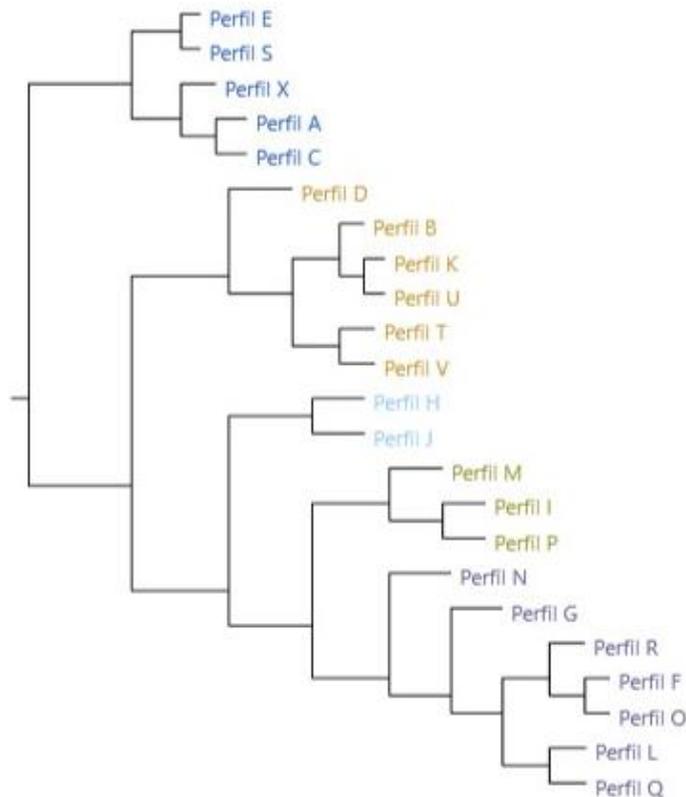


Figura 11: Clusterização por fontes
Fonte: Elaboração própria.

Esta primeira clusterização foi combinada a uma análise de frequência de palavras que gerou nuvens específicas para cada perfil, criando mapas visuais capazes de mostrar padrões de publicação entre os 23 perfis analisados. Neste caso, ao separar as nuvens a partir da palavra que ocupa o espaço central do mapa, encontramos 3 grandes grupos. O grupo A (figura 12), cuja palavra central é



Figura 13: Grupo cuja palavra central é pessoal/comportamento
Fonte: Elaboração própria

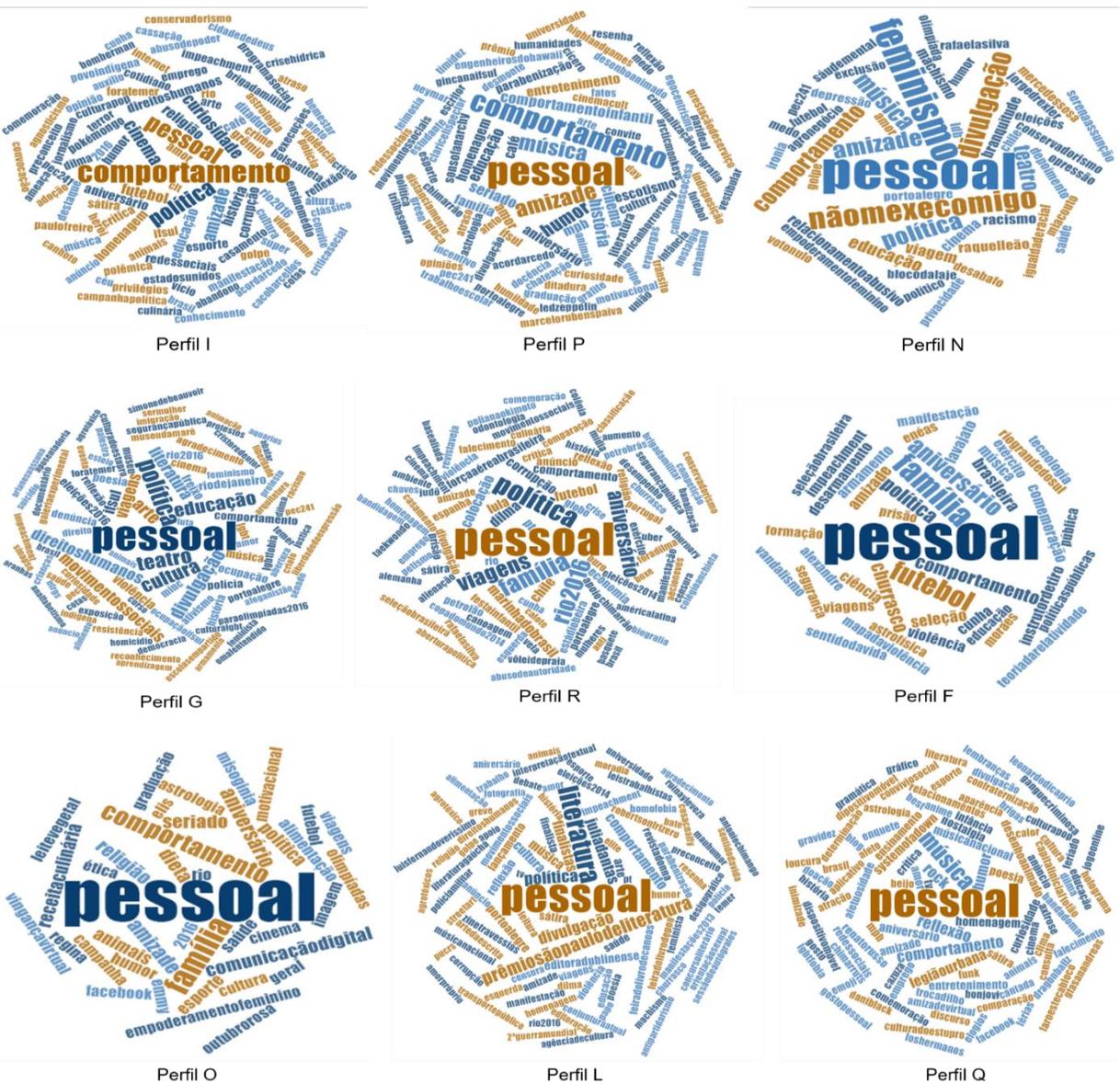


Figura 14: Grupo cuja palavra central é pessoal/comportamento
Fonte: Elaboração própria

Por fim, o terceiro grupo (figura 15 e 16) mantém semelhança com dois cluster apresentados no dendograma e concentra as palavras-chaves centrais educação, movimentos sociais e política.



Figura 15: Grupo cuja palavra central é educação/movimentos sociais
 Fonte: Elaboração própria.

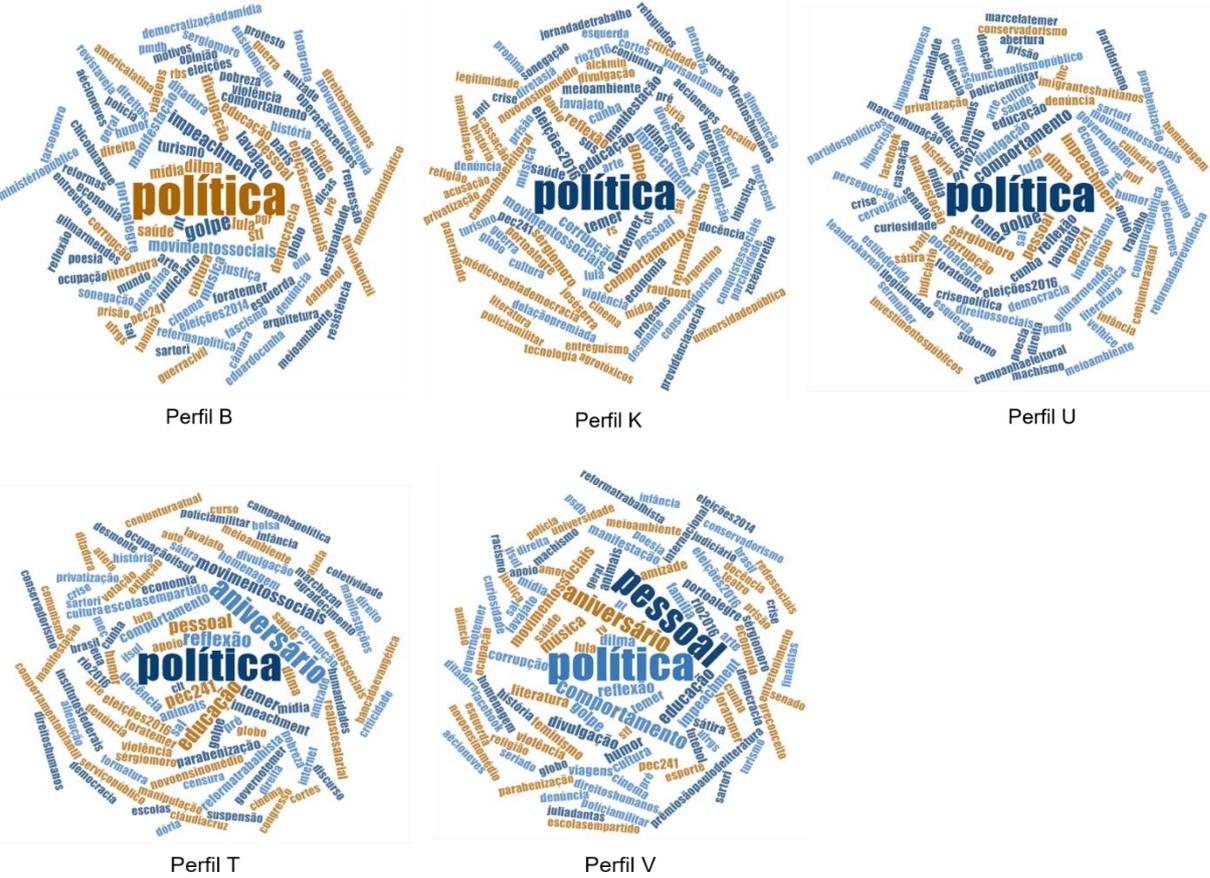


Figura 16: Grupo cuja palavra central é política
 Fonte: Elaboração própria.

Essas duas técnicas de análise quantitativa foram realizadas para agrupar os perfis estudados por semelhanças de conteúdo. Esses dados demonstram como as performances de conexão em relação ao volume temático de publicações foi diferente nos casos estudados. O primeiro grupo com um volume menor de atuação explícita, o segundo grupo com um volume maior de publicações e relativa variedade temática e o terceiro grupo com pouca variação temática e um volume alto de publicações. Embora, esse tipo de análise nos leve a crer que existem padrões diferentes de ativismo tecnologicamente mediado, isto não pode ser analisado com uma simples análise de frequência por conteúdo da publicação. É neste sentido que as dimensões de análise adotadas ajudam a avaliar como essas diferentes características de atuação, estratégias e intencionalidades podem ser classificadas como ativismo tecnologicamente mediado ou não.

Sobrepondo a clusterização realizada pela similaridade de palavras de fontes e a frequência de palavras, foi possível observar um resultado bem semelhante (figura 17) entre a clusterização por similaridade de fontes e a frequência a partir das nuvens de palavras.

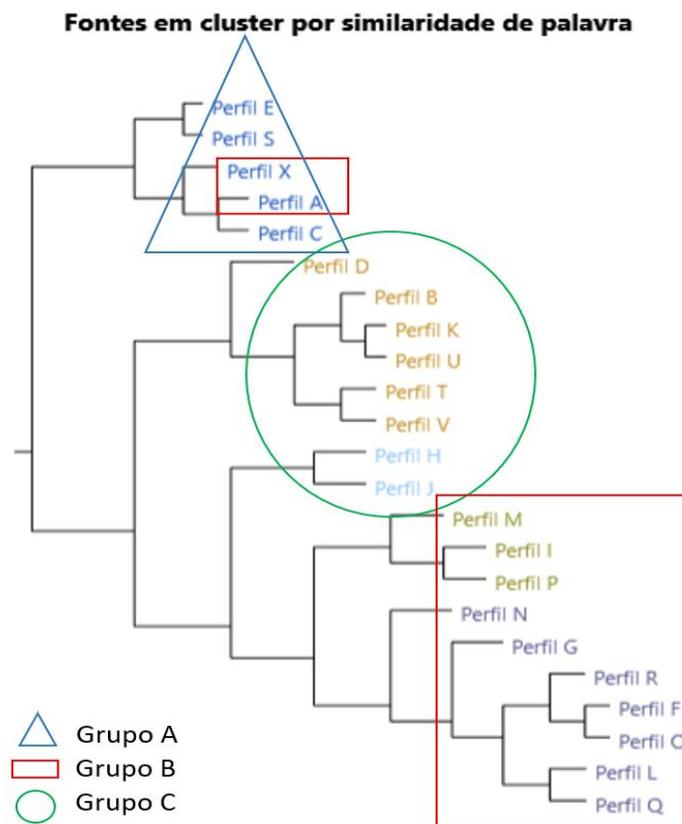


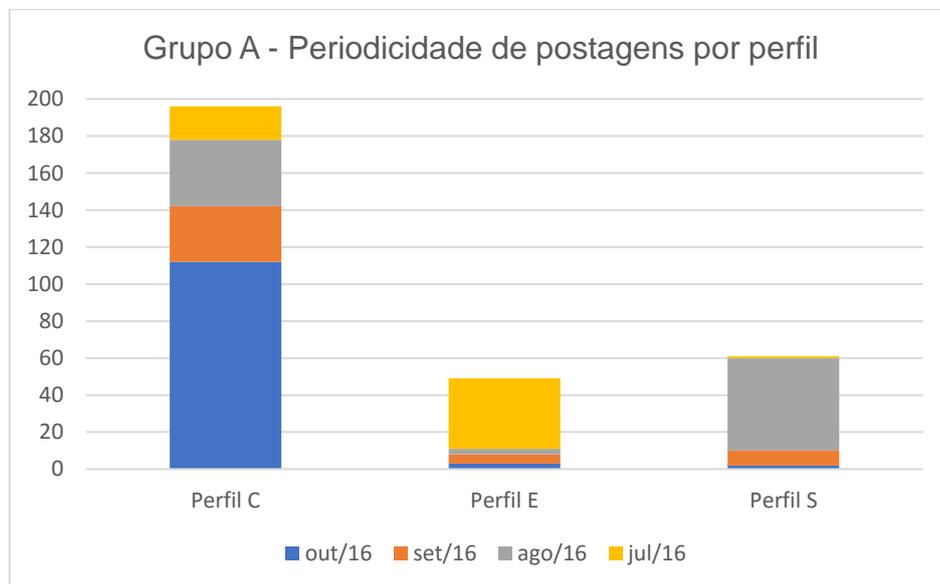
Figura 17: Clusterização com sobreposição de análise de frequência
Fonte: Elaboração própria.

3.3 GRUPO A

Este grupo é formado por 3 pessoas, com idades entre 18 e 38 anos, sendo duas do gênero feminino e uma do gênero masculino. A característica que os une aqui é que receberam mais mensagens do que publicaram em sua página do *Facebook*. A grande maioria das mensagens refere-se a felicitações pela passagem do aniversário, prática comum entre os participantes da plataforma de mídia social⁷⁴.

Mais do que uma coincidência, o fato de a coleta de *posts* ter ocorrido nos meses de aniversários deles evidencia aqui uma rotina de poucas publicações mensais na plataforma (Gráfico 4) e pouca interação com o público que compõe sua rede, a não ser pela data comemorativa. Podemos dizer que estes perfis caracterizam-se, sobretudo, pela observação e/ou interação em espaços fechados como *chats*, grupos, comentários em outras páginas. Porém, muito pouco é mostrado pelos perfis em sua página pessoal. Dentre o que é publicado pelos perfis, faz-se algumas considerações.

Gráfico 4: *Periodicidade de postagens por perfil do grupo A*



Fonte: *Elaboração própria*

⁷⁴ O perfil C faz aniversário em outubro, o perfil E faz aniversário em julho e o perfil S faz aniversário em agosto.

3.3.1 Perfil C

O perfil C tem duas publicações sobre a questão de gênero, uma delas em apoio à propaganda vinculada por um shopping que questiona papéis de gênero, e outra sobre um compartilhamento de um texto sobre a violência contra a mulher. Outras 36 publicações giram em torno da política institucional/conjuntural brasileira. Dessas publicações, 19 referem-se ao *impeachment como golpe*.

Em 31 de agosto de 2016, o perfil compartilha um *post* da página Socialista Morena que chama seus seguidores a resistirem ao Golpe (figura 18). Há a personalização do *post* com o texto: “Ou se luta ou se consente! Golpistas não passarão!”.



Figura 18: *Post do Perfil C*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Em outras postagens, as *hashtags* são muito utilizadas para reverberar e conectar as campanhas que vão surgindo naquele momento, e a apropriação de publicações de uma plataforma como o *Twitter* ou *Instagram* fazem eco nas publicações do *Facebook*. Isso é o que Bennett, Segerberg e Walker (2014), chamam do mecanismo de integração dinâmica, ou seja, a habilidade que algumas pessoas têm em integrar e distribuir conteúdos em plataformas diferentes vinculando-os a *hashtags* específicas. Esse mecanismo cria uma coletividade e distribui a informação de forma recuperável e com buscabilidade e pode ser exemplificado por diversos *posts*.

Como exemplo, há o compartilhamento de uma imagem no *Facebook* que corresponde a um texto originalmente publicado no *Instagram* (figura 19). O Perfil C, ao compartilhar tal imagem, insere as *hashtags*:

[#foratemer](#) [#temergolpista](#) [#temerusurpador](#)
[#temercovarde](#) [#thereisacouponbrazil](#) [#stopcouponbrazil](#)

Esse processo cria hiperlinks que, ao serem clicados, levam o usuário da plataforma a mais publicações que tenham se utilizado da mesma *hashtag*. No caso específico, chama atenção que algumas *hashtags* estão em inglês, possibilitando que usuários não nativos também possam acessar este conteúdo.

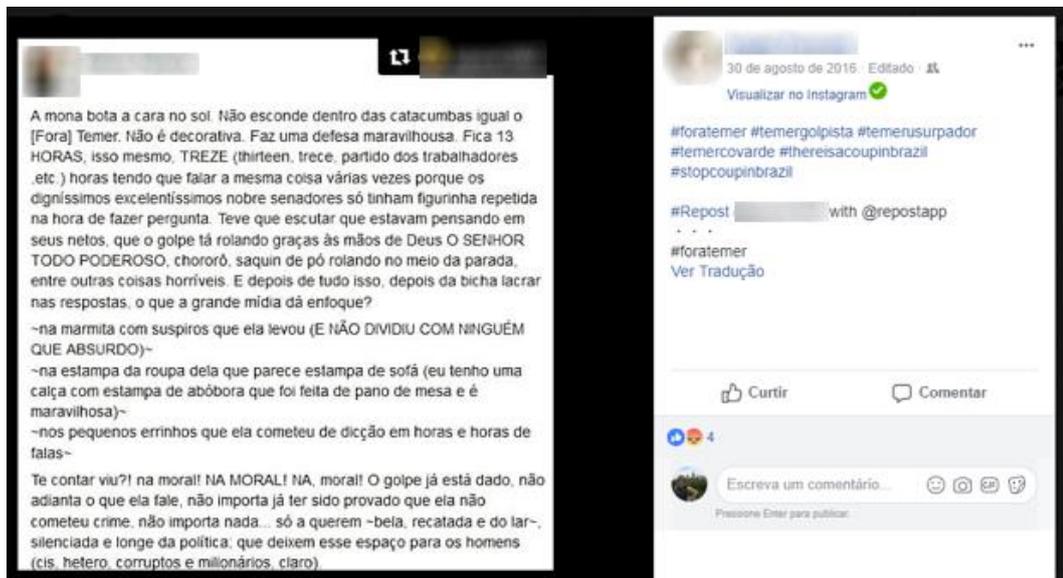


Figura 19: *Post do Perfil C*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Cinco publicações fazem uma demarcação sobre a identificação do campo político-ideológico do perfil ao enfatizarem uma perseguição ao PT e divulgarem aspectos vinculados às conquistas sociais dos governos PT (figura 20). Nessa publicação específica, foi utilizado o meme “do ppt do Dallagnol”. Trata-se de um remix da imagem divulgada na grande mídia quando o promotor apresentou com um arquivo ppt argumentos que o levariam a crer que Lula era o “comandante máximo do esquema de corrupção”. O meme alcançou os *trending topics* do *Twitter* rapidamente, e o Perfil C divulgou uma reapropriação da imagem que apresenta

políticas públicas e realizações do governo Lula como resposta ao divulgado pelo promotor.



Figura 20: *Post do Perfil C*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

A demarcação de fronteiras ocorre em vários *posts*. Duas publicações explicitam o voto nulo nas eleições municipais de Porto Alegre em 2016 durante o segundo turno, ao passo que outra postagem se utiliza de um texto para criticar a classe média brasileira ou, como o texto se refere, o pobre de direita, uma publicação relaciona a política ao crime e outro compartilhamento faz propaganda política do candidato do PSTU, Júlio Flores, como uma alternativa mais à esquerda para as eleições municipais. Mas o núcleo de publicações é direcionado aos políticos que são oposição ao PT, sendo que quatro delas são a Michel Temer (figura 21) e duas se estabelecem em oposição aos políticos Aécio Neves e José Ivo Sartori (figura 22).



Figura 21: *Post do Perfil C*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

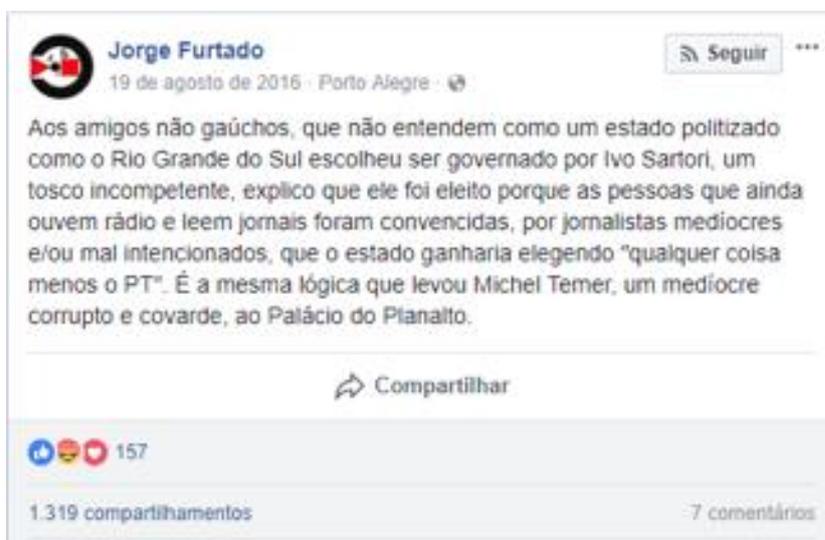


Figura 22: *Post do Perfil C*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Em 19 de setembro de 2016, o Perfil C faz um relato no qual publica o *print* de uma mensagem recebida que pedia votos para um vereador (figura 23). O perfil escreve um texto no qual fala sobre a impossibilidade de estar registrada naquele *mailing* e o despreparo de equipes de campanha ao pedirem votos dessa forma. Ao fim, destaca que “não vota em GOLPISTAS” e que desde os 16 anos tem orgulho e consciência tranquila de todos os votos que deu.

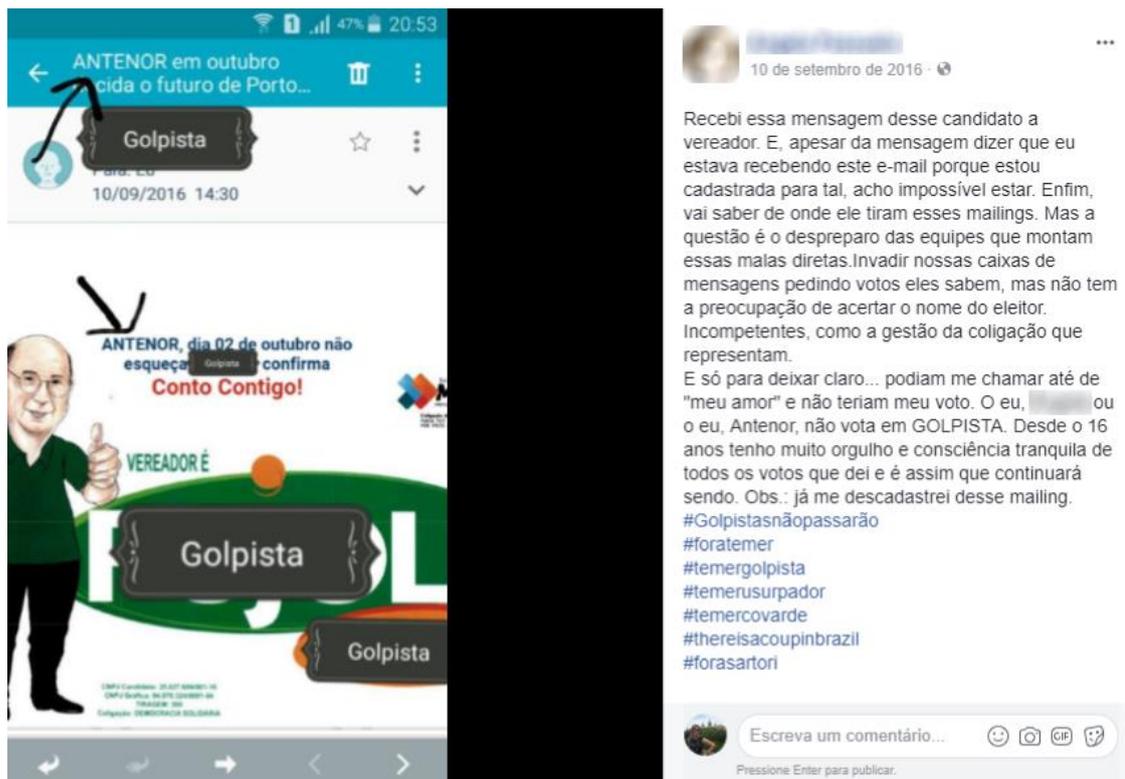
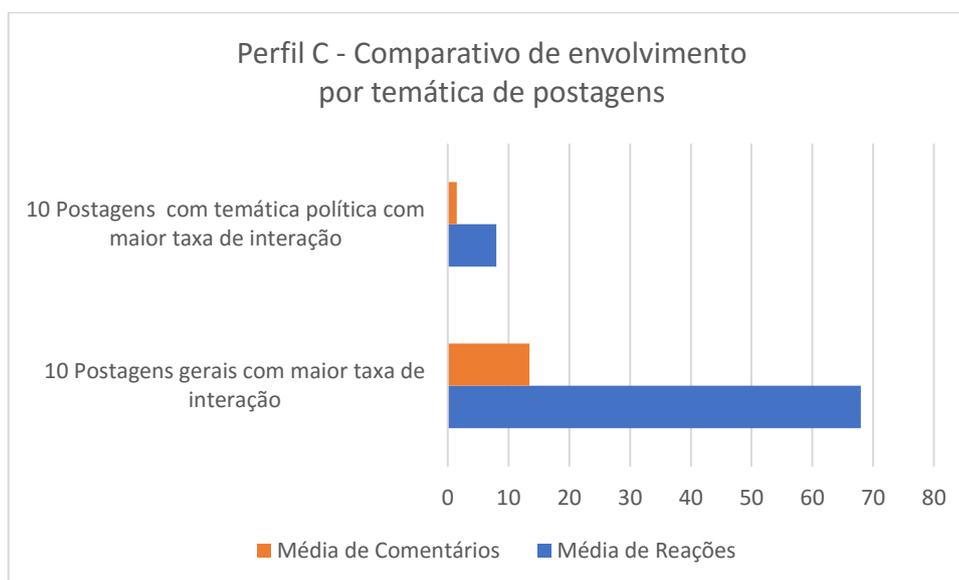


Figura 23: Post do Perfil C
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

A análise da origem das fontes aponta que são 27 compartilhamentos, a maioria deles de perfis de figura pública (13), seguido por página de notícias (6), perfis da rede pessoal (6), página de figura pública (3), página de comunidades (2), site de notícias (2), página de empresa privada (1), blog de notícias (1). A fonte mais utilizada é a página de notícias Socialista Morena (5). A interação nessas postagens está bem abaixo da média obtida pelo perfil com publicações sobre outras temáticas conforme mostra o gráfico (gráfico 5), enquanto as médias de reações de *posts* com temática geral foi de 68 e 13,4 comentários recebidos. As médias de reações de *posts* e comentários com temática política foi de 8 e 1,5 respectivamente.

Gráfico 5: Perfil C – Comparativo de envolvimento por temática de postagens.



Fonte: Elaboração própria.

O Perfil C tem uma trajetória de participação política a partir de seus pais, mas relata que foi em 2016 que tomou a decisão de atuar mais ativamente na defesa das causas que acredita. Para ela, o *Facebook* é um veículo importante para se colocar em contato com outras pessoas e coletivos e realizar pressão. No entanto, ela ressalta que mesmo que de maneira geral não se avance nas conquistas que deseja, o seu ativismo a deixará, pelo menos, com a consciência tranquila.

Eu fui criada com política, pra mim é uma coisa normal. [...] fui criada em greve de magistério essas coisas... Eu cresci nesse meio, mas eu acho que nesse último ano... Eu tive uma conversa com meu namorado que eu me lembro e que eu disse pra ele que não dá mais, a gente tem que se posicionar, não dá mais para não falar nada ou deixar... Eu não concordo com essa história que tem gente que fala “é só o *Facebook*”, eu não acho que é só o *Facebook*, eu acho que é uma coisa que tá ali para todo mundo, então, tem uma responsabilidade no que se fala ali e que a gente tem que sim tomar um partido. E daí que nesse último ano foi isso que realmente mudou, tenho a mesma visão, que tem que se defender o que se acredita porque se não os outros vão tomar conta, então pelo menos ficar com a consciência tranquila (Perfil C, grupo focal).

3.3.2 Perfil E

O perfil E publicou apenas quatro vezes sobre temáticas engajadas. Em uma das ocasiões, a causa defendida foi a campanha contra a PEC 241 cuja fonte era um site de notícias. Outra publicação foi sobre o comportamento das mulheres. A imagem compartilhada advoga para um comportamento esperado da mulher, e a mensagem dada pelo perfil contradiz o conteúdo inicial. A terceira publicação faz referência aos evangélicos e traz uma imagem com a pergunta: “Qual música evangélica te deixa assim?” (figura 24). Novamente, o perfil brinca ao responder: “Agora virei puta – Valesca Popozuda”. A quarta postagem é um vídeo que faz uma espécie de “pegadinha” com os participantes do Acampamento Farroupilha em relação ao preconceito LGBT.



Figura 24: Post do Perfil E
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Os conteúdos veiculados pelo perfil E são de predominância feminista e LGBT. Os textos das postagens assumem um tom irônico, estabelecem um diálogo de contra-argumentos com o que a mensagem da imagem original afirma. Em relação à interação proporcionada pela publicação desses perfis, diferentemente do Perfil C, as postagens com teor crítico estão entre os 10 *posts* com maiores níveis de interação, ocupando 3º, 4º e 6º lugar. A postagem com maior interação diz respeito à publicação de uma imagem de perfil e tem 215 reações e 48 comentários, mas a média das postagens de teor engajado é de 45 reações e 5 comentários. Levando-se em conta que o *feed* de notícias do *Facebook* promove mais postagens como essa da troca de imagem do perfil, considera-se que a estratégia adotada de apropriação de mensagens veiculadas em páginas de comunidades e tidas como de um espectro conservador para enquadrar a ação criticada como algo positivo é efetiva para criar interação na rede. Pode-se perceber uma vinculação, mesmo que indireta, à abordagem da Marcha das Vadias.

Ao mesmo tempo em que o perfil teve poucas publicações no *Facebook*, já foi mostrado que esta pessoa adota uma estratégia mais seletiva em relação ao tipo de mensagem que é veiculada de forma pública na sua *timeline* por causa das pessoas que compõe sua lista de amigos. Isso faz com que sua atuação se dê em outros espaços fechados da plataforma. Nesse sentido, o Perfil E, durante a realização do grupo focal, falou sobre a iniciativa de criar um grupo específico para mulheres com a intenção de terem um espaço seguro de trocas, apoio e organização coletiva. Ela explica que a ideia veio da observação de que algumas amigas estavam dedicando muito tempo em debater num outro grupo fechado com pessoas das mais diferentes orientações ideológicas. Nesse outro grupo, prevaleciam os discursos de ódio e tais interações poderiam ativar gatilhos nas mulheres que ali participavam.

Nesse grupo, acabou que teve uma discussão bem ferrenha, acho que eu, a (Perfil A), a (nome de outra ativista), a maioria das gurias se envolveu porque um dos meninos tava meio que culpabilizando uma menina que tinha sido estuprada... foi horrível, ele falou que era exagero, que nada tinha sido provado, que tava sendo imparcial. Aí a maioria das gurias comentou e acabou surgindo durante esses comentários, foi menos em *post* assim, e acabou surgindo uns discursos de ódio nos comentários, algumas coisas falando mal do movimento feminista. Daí eu fiquei pensando que ao invés da gente ta discutindo aquilo ali, a gente podia tá conversando com outras gurias e a gente podia tá se juntando, podia tá fortificando o movimento, a gente podia tá conversando, a gente podia tá se ajudando... E aí criei o diálogos de ex-alunas, só meninas dali do (nome da instituição de ensino), porque ali naquele grupo que a gente tava conversando tá tendo muito

discurso de ódio, tava tendo muita coisa que podia totalmente ofender a imagem, machucar, ativar algum gatilho até de várias gurias que passaram por situações. Então, eu criei esse grupo, mas seria só pra apoio pra gente conversar, não seria um grupo de debate, não diria que debates não vão ocorrer, claro, mas seria um grupo mais de apoio, pra gente conversar, pra gente, não sei... acho que até compartilhar coisas do nosso cotidiano que são importantes pra avisar outras gurias. (Perfil E, grupo focal)

Ao ser perguntada se teria alguma vinculação mais específica com o movimento feminista, ela respondeu que tem uma tendência a se identificar mais com o feminismo radical, mas não cita nenhuma organização, coletivo ou grupo específico. Também ressaltou a complexidade que é assumir uma identidade de feminista radical.

Eu me considero mais pendida pro lado do feminismo radical, mas também observo esses problemas, mas até agora os grupos do feminismo radical que eu encontrei, mais pra esclarecimento pra algumas dúvidas que eu tinha assim, como se fosse uma resistência mais forte, as gurias que já aceitavam mais o pelo do corpo ou as gurias que tavam fazendo uma resistência mais louca assim na rua, de tá saindo pintada e não baixando a cabeça, não deixando homem dá pitaco, basicamente, não deixando homem protagonizar. Não diria que homem tem que calar a boca e pronto, às vezes tem. Então por isso que o feminismo radical, eu pendo um pouco pro lado dele, às vezes, tem essas partes mais “deu e pronto”, mas não que eu acredite em tudo, e também tem muitas minas que, infelizmente são transfóbicas, e etc. É meio complicado tu chegar e falar assim “olha eu sou feminista radical” e aí vá que alguém não saiba muito bem o que é. Então é meio difícil tu chegar e falar assim. É meio complicado isso, tu chegar e assumir “nossa, eu sou dessa vertente do feminismo”, na realidade eu sou feminista e pronto, mas em algumas vertentes tem algumas coisas que não fazem sentido. Na realidade em todas, quando tu para pra ler e aí tu fica “isso aqui faz sentido, isso aqui não”. Então na realidade, cada mulher vê dentro de si o que faz mais sentido pra ela. Eu acho que isso é o que tem de bom no feminismo de liberar tu pra pensar. Não é essa imposição, a partir do momento que tu é feminista radical tu não pode ter amigos trans, a partir do momento que tu é do feminismo liberal tu não pode, sabe? (Perfil E, grupo focal)

3.3.3 Perfil S

O perfil S teve quatro publicações de cunho político das 10 postagens realizadas no período. Uma delas faz um relato sobre a ação violenta da polícia em relação aos manifestantes durante um protesto (figura 25). Houve duas publicações sobre o regime antidemocrático e uma postagem sobre a crise econômica no país. Diferentemente dos perfis apresentados até aqui, o perfil S privilegia a escrita própria, sem referências a fontes externas para delinear seu posicionamento. As

postagens orbitam em torno da situação política do país e demarcam um inimigo comum, mas sem fazer referência a nenhum histórico de pertencimento. A atuação é bem pontual.

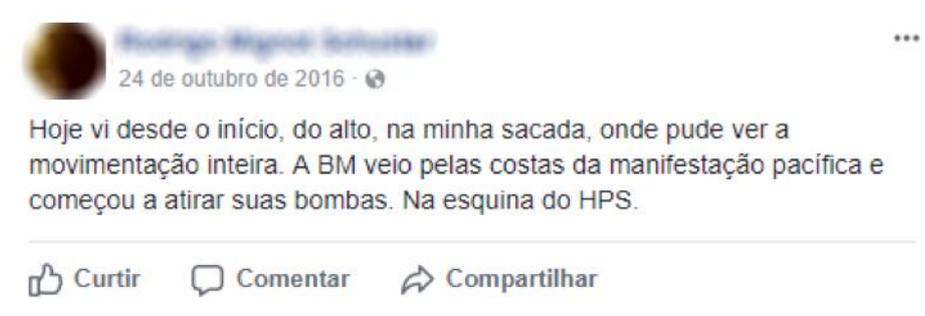
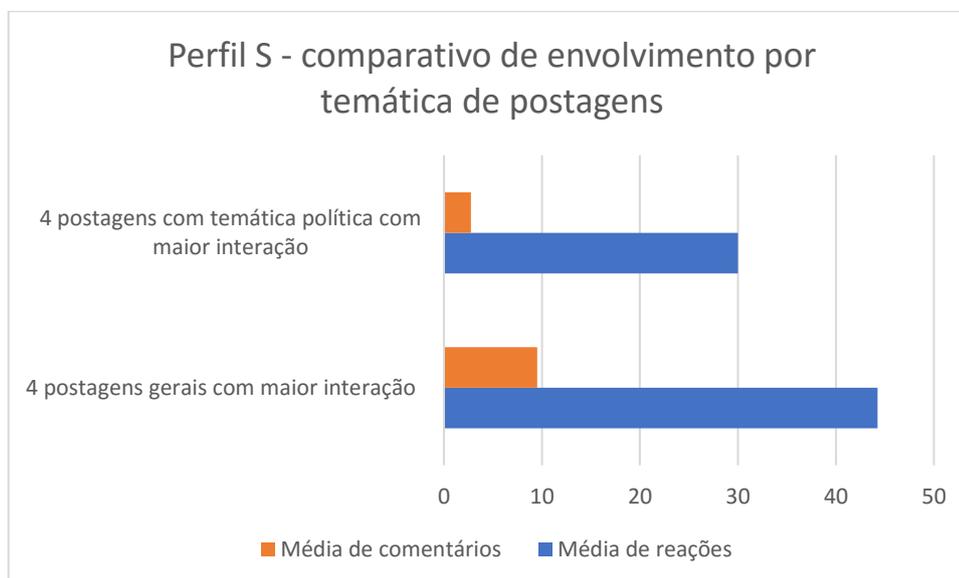


Figura 25: Post do Perfil S
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

A média de interação nas postagens com temas gerais é de 44,25 reações e 9,5 comentários; já nos *posts* com temáticas políticas, a média é de 30 reações e 2,5 comentários (Gráfico 6).

Gráfico 6: Perfil – Comparativo de envolvimento por temática de postagens.



Fonte: *Elaboração própria.*

No grupo focal, quando se perguntou sobre a trajetória de atuação em movimentos sociais, partidos políticos ou manifestações ocorridas nos últimos anos e o que faz com que o perfil não atue mesmo concordando com as pautas e se enxergando com uma pessoa de esquerda, ele respondeu:

Eu acho que grande parte talvez seja... um pouco é porque eu prefiro atuar mais de longe, mas as causas que eu defendo atualmente que eu acho mais urgentes, nenhuma delas eu posso ter realmente um papel de protagonismo dentro da causa porque eu sou homem, cisgênero, branco e heterossexual. Não faz sentido ter protagonismo dentro de um grupo de luta LGBT ou um grupo feminista ou um grupo antirracismo, então eu prefiro ficar mais fora. (Perfil S, grupo focal)

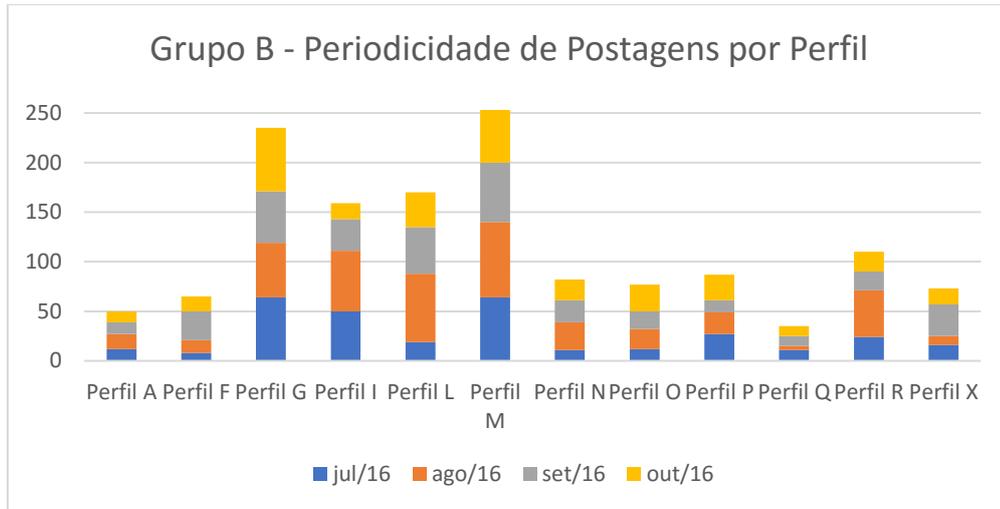
3.4 GRUPO B

O Grupo B reúne os perfis mais diversos tanto em termos de características sociodemográficas como em termos de estratégias e dimensões analisadas em relação ao seu ativismo. Esse grupo é composto por 12 pessoas. São duas pessoas com idades até 20 anos e que cursam o ensino médio. Cinco jovens com idades entre 21 e 24 anos que não completaram o ensino superior. Cinco adultos com idades entre 25 a 35 anos, sendo que quatro têm ensino superior completo e um ensino médio técnico. Este grupo é composto por 8 homens e 5 mulheres.

Há uma variação da quantidade das postagens publicadas pelos perfis (Gráfico 7). Entretanto, o foco de interesse em questão foi a demonstração dos diferentes tipos de exercício do ativismo entre aqueles que não têm uma vinculação substantiva com o tema, como ocorre com os perfis que estão no Grupo C. Mesmo assim, aqui se percebe que a política está mais próxima dessa noção de política do cotidiano, embora somente uma pessoa se coloque como participante dos movimentos reconhecidamente vinculados à noção de consumerismo político. O centro de sua atividade na plataforma está imbricado entre posicionamentos pessoais e políticos, mais vinculados a causas identitárias como gênero, apoio à causa antirracista e dois perfis vinculados com causas mais da direita.

Os três perfis escolhidos tentam mostrar um pouco dessa diversidade de atuação em termos de conteúdos e estratégias adotadas, intensidade e ocorrência.

Gráfico 7: Grupo B - Periodicidade de Postagens por Perfil.



Fonte: Elaboração própria.

3.4.1 Perfil A

O Perfil A teve 48 publicações analisadas no primeiro período (julho a outubro de 2016) e dessas, 35 abordaram temas políticos. No segundo momento de análise, foram catalogadas 162 publicações entre agosto de 2011 (data mais antiga de publicações dela) e fevereiro de 2016, dessas somente 23 *posts* têm um teor político. Há seis *posts* divulgando campanhas *online* relacionadas a demonstrações públicas de apoio a causas. As mais antigas (2012, 2014) ocorreram a partir de petições *online* e clamam pela defesa ambiental/animal e da Palestina. As outras quatro publicações são de 2016 com repertórios diferentes. Ao contrário da petição *online* que pedia assinaturas para impedir que Rússia, Coréia do Sul e outros países se opusessem à criação de um santuário para proteção marinha na Antártida, a campanha de 2016 traz a divulgação a partir de fotos de alguns gatos para doação (figura 26) com uma descrição minuciosa das características dos animais.

compartilhou a publicação de [nome] 14 de julho de 2016

AVAAZ O MUNDO EM AÇÃO

ENGLISH العربية DEUTSCH РУССКИЙ
 NEDERLANDS ITALIANO 77

Dias para salvar o oceano antártico

992.210 assinaram a petição. Ajudem-nos a chegar em 1.250.000

Atualização: 4 Janeiro 2013

A criação do santuário da Antártida foi impedido pela Rússia, China e Ucrânia. Mas nossa forte petição de 1 milhão de assinaturas, anunciada dentro da conferência internacional que aconteceu em outubro e mencionada diversas vezes pelos meios de comunicação globais, ajudou a criar uma onda de sensibilização e portanto

está em Sapucaia Do Sul Rio Grande Do Sul.
 13 de julho de 2016

Luna e Sophie ainda continuam a espera de uma família... Foram resgatadas já adultas de uma colônia de gatos em Canoas e alguns anos, que logo após foi dizimada, mãe e filha ambas mansas e muito queridas, mas que não gostam da vida do gatil. Preferem o contato com humanos, e não estarem em meio a um monte de manos. Luna é mais quietinha na dela, observadora, demora alguns dias até se entregar por completo (filha). Sophie já se entrega na hora, pede "me leva" já acha que todo mundo vai querê-la e ela vai ter uma família, difícil é separar as duas, pois Luna sem Sophie vai acabar adoecendo, ela é sua companhia, são parceiras. Ambas castradas, em torno de 5/6 anos, negativas para Fiv/Felv, são muito peludas, entrego na casa do adotante com termo de adoção. Para casas e aptos telados. Ajudem essas meninas a encontrarem um lar, contatos somente pelo e-mail

Não gosto de marcar de ninguém, mas por elas se puderem me ajudar compartilhando agradeço muito

Curtir Comentar Compartilhar

2

Figura 26: *Post do Perfil A*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

As outras três publicações com divulgação de campanhas *online* dizem respeito ao Setembro Amarelo, mês de conscientização e enfrentamento ao suicídio, a arrecadação de assinaturas para um manifesto contra a Reforma do Ensino Médio. Por fim, a divulgação de uma consulta pública do Senado Federal sobre a legalização do aborto com até doze semanas de gestação (figura 27).

Nesse sentido, vê-se uma diversificação ao longo do tempo das diferentes estratégias adotadas para difundir e mobilizar por causas. O aprendizado com o repertório das petições *online* gerou novas formas de chamar atenção para causas pontuais, como a da adoção de gatos, por exemplo, que foi vinculada a um enquadramento mais amplo, como a defesa da causa animal. Ou ainda a abertura, mesmo que pró-forma, de instituições políticas tradicionais para consultar diretamente os cidadãos e como os ativistas mobilizam seus contatos para “vencer” estas disputas. Exemplificado no caso das consultas públicas realizadas pelo Senado e Câmara Federal.

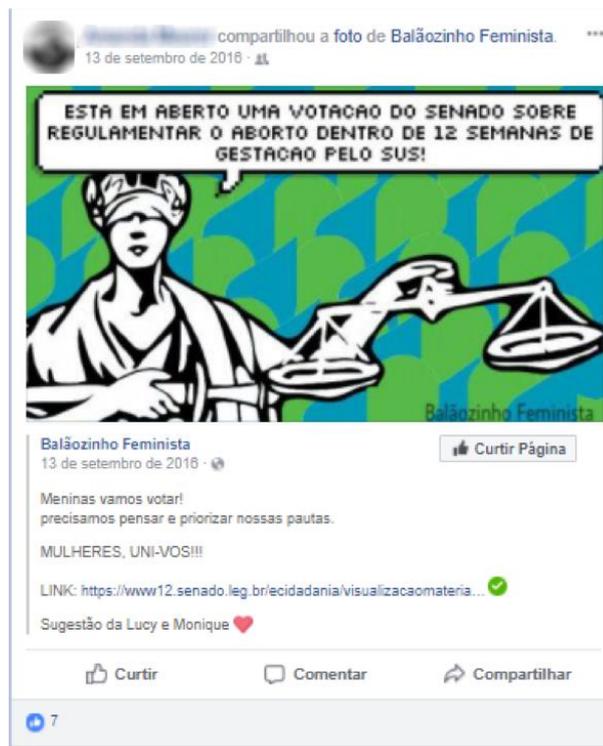


Figura 27: Post do Perfil A
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Outras postagens também têm a função de demonstrar apoio a determinadas causas, mas sem envolver campanhas explícitas. Novamente, vemos que, em 2012, as temáticas são defesa animal e vegetarianismo, com a divulgação de um vídeo sobre maus tratos animais relativos à produção de carne para o consumo. Em 2014, um *post* faz menção à campanha eleitoral de Dilma Rousseff. Em 2016, são dois *posts* sobre o feminismo, e três que envolvem a divulgação da Ocupação dos estudantes da Letras/UFRGS, de ações realizadas pelos estudantes para as escolas secundaristas ocupadas e a divulgação de uma notícia sobre a aprovação da gratuidade do ensino superior no Chile.

No que diz respeito a questões em relação às quais o Perfil se mostra contrário, uma publicação de 2013 divulga o depoimento em inglês de uma brasileira que explica as razões pelas quais ela é contra a realização da Copa do Mundo no país. Dois *posts* fazem denúncias de crimes de pedofilia, e outro divulga a reportagem do jornal *El País* sobre o projeto de lei para regulamentação da prostituição. Ao compartilhar a notícia, o Perfil A copia o trecho da reportagem no qual a ativista Tatiane Santin expõe as razões pelas quais ela é contra o Projeto de

Lei deixando claro para sua lista de amigos, dessa forma, qual é o seu posicionamento em relação ao tema.

Posts que delimitam inimigos na arena política aparecem em 2013 (figura 28), quando o Perfil A compartilha uma imagem da página “Moça, você é machista” com os valores gastos nos grandes eventos e com a corrupção. Em 2014, há um *post* humorístico que brinca com a política de alianças para enfrentar Dilma Rousseff no segundo turno.



Figura 28: *Post do Perfil A*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Em 2016, são três *posts* com a temática do feminismo, um em apoio a Dilma Rousseff e outro à Ocupação. Com o texto: “Tchau, Querido!” o Perfil A divulga a reportagem da *Folha de São Paulo* com acusações de estupro contra Marco Feliciano. Em outra postagem, reproduz uma suposta fala de Feliciano ameaçando uma mulher assim como o texto da publicação que lança a campanha “Fora Marco Feliciano!” pedindo pela saída do parlamentar (figura 29).



Figura 29: *Post do Perfil A*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Há algumas publicações que fazem menção ao *Impeachment* como golpe e à não continuidade das ações anticorrupção (figura 30). Mas diferentemente dos Perfis B, C e T, que também enquadraram o *impeachment* como golpe, notou-se que esses perfis publicizaram muitos conteúdos vinculados à figura política de Lula, ao contrário do Perfil A.



Figura 30: *Post do Perfil A*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

A publicação de 02 de setembro de 2016 (figura 31), com a mensagem “Eles nos querem Primeiras Damas, jamais Presidentas” é o exemplo de como o Perfil A atrelou a relação entre o apoio a Dilma Rousseff com a perspectiva feminista.

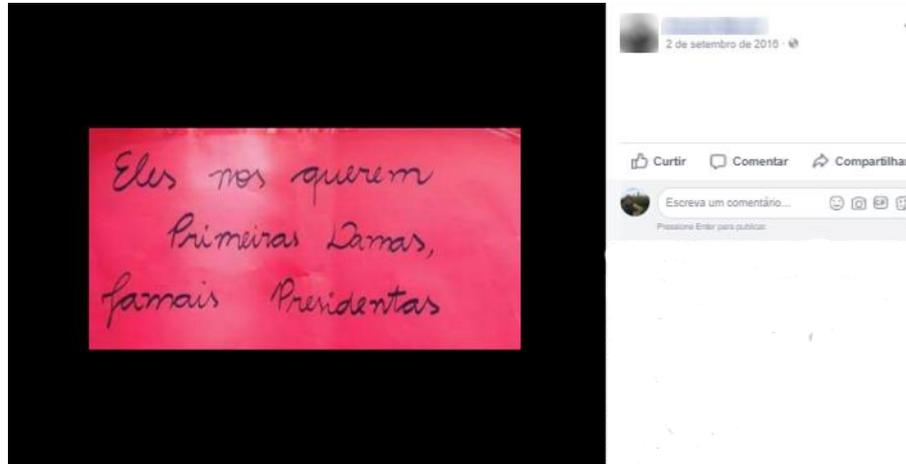


Figura 31: *Post do Perfil A*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Em 06 de agosto de 2016 (figura 32), outra publicação com o texto: “Seja forte como uma mulher”, escrita pelo perfil ao compartilhar a imagem de um tuite, também demonstra esse argumento. O apoio do perfil a Dilma Rousseff mostrou-se em 2014 e durante o período do *impeachment*, sendo que, nesses momentos, o elemento mais saliente para o perfil foi que o ataque ocorreu contra uma mulher.

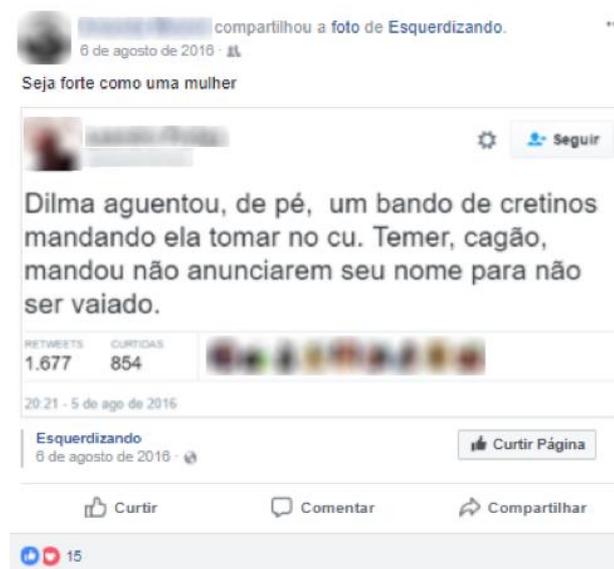


Figura 32: *Post do Perfil A*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Outro recurso utilizado pelo Perfil A é utilizar a sua *timeline* com uma perspectiva educativa. Ou seja, há publicações que cumprem a função de educar/informar a lista de amigos daquele perfil. Os *posts* com esse direcionamento são basicamente de temáticas vinculadas ao feminismo, com ocorrências desde 2014. Exemplo disso é encontrado em um postagem na qual se compara as obrigações de uma mulher e as de um homem em casa (figura 33), ou quando o perfil divulga um tuite com conteúdo sobre o pagamento de pensão alimentícia e direciona especificamente “Aos pais de família do meu *Facebook*” (figura 34).



Figura 33: *Post do Perfil A*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.



Figura 34: *Post do Perfil A*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

O eixo que demarca o campo político/ideológico é composto por publicações que falam sobre meritocracia, racismo, feminismo, apoio a causas diversas, contra o abuso de autoridade, que divulgam notícias sobre a corrupção na política institucional. O Perfil A faz uma marcação para divulgar que é doadora de órgãos em 2012. Outra publicação é uma espécie de atualização de contos de fadas com uma perspectiva feminista (figura 35). Há também um compartilhamento do rap Brasil com P do *rapper* GOG. Em 2014, o Perfil A divulga o recebimento de um prêmio por ter participado de um concurso sobre Igualdade de Gênero e essa é uma das postagens com o maior número de curtidas e comentários de todas as publicações analisadas do perfil.



Figura 35: Post do Perfil A
 Fonte: print realizado da página do perfil.

Em 2016, os temas alternam-se entre feminismo, apoio a Dilma Rouseff e crítica à política institucional (figura 36).



Figura 36: Post do Perfil A
 Fonte: print realizado da página do perfil.

Três publicações destacam-se por afirmar identidades políticas do Perfil A. Em 2014, quando o Perfil A publica uma foto antiga com a legenda “Protestando desde 2002”, vê-se os dizeres: “Sou fera, mas necessito de proteção” (figura 37). Dessa forma, o Perfil A vincula sua atuação em defesa da causa animal a um período longínquo.



Figura 37: Post do Perfil A
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Ao publicar uma foto da época em que ainda era uma criança, ela aparece com a barriga um pouco saliente. Numa troca de mensagens com a outra pessoa que estava na foto, escreve: “(pensei não preciso encolher a barriga pra tirar essa foto, foda-se. Já era um projeto de feminista)” (figura 38). Aqui, ela vincula a postura de criança com uma atitude feminista ao não se importar com um comportamento esperado ou que idealizasse o corpo feminino.

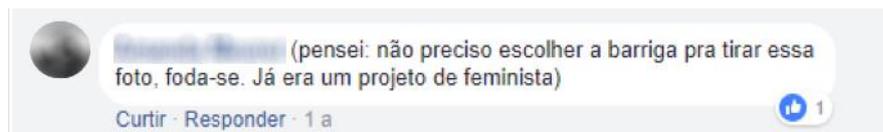


Figura 38: Post do Perfil A
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Por fim, a última imagem (figura 39) é de 2014, mas resume de certa forma as causas pelas quais o Perfil A vem atuando por conta de suas declarações pró-aborto, pró-feminista e “pró-gatos” (animais).



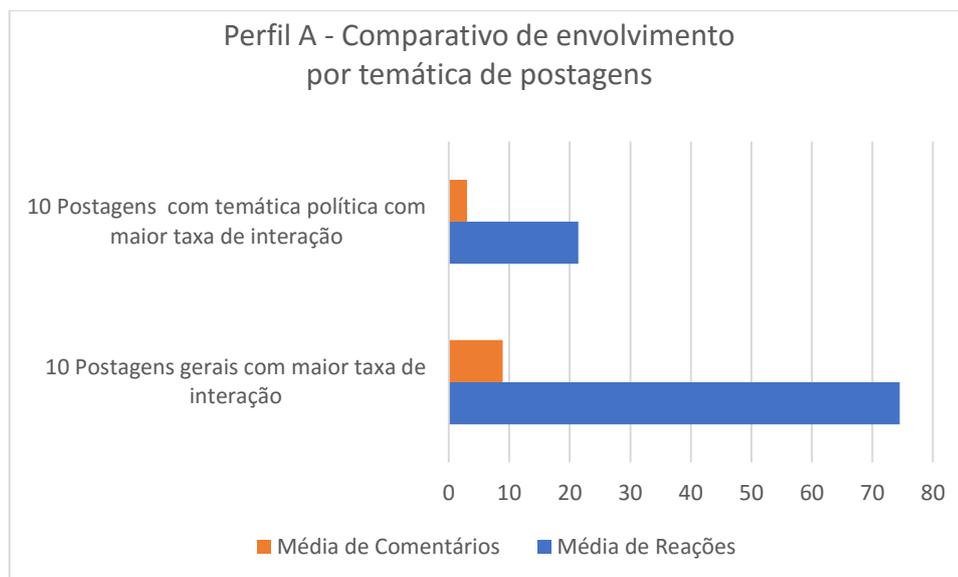
Figura 39: Post do Perfil A
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

O Perfil A teve 58 publicações com teor político analisadas. Dessas, somente seis foram publicações próprias, e o restante foram compartilhamentos. Os compartilhamentos originam-se de páginas de comunidades (14), site de notícias (12), rede pessoal (7), página de figura pública (4), página de notícias (3), canal de vídeo (3), site de petição *online* (2), *blogs* (2), perfil de figura pública (2), página de organização comunitária (1), página de organização política (1), página de organização sem fins lucrativos (1) e página de personagem fictício (1). Entre as páginas de comunidades, “Quebrando o Tabu” é a mais compartilhada, e entre os sites de notícias está *Estadão* e *Exame*.

A análise em relação às reações e comentários recebidos nos 10 *posts* com maior interação de acordo com temáticas gerais e políticas mostra que a taxa de envolvimento que essas publicações provocam são bem distintas⁷⁵. Para as publicações gerais, a média de reações é de 74,5 e para as publicações políticas é de 21,4. Em relação aos comentários, são 8,9 contra 3 (Gráfico 8).

⁷⁵ Uma única publicação classificada como política figurou na lista das publicações com maior taxa de interação. Como a publicação fazia menção ao recebimento de um prêmio, optou-se por retirá-la da lista das publicações com temáticas políticas, afim de que a grande quantidade de reações e comentários recebidos não prejudicasse a análise do impacto das publicações de cunho político.

Gráfico 8: Perfil A - Comparativo de envolvimento por temática de postagens.



Fonte: Elaboração própria.

Embora não haja elementos explícitos no que tange ao mecanismo de construção e acionamento de redes de confiança e solidariedade, quando perguntada sobre sua atividade na plataforma de mídia social, o Perfil A diz que já obteve auxílio em grupos fechados e sente este como um espaço seguro.

Eu gosto de participar dos grupos de debate, eu tô num grupo que chama Ditadura do Oprimido que não é um grupo aberto, o pessoal verifica, faz uma análise no perfil da pessoa pra saber se ela pode entrar naquele grupo...[...], então esse é um grupo que eu considero bem seguro porque geralmente a gente coloca relatos lá, qualquer tipo de relato e tu quer encontrar pessoas em geral compreensíveis. Claro que como é um grupo grande, as vezes, acontece de algum homem fazer alguma coisa, até homossexual se sentir ofendido e etc, mas por exemplo, uma vez eu consultei com uma psicóloga, foi a minha primeira ou segunda consulta com ela, e eu senti que ela tava fazendo algo muito errado, ela começou a falar de política comigo e começou a falar da vida pessoal dela comigo, ela falou por exemplo que o pai dela ascendeu socialmente sem precisar de cota e etc, são coisas que eu tava achando muito absurdo, só que como era minha psicóloga e eu achei que deveria ouvir ela pra melhorar. Eu postei nesse grupo perguntando a opinião das pessoas, daí todos me ajudaram, então eu encontro certo apoio, na internet. (Perfil A, grupo focal)

Também relata que tem uma atuação intensa principalmente em grupos de debates, citando um em específico, cuja comunidade articula-se entre estudantes e ex-estudantes da Instituição onde cursou o ensino médio. Esse grupo reúne pessoas com posicionamentos contrários em termos ideológicos. Embora não tenha a intenção de mudar a opinião dos opositores, diz que faz questão de “marcar

presença” e rebater o que é escrito por eles, principalmente se o assunto é sobre feminismo e culpabilização de vítimas de violência. Segundo suas palavras:

aqui a gente não vai calar a boca, tu não pode vir aqui num espaço que é de todos os alunos da [nome da instituição] e falar que a menina foi responsável por ter sido estuprada, e se tu continuar falando a gente vai continuar te refutando”, porque vai saber né, as vezes eles postam aquilo, ninguém responde... Outras pessoas acham que é ok ou aquele textão que a gente tá falando pra eles não vai mudar o que eles pensam, mas talvez outra menina, que ainda não entenda porque isso que ela tá falando é tão errado, vai ler e vai passar a entender mais. Na verdade, aconteceu isso com aquele textão que a [nome de outra ativista] fez e uma menina que estava meio que concordando com ele [o autor da postagem], falou “Obrigada [nome de outra ativista], confesso que eu mudei de opinião. Agora eu tenho vergonha de ter falado isso”, foi bem legal assim. (Perfil A, grupo focal)

Ela também participou das campanhas que ocorreram nos últimos anos como a #nãomereçoserestuprada, #meuprimeiroassédio e #meuamigosecreto. Na campanha sobre assédio, fez um relato. Na campanha contra a cultura do estupro colocou um filtro na sua foto de perfil. Ela participa e valoriza este tipo de iniciativa, *“por mais que seja um ato político minúsculo, é um ato político quando tem uma coisa assim e a gente assume”*.

3.4.2 Perfil N

O Perfil N teve 82 *posts* coletados no período entre julho a outubro de 2016, 63 publicações analisadas e, dentre essas, 39 com teor político. A maioria dos *posts* são de temática feminista (29). Esses podem ser divididos nos seguintes eixos: divulgação de eventos *off-line*, demarcação do campo político/ideológico e construção de redes de confiança e solidariedade.

As mensagens recebidas pelo perfil que compõem o eixo que analisa a construção de redes de confiança e solidariedade são mensagens que celebram os laços criados entre integrantes de um bloco de carnaval feminista. A estreia do bloco “Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só” ocupou boa parte deste período temporal como assunto destaque. Legendas (figura 40) como a citada a seguir foram anexadas a fotos do bloco:

"Mulheres são como águas, crescem quando se encontram"

#NãoMexeComigoQueEuNãoAndoSó ❤️❤️❤️

o Carnaval de rua não vai ta fácil pro patriarcado!!

Este tipo de *post* reforça os laços entre as participantes, divulga as integrantes do grupo conectando-as na plataforma e difunde essas informações para listas mais amplas de contatos, a depender das configurações de privacidade. Nesta mensagem, a configuração permite que o *post* seja visualizado em 2 graus, ou seja, pelas listas de amigos das 46 pessoas marcadas nesta publicação.



Figura 40: *Post do Perfil N*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Outra mensagem (figura 41) que revela esse cuidado do perfil para com os demais de sua lista é uma publicação que alerta a lista de amigos do Perfil N sobre a segurança na rede, do que é compartilhado por cada perfil e sobre o caráter de empresa privada da plataforma:



Figura 41: *Post do Perfil N*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Em relação às publicações que fazem a demarcação do campo político/ideológico, percebe-se que as mesmas são publicações em diferentes âmbitos, que ressaltam as questões do feminismo. Ao compartilhar um texto que fala sobre o bloco “Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só”, o Perfil N escreve (figura 42):

*não venham com preconceito disfarçado de elogios.
 as mina são foda! [nome] falou tudo!
 nos esportes tem o "jogue como uma mulher", né? pois bem, toque como uma mulher, faça arranjo
 como uma mulher, brinque como uma mulher, cante como uma mulher.
 É o Não Mexe Comigo que Eu Não Ando Só começando essa linda caminhada
 em amarelo, vermelho e roxo <3*



Figura 42: *Post do Perfil N*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Aqui, ela ressalta como a descrença na capacidade das mulheres para exercer as mais diferentes funções é revelada em pequenos detalhes, inclusive entre aqueles que apoiam essas causas. O elogio presente no *post* foi visto como ofensivo e, em resposta a isso, o Perfil N convoca as mulheres a exercerem as diversas atividades de uma maneira diferente. A frase “Jogue como uma mulher” foi muito utilizada durante as Olimpíadas para contrastar o desempenho da seleção brasileira feminina de futebol com o da seleção masculina. Embora, as mulheres recebessem salários muito menores demonstraram muita força em campo. Ao colocar no post os verbos referentes ao Carnaval seguidos da expressão “como uma mulher”, o Perfil N resgata esse enquadramento para mostrar a força das mulheres em espaços e ocupações pouco comuns no âmbito das festas de Momo.

Quando os *posts* tratam com humor sobre a opressão masculina (figura 43), cobram dos homens uma ação cotidiana no combate ao machismo, e não somente quando uma mulher está na sua presença (ou como a expressão utilizada nas plataformas diz: *ganhar biscoito*) (figura 44).

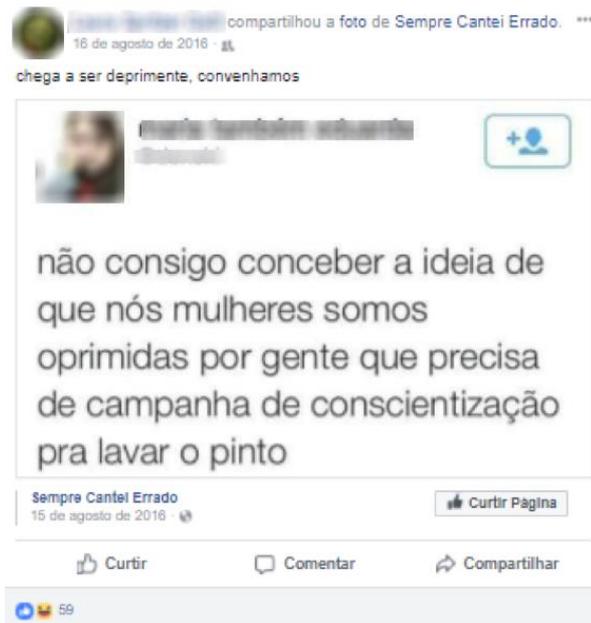


Figura 43: Post do Perfil N
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

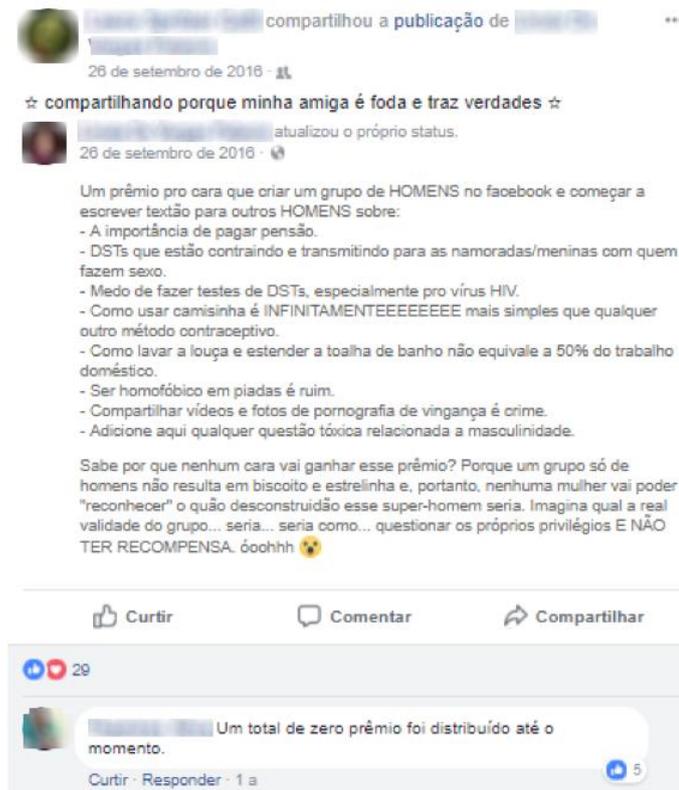


Figura 44: Post do Perfil N
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Em contraste com outros perfis analisados, o Perfil N não se envolveu em campanhas nem destacou causas de embate explícito durante o período analisado, a não ser em uma única postagem com o *gif* da campanha *Ni Una Menos* originada na Argentina para denunciar feminicídios (figura 45).



Figura 45: *Post do Perfil N*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Em relação a mensagens que explicitam causas nas quais o perfil se posiciona de forma contrária, há uma publicação contra a PEC 241 e outra contra a Reforma do Ensino Médio. Uma postagem que fala sobre o conservadorismo brasileiro e como isso não é recente (ou iniciado com o golpe). Foram dois *posts* com a função de delimitar o inimigo: o compartilhamento de um texto que fazia uma análise do resultado do primeiro turno da eleição municipal de 2016 e que foi personalizado pelo Perfil N com a escrita de uma reflexão que clamava pela realização de uma autocrítica da militância para além das eleições, chamando o voto nulo. Uma segunda publicação que foi direcionada para as mulheres e questiona o comportamento baseado em ideias feministas de docilidade, empoderamento e empatia (figura 46). Essa postagem teve um índice alto de engajamento em comparação a outras postagens do perfil alcançando 84 reações, 2 compartilhamentos e 10 comentários.

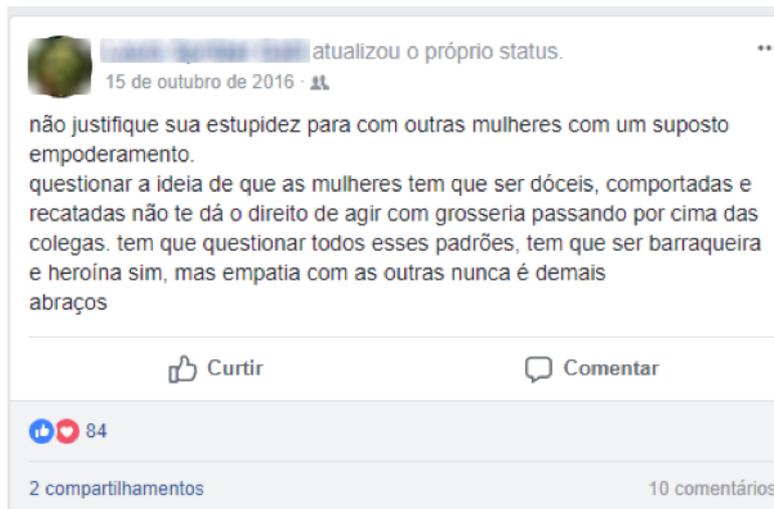


Figura 46: Post do Perfil N
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

O Perfil N utilizou a plataforma como um ponto importante para divulgações de atividades que envolviam sua participação. Foram 11 publicações que divulgaram três atividades diferentes: a estreia do bloco feminista “Não Mexe Comigo Que Eu Não Ando Só”, a realização de um debate sobre o papel da mulher na indústria cultural e sua representatividade na cultura de massa a partir do filme *Mad Max* (figura 47) e a realização de um projeto de teatro sobre o feminino (figura 48). Aqui, mais uma vez, os recursos de compartilhamento, marcação em fotos e o recebimento de mensagens foram utilizados para acionar uma rede mais ampla de pessoas que pudessem visualizar a publicidade.



Figura 47: Post do Perfil N
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

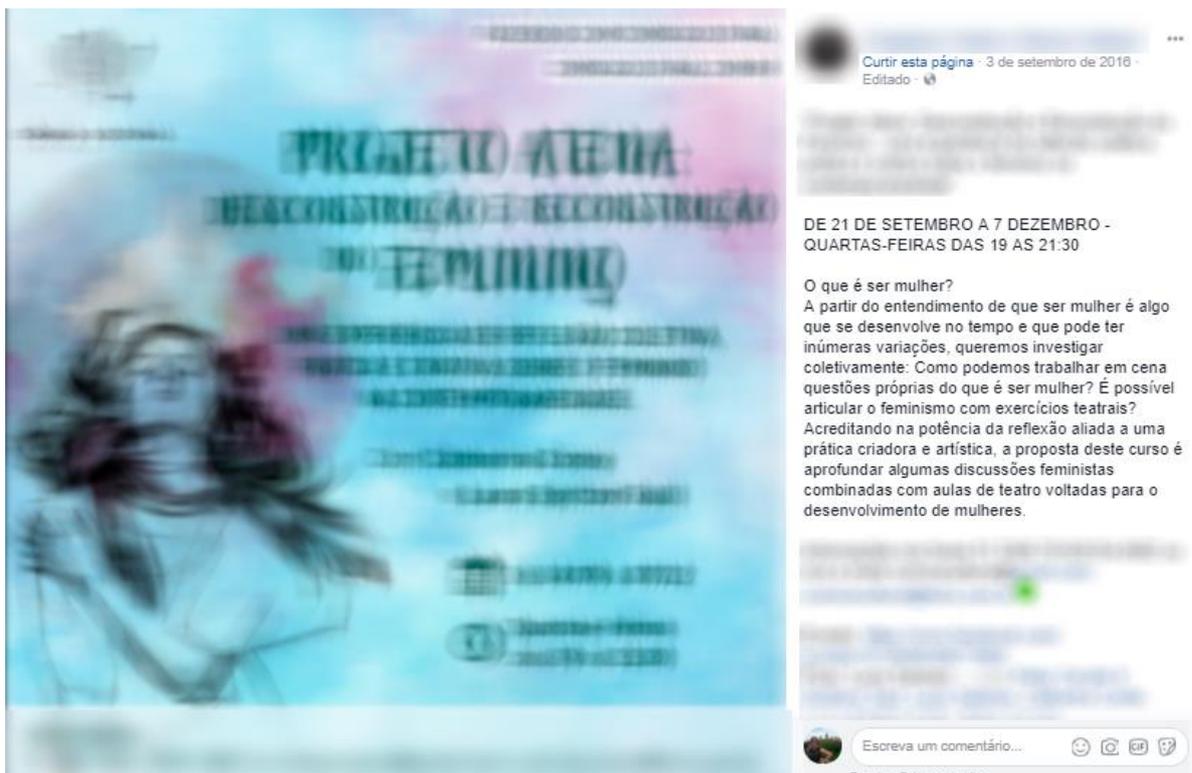
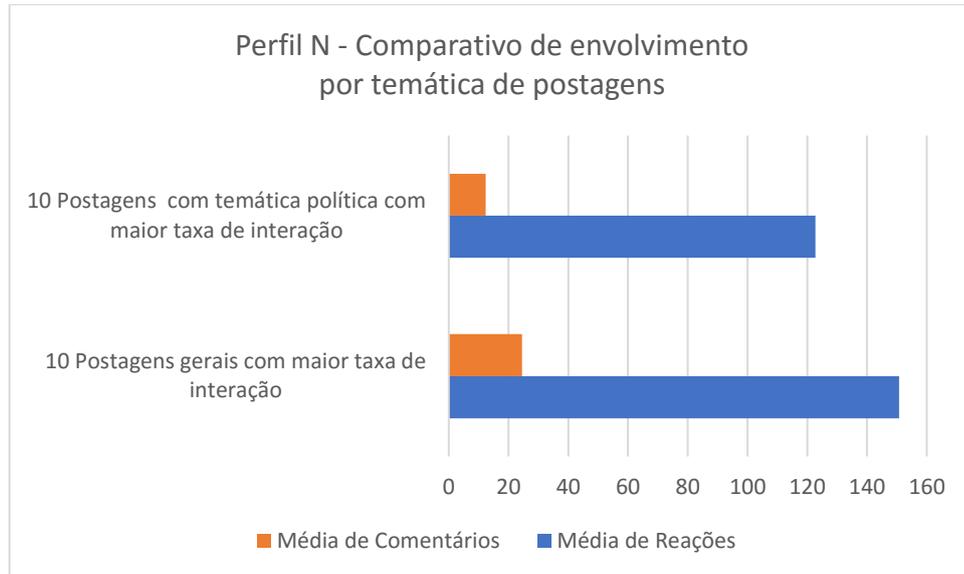


Figura 48: *Post do Perfil N*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

O Perfil N tem um total de duas publicações próprias, 11 marcações em fotos e 24 compartilhamentos entre as postagens políticas. Entre os compartilhamentos, a quase totalidade é acrescida de textos elaborados pelo perfil e suas origens são: perfil de figura pública (6), rede pessoal (5), página de comunidades (4), página de empresa cultural (4) e site de organização social (2). Não há repetição de páginas ou perfis públicos ou da rede pessoal entre os compartilhamentos, com a exceção da empresa cultural organizadora da atividade ministrada pelo Perfil N e que foi compartilhada quatro vezes pelo perfil.

Entre as 10 publicações com os maiores índices de reações e comentários, 5 são *posts* com teor político (Gráfico 9). A média de reações entre as 10 postagens gerais é de 150,4 e de comentários é de 24,5. Entre as publicações com teor político, a média de reações é de 122,7, e a de comentários é de 12,4.

Gráfico 9: Perfil N - Comparativo de envolvimento por temática de postagens.



Fonte: Elaboração própria

O Perfil N, ao comentar sobre o que entende por política do cotidiano em oposição à “grande política”, ao qual ela faz referência, explicita uma forma de encarar sua atuação num nível que considera ser mais micro.

Eu acredito é nesse movimento nas cidades e das pessoas e coisas menores, eu não acredito na grande política, ou que vai ter um grande novo líder que vai nos salvar e tudo isso, eu acho que junto com essa coisa das redes sociais, das formas que a gente tá se articulando hoje, acho que daí é que surge uma nova forma, não que a política institucional vá acabar, mas eu acho que talvez ela fique menos importante. eu espero que fique menos importante, que a gente tenha mais força pra nos movimentar num nível menor e coletivo assim. (Perfil N, grupo focal)

Com isso, questioneei se ela participava dos movimentos que surgiram nos últimos anos em Porto Alegre e que propunham uma vinculação mais orgânica com a cidade. Aqui, mais uma vez, chama atenção que existe o conhecimento desses grupos, mas há um desconforto em se vincular a eles. Dessa forma, ela se considera “avulsa”, e como tem a oportunidade de acompanhar a movimentação desses grupos via plataforma de mídia social, diz que quando a atividade a cativa, ela “faz número”, ou seja, participa dos eventos.

Os coletivos de esquerda que existem têm muitas coisas que eu acredito que eu concordo, mas eu não me sinto à vontade pra participar, não sei... acho que tem muitas coisas que acabam sendo oportunistas muitas vezes, Assim... de se promover em cima de determinadas causas. Então eu sou

meio avulsa assim, acompanho o que tá acontecendo nesses movimentos da cidade, ocupação dos espaços, do Ocupa Cais Mauá, Defesa Pública da Alegria, esses grupos, mas também que eu fico sabendo pela internet. Quando eu era do Centro Acadêmico não, daí já era reunião e tá lá todo o dia, mas hoje em dia é mais pela internet mesmo e daí eu faço número nas coisas que eu acho legais. (Perfil N, grupo focal)

A falta de compromisso é justificada com uma incerteza em relação aos caminhos ditados pelas organizações, partidos e coletivos que agenciam essas campanhas e/ou movimentos. No entanto, há um ativismo que ela diz ser “mais específico” e no qual gerencia de acordo com suas possibilidades.

É eu acho que pra mim também é mesma coisa de compromisso, de talvez não querer me comprometer uma coisa que não tenho certeza se é bem por aí assim, principalmente coletivos ligados a partidos, que são a maioria. Então eu acabo me envolvendo em coisas mais específicas, atividades específicas e tal, causas específicas, vou me organizando e tal, frequentando debates e tudo, mas sem me comprometer muito. (Perfil N, grupo focal)

3.4.3 Perfil R

Do Perfil R, foram coletadas 109 *posts* no período entre julho a dezembro de 2016. A segunda coleta obteve publicações entre o período outubro de 2010 a fevereiro de 2016. Foram 366 *posts* coletados e um total de 122 analisados. Deste total de publicações, 86 publicações foram consideradas contendo um teor político, sendo 44 no período da primeira coleta e 42 no resto do período.

Dentre as 44 publicações realizadas, a metade refere-se aos Jogos Olímpicos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro. São 22 publicações que exaltam as Forças Armadas vinculando-as às medalhas conquistadas por atletas brasileiros. O compartilhamento de reportagens como a que foi publicada pela revista *Veja* (figura 49) na qual se destacou a patente dos atletas ou o compartilhamento dos tuítes (figura 50) diretamente dos perfis institucionais foram utilizados para reafirmar o sentido nacionalista.



Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Figura 49: Post do Perfil R



Figura 50: Post do Perfil R
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Essas disputas narrativas em torno do grande evento esportivo e do sentido sobre quem era de fato o responsável pelas conquistas realizadas tiveram grande repercussão e reverberam em alguns outros perfis desta análise. O Perfil R compartilhou a imagem da página Caneta Desesquerdizadora. Páginas como a citada fazem a “correção” de algum texto de grande circulação. No caso específico, o texto original dizia (figura 51): “Rafaela Silva: Negra, mulher, periférica e o primeiro ouro do Brasil no Rio 2016”. A correção, segundo os autores da imagem, inclui informações que parecem ter sido esquecidas na mensagem original: “Treinada por

anos pela iniciativa privada e voluntária, 3º sargento da Marinha, ganhou com mérito próprio”.

Rafaela Silva: Negra, mulher, periférica, e
TREINADA POR ANOS PELA INICIATIVA
PRIVADA E VOLUNTÁRIA, 3º SARGENTO DA
MARINHA, GANHOU COM MÉRITO PRÓPRIO
o primeiro ouro do Brasil no Rio 2016

8 de agosto de 2016

Rafaela Silva é carioca e nasceu na Cidade de Deus, favela conhecida do Rio de Janeiro e que fica a aproximadamente oito quilômetros da arena onde atingiu o ponto máximo da sua carreira. Após ser desclassificada em Londres 2012, Rafaela Silva sofreu com ataques racistas na internet, MAS DEU A VOLTA POR CIMA SEM VITIMISMO E VENCEU COM MÉRITO

Caneta Desesquerdizadora
 Curtir esta página · 8 de agosto de 2016 ·

A canalhice da esquerda é tão grande que a Caneta Desesquerdizadora vai abrir uma exceção para falar da esgotosfera. Diversas mídias de esquerda por aí - como a Revista Fórum - estão exaltando que Rafaela Silva, vencedora do ouro no judô peso leve (até 57 kgs), é "negra, mulher e periférica". Com exceção do "periférica" (graças às conquistas no judô, Rafaela não mora mais na Cidade de Deus, mas no Méier), sim, é verdade. O que essas mídias omitem é que foi a iniciativa privada e voluntária do Instituto Reação que apresentou Rafaela ao judô e a treinou por mais de uma década com recursos totalmente privados, bem como a integração da atleta como terceiro sargento da Marinha em 2014, quando já era uma atleta de alto rendimento. Rafaela não é fruto do investimento do estado que a esquerda tanto defende, mas sim do mérito próprio e da iniciativa privada que ajudou ela e diversas outras crianças carentes.
 PS: A canalhice da tal Revista Fórum é tão grande que eles simplesmente ignoraram a medalha de

Escreva um comentário...

Figura 51: *Post do Perfil R*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Esse tipo de disputa interpretativa alcançou níveis muito significativos com a politização das plataformas de mídias sociais. Os *master protest frame* que foram gerados pelos movimentos sociais e amplamente difundidos nas últimas décadas foram alvos de respostas a partir de molduras interpretativas que fizessem oposição e fossem capazes de disputar o campo político. Essa dinâmica tornou-se mais rápida e dispersa com a mediação tecnológica. Rapidamente, discursos são copiados, remixados ou combatidos. Esses marcos interpretativos que fazem com que os indivíduos se mobilizem ou não são utilizados para reiterar ou modificar compreensões de si e do mundo que os rodeia, justificando seu posicionamento.

As demais publicações desse primeiro período de coleta tiveram como foco central denúncias contra o Petrolão (figura 52), manifestações pelo “Fora Dilma”, em apoio à Brigada Militar e em comemoração ao resultado das eleições municipais (figura 53).

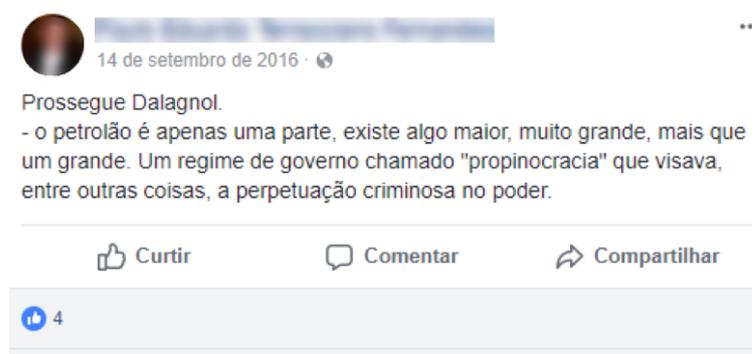


Figura 52: *Post do Perfil R*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

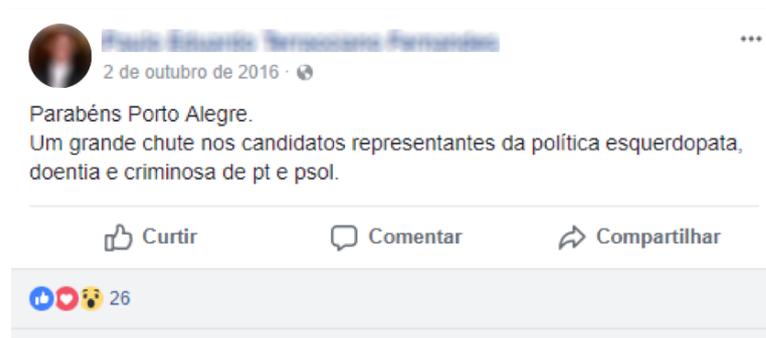


Figura 53: *Post do Perfil R*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Em 2012, há somente duas publicações classificadas como políticas e que se dirigem à Rede Globo. Em 2013, a coleta de *posts* ocorreu nos meses de abril, junho e setembro. Apesar daquele ter sido um ano efervescente na política nacional, não foi encontrada nenhuma publicação com teor político.

É somente em 2014 que as publicações ganham peso na performance de conexão do Perfil R. A primeira delas é um texto compartilhado do jornalista Diego Casagrande sobre o tema “Democracia” (figura 54). O jornalista encoraja as pessoas a enfrentar um petista, apesar do desgaste que isso ocasiona e sob pena do país viver algo como a Venezuela, segundo suas palavras.

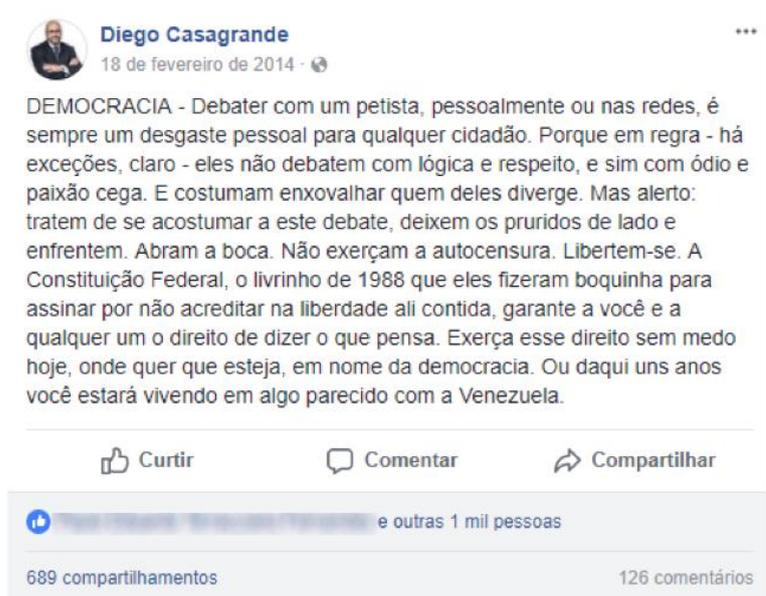


Figura 54: Post do Perfil R
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

As postagens que se seguem têm como temas o futuro do país com as eleições presidenciais, o apoio popular na Câmara a um projeto de lei que libera o porte de armas, várias críticas ao governo de Dilma e associação deles com a situação da Venezuela (figura 55). Outra postagem contém o compartilhamento de uma matéria que menciona que o mercado financeiro reagiu bem e a Petrobrás teve suas ações valorizadas com as pesquisas que colocavam Aécio Neves como o vencedor do 2º turno das eleições.



Figura 55: Post do Perfil R
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Após os resultados das eleições presidenciais, algumas publicações repercutem o descontentamento do Perfil R com a vitória de Dilma (figura 56). São seis *posts* dedicados ao tema, incluindo um que compara petistas a nazistas (figura 57).

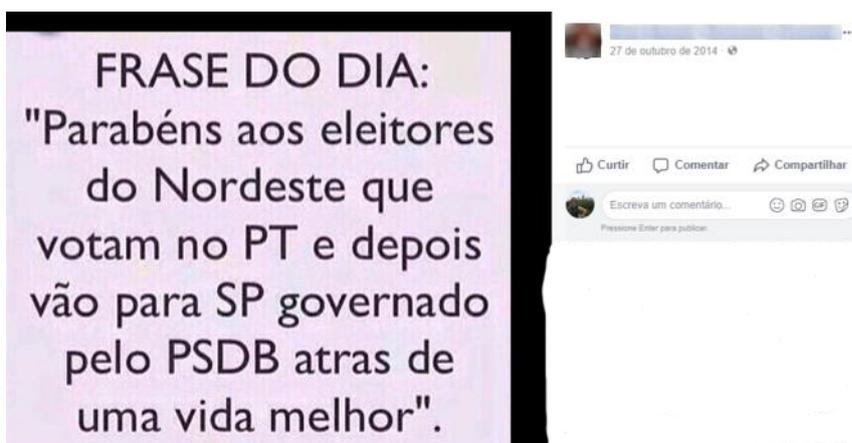


Figura 56: Post do Perfil R
Fonte: *print* realizado da página do perfil.



Figura 57: Post do Perfil R
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Em 2015, as críticas ao governo Dilma transformam-se em apoio direto ao *Impeachment*. O Perfil R chega a escrever uma justificativa do porquê as manifestações terem sido marcadas para um domingo e não durante a semana como o MST costuma fazer (figura 58).

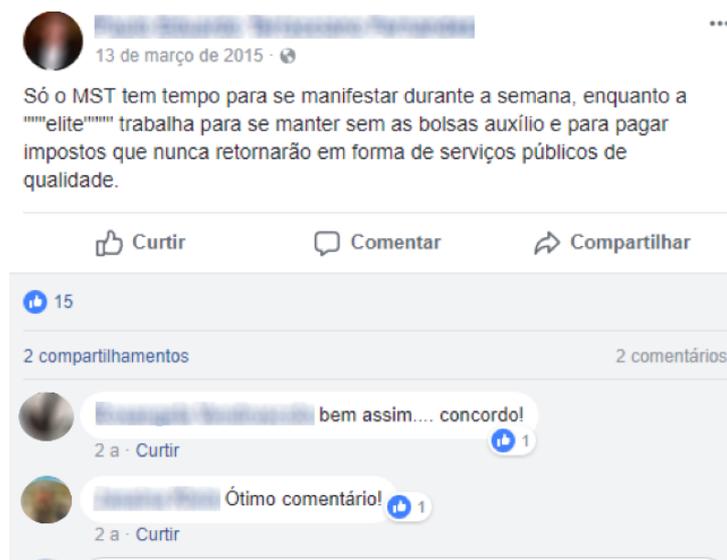


Figura 58: *Post do Perfil R*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

O Perfil R posta uma foto durante a manifestação do dia 15 de março de 2015 com a seguinte legenda (figura 59): “*Trabalhador de verdade protesta domingo em ordem e com disciplina*”



Figura 59: *Post do Perfil R*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Essa comparação com o MST e sobre qual seria a “correta” forma de participar de uma manifestação opõem dois modos diferentes do fazer político e servem para definir as fronteiras sobre quem compõe o “nós” e o “eles” da disputa.

Ao compartilhar uma charge sobre os “coxinhas” (figura 60), o Perfil R critica o veículo de comunicação – Diário Gaúcho – e o público ao qual se destina, chamando-o de “facilmente manipulável”. A legenda da imagem compartilhada diz que a RBS “definitivamente aderiu ao petismo”. Ao que parece, alguém da lista de amigos do perfil faz um comentário discordando de tal posicionamento, mas é ignorado pela rede, pois não há réplica nem reações ao texto.

Paulo Moura. compartilhou a foto de

Paulo Moura.
18 de março de 2015 ·

Para o público extremamente desprovido de cultura e facilmente manipulável ao qual este jornaleco se dirige isto é um regozijo. E quanto ao grupo RBS, de onde menos se espera algo inteligente, dali mesmo é que não sai nada



Paulo Moura
18 de março de 2015 ·

A RBS, DEFINITIVAMENTE, ADERIU AO PETISMO. VEJAM A AGRESSIVIDADE E O DESRESPEITO DESSA CHARGE DO DIÁRIO GAÚCHO COM OS MILHÕES DE CIDADÃOS BRASILEIROS QUE FORAM ÀS RUAS DIA 15/3.

Curtir Comentar Compartilhar

3

Nossa. Agora si, escancarou na ignorância... Sei que o grupo RBS deix muito a deseja, mas esta, francamente eunão esperava...

2 · Curtir

Figura 60: Post do Perfil R
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Os dias de decisão em relação ao *Impeachment* de Dilma Rousseff também foram repercutidos pelo perfil. Dois textos próprios, um do dia 29 e outro do dia 31 de agosto de 2016, expressam os sentimentos daquele momento. O primeiro texto dirige-se ao momento de arguição pelo qual passou Dilma. O Perfil R destaca o que considera “atentados a língua portuguesa” de um discurso dirigidos a um povo “ignorante e sem cultura” (figura 61).

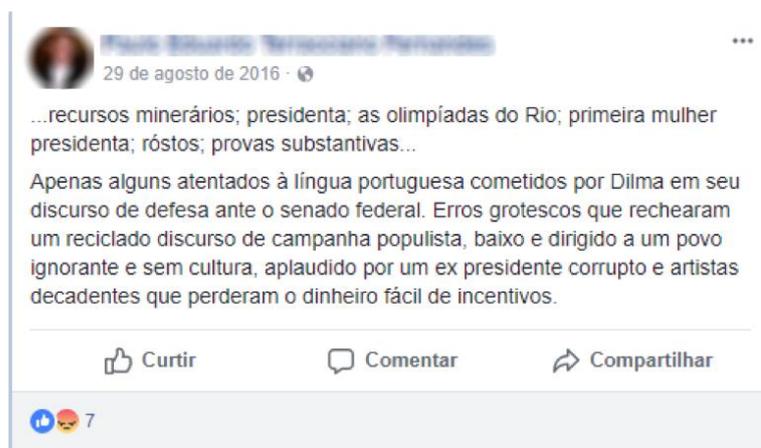


Figura 61: *Post do Perfil R*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

No segundo texto, ele comemora o resultado que marca o primeiro passo de muitos em direção ao fim da corrupção e, principalmente, a interrupção de um “maléfico e diabólico plano de poder”. Diz ainda que “cabe a nós impedir que este caos se instaure novamente”. Finaliza comparando os avanços sociais dos governos petistas aos avanços sociais obtidos por Hitler antes de colocar seu “projeto de poder” em prática (figura 62).

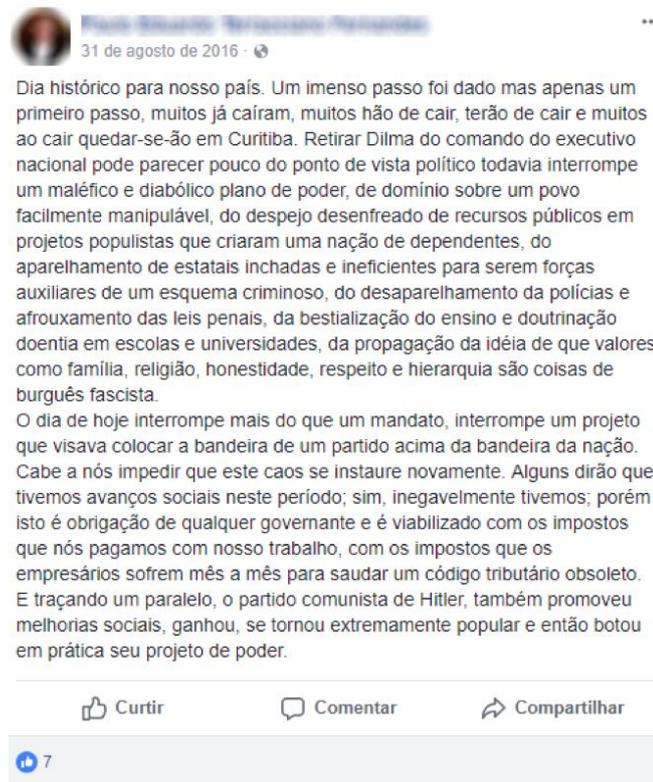


Figura 62: *Post do Perfil R*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Após o Impeachment, o perfil ainda mantém *posts* em relação ao Petrolão, reproduzindo o ppt do procurador Dellagnol (figura 63) com a legenda:

“Procurador do MPF, Deltan Dellagnol, mostra como era o organograma do Petrolão”.



Figura 63: *Post do Perfil R*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

A prisão de Eduardo Cunha também é mencionada como um fato que provaria que o *Impeachment* foi totalmente legítimo e não um golpe (figura 64). Segundo ele, “*independente de partido ou ideologia, lugar de político bandido é nas masmorras de Curitiba*”.

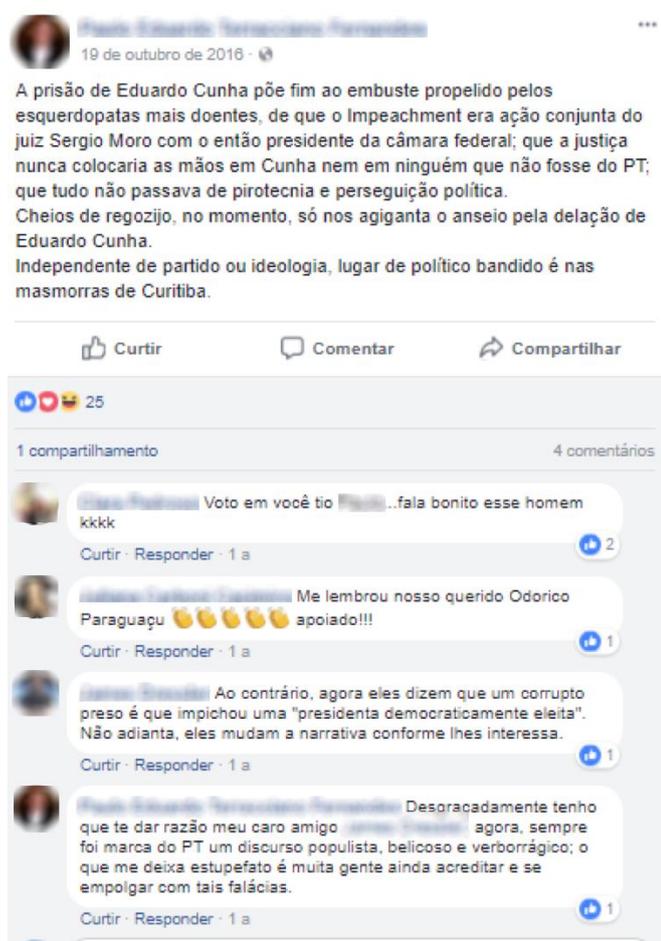


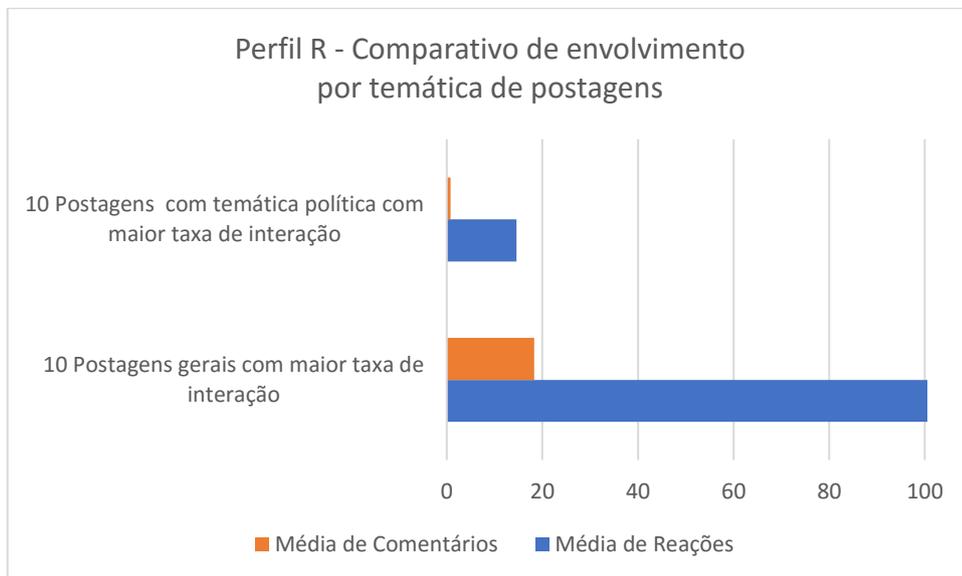
Figura 64: *Post do Perfil R*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

A análise dos *posts* entre os anos de 2010 a 2016 mostram que o perfil não tinha os *posts* políticos como um dos focos de sua performance de conexão. Isto se transforma em 2014. O ano de 2015 é chave para a adesão a campanha do “Fora Dilma”, com divulgação de informações na plataforma. Em 2016, além das postagens sobre os desdobramentos do *Impeachment* e da “Lava Jato”, há um grupo significativo de *posts* que fazem alusão às Forças Armadas, por ocasião das Olimpíadas e do desempenho de atletas.

O Perfil R teve um total de 11 *posts* próprios e os demais são compartilhamentos. As origens dos compartilhamentos variam entre: perfil de *Twitter*

(20), página de figura pública (15), perfil de figura pública (9), perfis da rede pessoal (8), sites de notícias (6), canal de vídeo (2), página de notícias (2), página institucional (2), página de comunidades (1), página de organização política (1), página de partido político (1) e site de petição online (1). Entre os perfis do *Twitter*, o mais compartilhado é o da Marinha do Brasil, ao passo que nas páginas de figura pública, a mais recorrente é a do jornalista Diego Casagrande; já entre os perfis de figura pública, o mais popular é o de Paulo Moura, professor universitário. A média de interação nas publicações com teor político é baixa em comparação com *posts* de temas gerais (Gráfico 10).

Gráfico 10: *Perfil R - Comparativo de envolvimento por temática de postagens.*



Fonte: *Elaboração própria.*

O histórico do Perfil R mostra uma vinculação com movimentos da Igreja Católica na juventude, mas atualmente o contato com esse grupo se dá em algumas ações pontuais por conta das redes de relações de amizade. Ao ser questionado sobre seu posicionamento ideológico, diz que

Eu me consideraria mais pra direita, não de extrema, mas penderia mais pra direita. Eu acho que, sem querer simplificar demais, acho que o futuro do Brasil estaria num rumo muito melhor se a partir de hoje largasse muita coisa de mão e começasse a investir pesado em educação. Acho que isso é a base de tudo, com educação tem melhores profissionais, se tem o socialismo ou o capitalismo, o melhor é ter todo mundo capacitado. Vai ter sempre um patrão e um empregado, é a nossa realidade e não adianta, mas com empregados mais qualificados, empregos melhores, salários

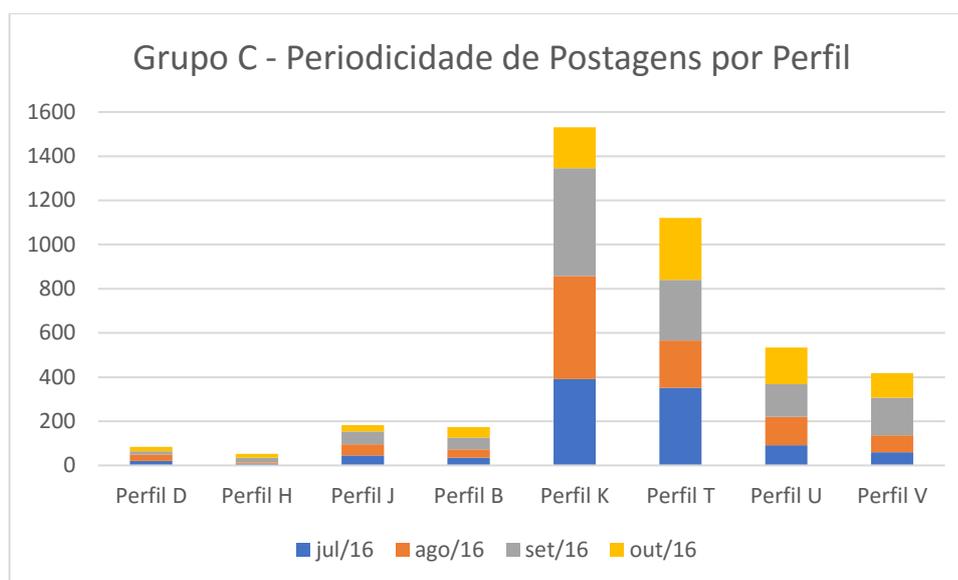
melhores, a economia funciona, eu compro, tu vendes e o fabricante fabrica.
(Perfil R, grupo focal)

3.5 GRUPO C

Este grupo é composto por oito pessoas e pode ser dividido em dois clusters. O primeiro faz referência temática, principalmente, à educação. É composto por dois homens com idades entre 30 a 45 anos e uma jovem com 17 anos. Os dois homens são professores. Ela é estudante de ensino médio participante das ocupações secundaristas.

O segundo cluster tem a política institucional/conjuntural brasileira como o centro de suas publicações. Três deles têm acima de 60 anos e os outros dois têm entre 30 e 45 anos. Entre esses últimos, um estudante de graduação e uma professora. Os três primeiros são aposentados, todos com formação de ensino superior completa. Esse grupo é o que apresenta maior quantidade de *posts* publicados no período. O Perfil D publicou 84 vezes, o Perfil H teve 53 *posts* e o Perfil J 182. No segundo cluster, o Perfil B publicou um total de 174 vezes, o Perfil K teve 1534 publicações coletadas, o Perfil T foi o segundo perfil com maior atividade, totalizando 1120 *posts* coletados, o perfil U é o terceiro em número de coletas, com 533 e o total de postagens do Perfil V foi de 418 (Gráfico 11). Juntos representam quase 50% da amostra.

Gráfico 11: Grupo C - Periodicidade de Postagens por Perfil.



Fonte: Elaboração própria.

Assim como realizado no grupo anterior, faz-se uma breve apresentação de três perfis que apresentam diferenças em relação às dimensões analisadas.

3.5.1 Perfil D

O Perfil D teve, no período entre julho a outubro de 2016, 84 publicações coletadas. Dessas, 51 postagens têm um teor político. Os desdobramentos das ocupações realizadas no período anterior por estudantes secundaristas foram mencionados em 21 dessas publicações. Onze delas foram publicações com a campanha pela não criminalização dos jovens envolvidos na Ocupação da Secretaria da Fazenda e que foram indiciados em processos criminais.

Dez dessas onze publicações foram realizadas em julho e agosto de 2016 e a restante se deu em outubro. As *hashtags* #ArquivaMP e #Ocupar_Não_é_Crime foram utilizadas numa mobilização *online* (figura 65) para pressionar a juíza responsável pelo caso para arquivá-lo. A estratégia foi combinada com protestos de rua, organizados pelo CEI – Comitê das Escolas Independentes, também divulgado pelo perfil (figura 66).

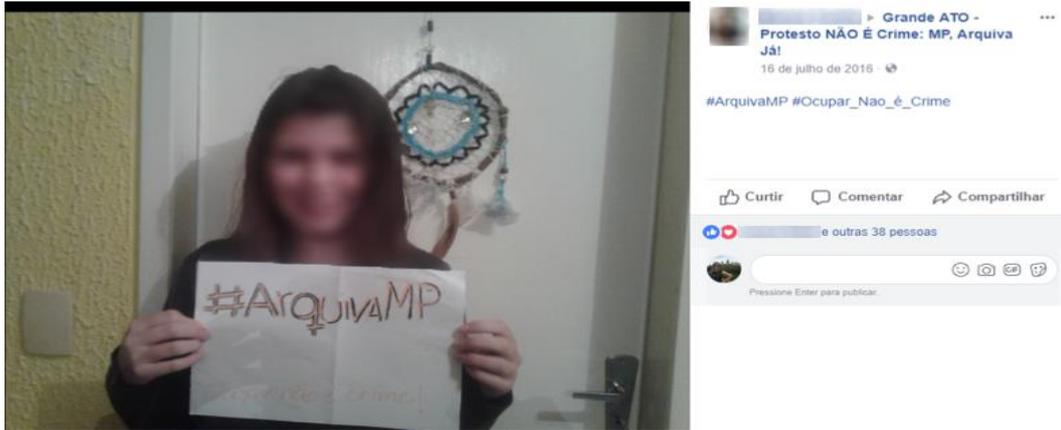


Figura 65: Post do Perfil D
 Fonte: print realizado da página do perfil.



Figura 66: Post do Perfil D
 Fonte: print realizado da página do perfil.

As causas apoiadas, além de vinculadas às Ocupações, têm como referência a causa feminista, transexual (figura 67), pela tolerância religiosa e pelos Direitos Humanos.



Figura 67: *Post do Perfil D*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

O Perfil D manifestou-se contra a PEC 241 (figura 68) e ao projeto de lei Escola sem Partido. Essas duas temáticas foram alguns dos pontos de mobilização das Ocupações. Dentre os recursos utilizados pelo perfil, vídeos explicativos, imagens e textos foram escolhidos como forma para se contrapor a aprovação da medida orçamentária.

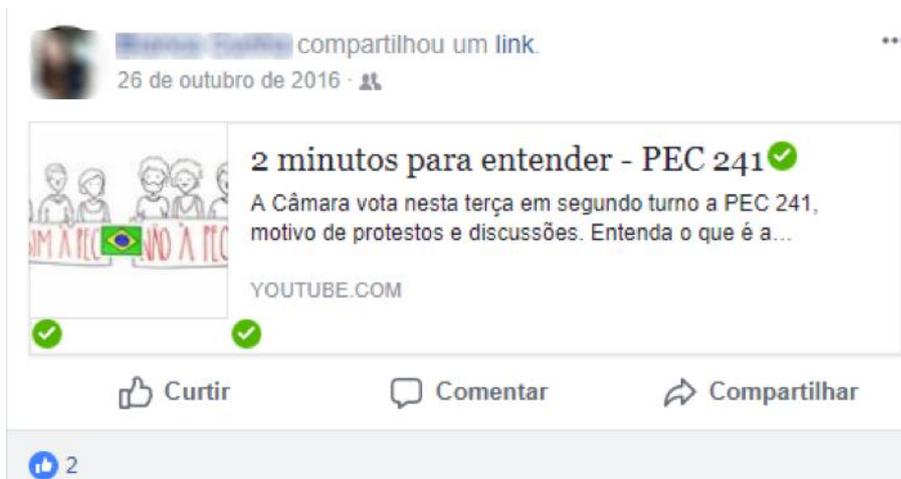


Figura 68: *Post do Perfil D*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Três postagens fazem referências ao enquadramento que delimita inimigos e tratam da temática da educação. Os inimigos são os policiais militares, o secretário estadual de educação e o governador do estado José Ivo Sartori. O eixo que identifica o *Impeachment* como Golpe restringiu-se a apenas duas publicações, ao contrário de outros perfis que tiveram esse como o centro de sua atividade *online*.

Dezesseis postagens têm o papel de demarcar o campo político/ideológico. Elas dividem-se entre *posts* sobre o feminismo, a legitimidade das ocupações e indicam as visões de sociedade que o perfil compartilha. As mensagens vinculadas ao feminismo dividem-se entre vídeos, *textão*, *prints* de tuites que veiculam mensagens sobre o empoderamento das mulheres (figura 69), contra os “esquerdomachos” e denunciam a cultura do estupro.



Figura 69: *Post do Perfil D*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Uma postagem (figura 70) faz a conexão ao patrimônio deixado pelos protestos de Junho de 2013. Com a frase: “*Se agosto começou em 1964. Setembro começa em Junho de 2013*”, o Perfil D reivindica a herança deixada pelos jovens que tomaram as ruas e alteraram o cenário político do país. Os jovens que ocuparam as escolas tiveram, muitos deles, suas primeiras experiências de (querer) estar na rua nas lutas pela tarifa do transporte.

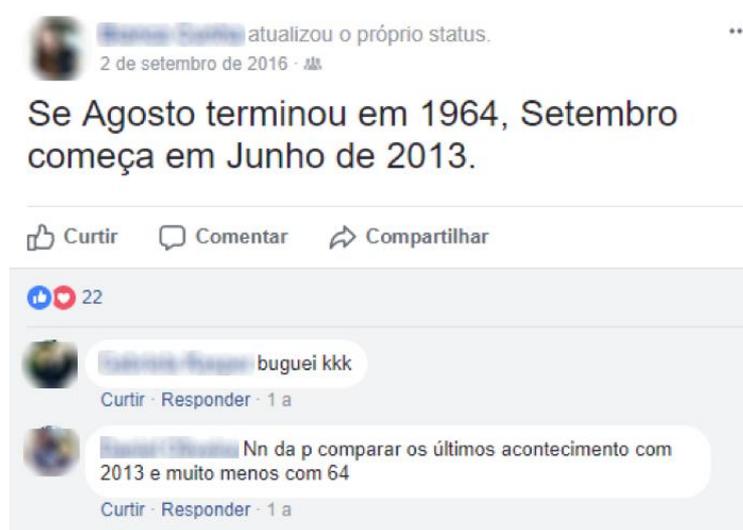
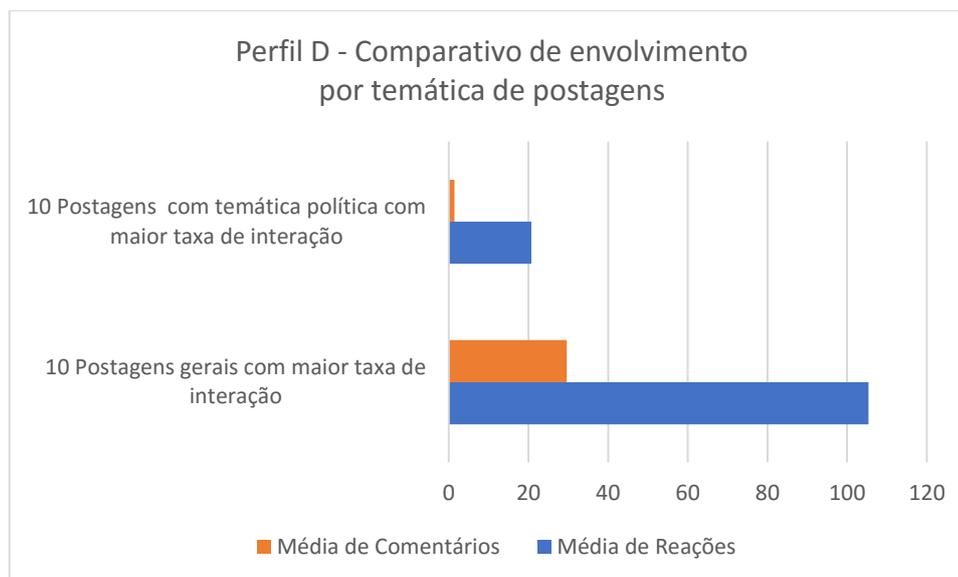


Figura 70: *Post do Perfil D*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

O Perfil D teve a maioria dos compartilhamentos originados de páginas de comunidades (25), perfis de rede pessoal (6), sites de notícias (4), páginas de movimento social (2), páginas de notícias (2), canal de vídeo (1) e página de organização não governamental (1). A página de comunidade CEI – Comitê das Escolas Independentes é a mais citada pelo perfil. No entanto, chama atenção que este é um dos poucos perfis que compartilharam conteúdo direto de páginas de movimentos sociais consolidados como o MTST e o Mães de Maio.

Gráfico 12: Perfil D - Comparativo de envolvimento por temática de postagens.



Fonte: Elaboração própria.

A análise em relação às reações e comentários recebidos nos 10 posts com maior interação de acordo com temáticas gerais e políticas mostra que a taxa de envolvimento com essas publicações é muito baixa. Para as publicações gerais, a média de reações é de 105,4 e 29,6 comentários. Já para as publicações políticas são, em média, 20,7 reações e 1,4 comentários (Gráfico 12).

No momento da realização do grupo focal, os estudantes de ensino médio estavam ocupando a escola em que estudavam. Essa foi a primeira experiência de todos, embora já tivessem ido a alguns protestos. O Perfil D relata momentos de tensão nas Assembleias, fala sobre a relação com outras entidades que disputavam aquela luta, como o CPERS e a UBES. Dada a experiência negativa com essa última entidade, foi criado o CEI – Comitê de Escolas Independentes que organizou a ocupação da Secretaria da Fazenda. Essa ação foi fortemente reprimida e ocasionou mais tarde o indiciamento de alguns dos que lá estiveram. Por mais que o Perfil D se considere de esquerda e com inclinações anarquistas, ela não consegue se identificar com nenhuma organização de movimento social.

Eu acho que, quando tu participa de uma movimentação assim tu pega já o conceito dela, a ideologia dela, e algumas maiorias assim, é ok. Até tem uma ideologia bacana, mas eu acho que não é exatamente coerente com a minha, sabe? Tu pega uma ideologia pronta, diferente, pode ser a mesma, mas eu penso diferente até chegar no ponto certo. (Perfil D, grupo focal)

3.5.2 Perfil B

Do Perfil B foram coletadas 174 *posts* no período entre julho a dezembro de 2016. Conforme relatado no capítulo metodológico, posteriormente foram coletadas 698 publicações entre o período de agosto de 2011 a fevereiro de 2016 dos quais 232 *posts* foram analisados. Desse total de publicações, 252 publicações foram consideradas contendo um teor político, sendo 129 no período da primeira coleta e 123 no resto do período.

Na análise das postagens e dos tipos de enquadramento dados aos assuntos, há um total de 76 temáticas abrangidas pelo perfil, sendo 47 no período anterior a março de 2016. Entre julho e outubro, houve uma diminuição das pautas e concentração para cerca de 27 temáticas. Entre as postagens mais publicadas estão aquelas que se colocam contra o Golpe (39) (figura 71), com críticas ao Judiciário (17), em apoio a Dilma (14), em apoio a Lula (9), em apoio ao candidato do PT nas eleições municipais de 2016 (7) e como denúncia da criminalização dos movimentos sociais (7).



Figura 71: *Post do Perfil B*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Num esforço de interpretação, podemos articular os enquadramentos realizados em alguns eixos. O primeiro deles é o esforço em enquadrar o

impeachment como golpe, pois há 62 publicações que denunciam o golpe, fazem críticas à operação Lava Jato e ao sistema judiciário do país na condução do processo que levou à perda do cargo da presidência. Com o texto “*Foi pra isso que deram o Golpe*”, o Perfil B compartilhou a reportagem do *Estadão* com o título “STF inova e decide que vale o negociado sobre o legislado no âmbito trabalhista” (figura 72).



Figura 72: *Post do Perfil B*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Outro grupo de postagens muito próximo a esse é o que demarca o campo político/ideológico do perfil. São 46 publicações em apoio a Dilma e Lula, e a Raul Pont (candidato do PT nas eleições municipais de Porto Alegre). Mas havia também postagens que faziam elogio à esquerda chilena, denunciam a criminalização dos movimentos sociais, o desmonte do Estado brasileiro, fazem campanha pelo voto nulo no 2º turno das eleições de Porto Alegre (já que nenhum candidato de esquerda estava no páreo), apoiam os Direitos Humanos e os Direitos Sociais conquistados e criticam setores e/ou práticas do Partido dos Trabalhadores. Foram muitas publicações que exaltaram a figura de Dilma Rousseff como uma mulher corajosa, vencedora (figura 73), digna e guerreira.



Figura 73: *Post do Perfil B*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

O tema da criminalização dos movimentos sociais também esteve presente em alguns *posts*. Em um deles especificamente, o perfil questiona a atuação da Brigada Militar em um dia de manifestações (figura 74).

“Quem é vândalo nesta história? Preventivamente a PM ataca para não haver violência? Agora entendo porque a guarda nacional veio tão rápido para o RS”.



Figura 74: *Post do Perfil B*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Foi no período de votação para o *impeachment* de Dilma Rousseff que ocorreram algumas manifestações de solidariedade e manifestação de indignação, e é o momento que o perfil se mostra como ativista, na medida em que diz que irá lutar contra o momento vivido no país. O texto publicado em 27 de agosto de 2016 dizia assim:

Estava até agora colhendo informações, através dos amigos do face, sobre o desenrolar desta farsa que esta acontecendo no Senado. Acabo de ir para frente da televisão, apesar da dor não posso ficar omissa. Afinal tristeza é para ser vivida e me dar força para continuar lutando. Fora temer e abaixo o golpe. (Perfil B, publicação do *Facebook*)

Ao examinarmos as publicações anteriores ao período de julho a outubro de 2016, nota-se que em 2012 as causas apoiadas no período dizem respeito à democratização da mídia, ocupação das terras dos Guarani Kayowá e pelo povo Palestino. Algumas publicações faziam alusão ao período da ditadura militar no país, com referências à manifestação “Por memória, justiça e verdade”, por exemplo (figura 75). Em relação à demarcação do campo político ideológico, vê-se uma continuidade das questões que aparecem em 2016, *posts* denunciando a criminalização dos movimentos sociais, com elogio ao campo da esquerda, com críticas à desigualdade social e ao judiciário.



Figura 75: Post do Perfil B
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Em 2013, não há envolvimento com as manifestações ocorridas em junho. A pauta do transporte ou contra a corrupção não aparecem. Mas há postagens em apoio à reforma política, pela taxação de grandes fortunas e sobre a democratização dos meios de comunicação (figura 76) e contra a manipulação da grande mídia. Há também uma crítica contra o antipetismo e a direita.

O ano de 2014 marca de forma bem explícita o envolvimento na campanha eleitoral, pois são muitas as ocorrências de *posts* em apoio a Dilma Rousseff e ao PT e contra os opositores (PSDB, Aécio e Sartori). Também aparece a divulgação de uma análise que enquadra os Black Blocs como vândalos. *Posts* que divulgam notícias de ataques fascistas e sobre a necessidade de regulação dos meios de comunicação.

Em 2015, as causas mais difundidas são a Operação Zelotes, críticas ao Judiciário brasileiro e contra a Reforma Trabalhista. O apoio ao governo de Dilma Rousseff, a Lula e as conquistas sociais dos governos petistas também foram publicadas no período de tempo.

Com isso, é possível perceber uma coerência entre as pautas que circularam no perfil durante os anos analisados. Há uma vinculação forte com o Partido dos Trabalhadores, a militância pela democratização da mídia e contra o monopólio das grandes redes e um posicionamento contra os abusos do judiciário em relação à condução da operação Lava Jato e sobre o processo de impeachment, visto como golpe.

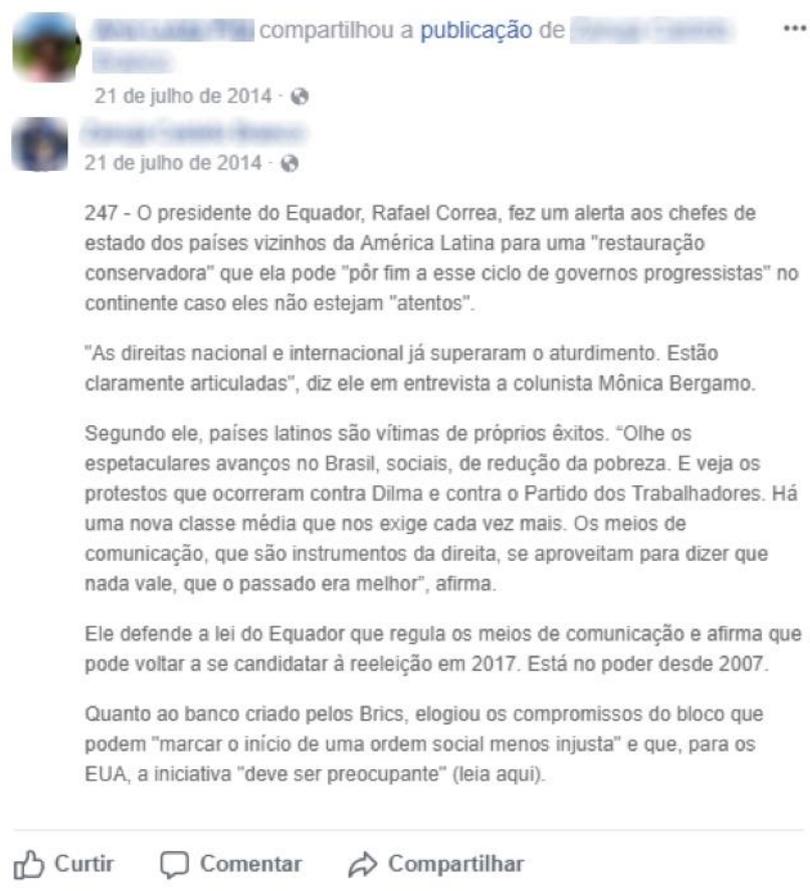


Figura 76: *Post do Perfil B*
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

O terceiro eixo de análise das publicações analisa a delimitação do inimigo. São 8 *posts* que denunciam o fascismo, a ascensão da direita e criticam o governo Sartori no nível estadual e o governo Temer no nível federal (figura 77). Onze postagens publicizam as causas das quais o perfil é a favor e às quais é contra. Entre as causas apoiadas estão: ocupação das escolas, projetos de interesse social, democratização dos meios de comunicação, campanha pelo fim da violência contra a mulher e a investigação da operação Zelotes. As causas pelas quais o perfil B se posiciona contrário estão vinculadas ao projeto Escola sem partido, contra a Reforma do Ensino Médio, a Reforma Trabalhista, a PEC 241 e contra o trabalho escravo.

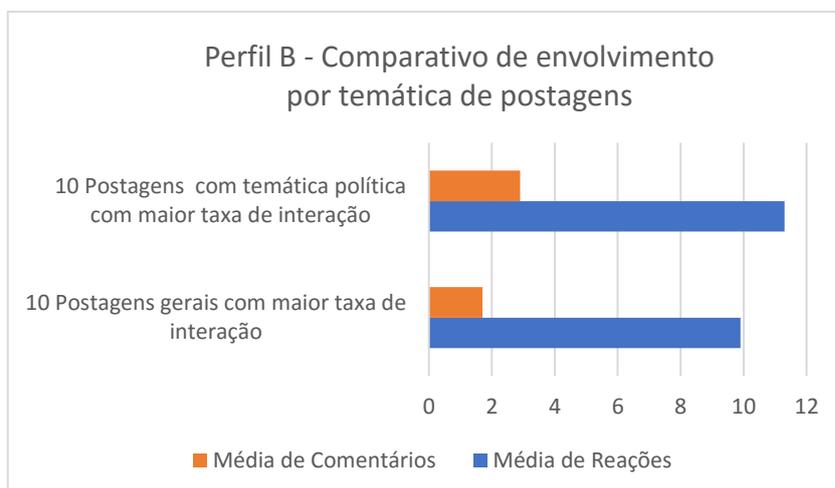


Figura 77: Post do Perfil B
 Fonte: *print* realizado da página do perfil.

São sete *posts* próprios e os demais compartilhamentos. Entre os compartilhamentos, identificaram-se os sites de notícias como a principal fonte (80), depois os perfis da rede pessoal (25) e, em ordem decrescente, *blogs* de notícias (16), páginas de comunidades (15), perfis de figura pública (6), páginas de notícias (5), sites de organização da sociedade civil (5), sites/portais institucionais (4), páginas de figura pública (3), canais de vídeo (3), sites de petição *online* (1) e página de organização sem fins lucrativos (1). Entre os sites de notícias, o que tem maior incidência é o Jornal GGN, seguido do Viomundo e Brasil 247. Entre os blogs, RS Urgente e Blog da Cidadania.

O Perfil B tem uma taxa de interação bem alta, pois as reações e comentários em *posts* com teor político ultrapassam o número recebido de *posts* de temática geral (Gráfico 13).

Gráfico 13: *Perfil B - Comparativo de envolvimento por temática de postagens.*



Fonte: *Elaboração própria.*

Ao ser perguntada sobre sua aproximação com organizações de movimentos sociais ou partidos políticos, o Perfil B diz que já participou da formação do PT, respeita muito o MST e o MTST, mas não tem vinculação atual com nenhum grupo, embora acredite que não “exista vida sem política partidária”.

Eu participei de política partidária na fundação do PT em 79, então depois daí quando ele foi se institucionalizando, primeiro eram grupos e tal, é engraçado que depois que começou a se institucionalizar cada vez foi ficando, eu fui me distanciando mais [...] eu fui me distanciando dessa política partidária, mas eu não acredito que exista vida sem política partidária. (Perfil B, grupo focal)

3.5.3 Perfil T

O Perfil T teve um total de 195 publicações com teor político das 373 analisadas. São em torno de 40 temáticas abordadas nessas publicações. Um grande bloco de publicações faz referência ao enquadramento do Impeachment como Golpe (50), 22 publicações são contra a PEC 241. As outras publicações têm vinculação direta com esses temas, como os *posts* que criticam a mídia por ter incentivado o Golpe (7), criticam a forma como o Judiciário foi corrompido (6) e remetem as consequências negativas do Golpe ao criticarem as Reformas

Trabalhista e da Previdência (10), a exploração do Pré-Sal por empresas estrangeiras como parte do Golpe (7) e convocam a resistência (5). O segundo bloco temático tem 38 publicações que circundam o tema da educação a partir de publicações que criticam a MP do Ensino Médio (5), colocam-se contra o projeto Escola sem Partido (12), reivindicam melhores condições para a educação (11) e tornam público o apoio às ocupações realizadas pelos estudantes em 2016 (10).

Além deste eixo articulador do enquadramento do Impeachment como Golpe, podemos dividir as postagens em outros eixos. O eixo que explicita quais são as causas apoiadas pelo perfil tem 25 menções: além das Ocupações, questões como conquistas feministas, população indígena, LGBT e a defesa das minorias, em geral, são assuntos recorrente deste tipo de publicação. O eixo analítico que remete as causas pelas quais o perfil se manifesta contra faz referência a PEC 241, a MP do Ensino Médio, ao projeto Escola Sem Partido, as diversas ações do governo Temer de tentativa de privatização e reformas em relação aos direitos trabalhistas.

O quarto eixo identifica quem o perfil define como inimigo. Neste sentido, são 47 publicações com a função de delimitar quem faz parte do campo opositor ao perfil ou que ele identifica como inimigo. Aqui estão *posts* com conteúdo que fazem referência aos candidatos não apoiados pelo perfil nas eleições municipais de 2016, aos “coxinhas” que apoiaram o Golpe, aos que não se manifestaram contra o Golpe (figuras 78 e 79). Mas a principal referência feita diz resito às figuras públicas (políticos, magistrados, apresentadores de TV, jornalistas) que apoiaram o *impeachment*, a aprovação das reformas e da PEC 241 segundo a interpretação do perfil.



Figura 78: *Post do Perfil T*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.



Figura 79: *Post do Perfil T* Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Outro eixo importante na análise é o que identifica as publicações que demarcam o campo político/ideológico do perfil. Nesse caso, pudemos identificar 63 publicações com essa função. O Perfil T, diferentemente do Perfil B, personaliza as postagens compartilhadas e são esses textos que possibilitam uma análise mais minuciosa da intencionalidade e do direcionamento das mensagens.

Ao compartilhar uma notícia sobre o perfil dos candidatos nas eleições municipais, o título da matéria é “Pesquisa: partidos continuam privilegiando candidaturas de homens e de brancos”, publicada pelo site de notícias Sul 21, que se reivindica um veículo de mídia crítico. O Perfil T, ao compartilhar tal notícia, escreve: “Nenhuma novidade... homens brancos e ricos”. Este é o tipo de mensagem que se entende que demarca este campo político/ideológico. A reportagem escolhida é compartilhada de um tipo específico de veículo de comunicação, o “Sul 21” (dentre muitas possibilidades). O enfoque da matéria trata, num tom crítico, a predominância de homens brancos na política como privilégio. Por

sua vez, o Perfil T ressalta – além da questão de gênero – a questão de classe, coisa que não está explícita no título da reportagem.

Em outra publicação, o Perfil T (figura 80) escreve um texto no qual faz questão de mostrar que assistiu a toda sabatina pela qual a ex-presidenta Dilma Rousseff passou no Senado, e como o desempenho dela deve ser aplaudido. Aqui, algumas palavras também têm a função de demarcar posicionamento: Quando o Perfil T escolhe *Presidenta* e não *Presidente*, quando ela ressalta “eleita democraticamente pelo povo brasileiro”, quando o perfil faz um jogo de palavras ao dizer “demonstrando calma e serenidade de quem nada tem a *temer*” (grifo nosso). O final da mensagem salienta que cada um dos responsáveis (*golpistas*) serão conhecidos e não serão esquecidos. A hashtag *#golpistasnaopassarao#* é o que encerra o texto. Não passarão! (*¡No pasarán!*) é um lema que ficou conhecido nos círculos de esquerda antifascista e foi popularizado durante a Guerra Civil Espanhola. Aqui, o perfil T vincula os dois termos na criação de uma *hashtag* que se vincula ao campo de atuação da esquerda e faz uma referência histórica ao vincular o lema à palavra “golpistas”. Por distração ou desconhecimento, há no final da palavra um símbolo (#) a mais que o necessário.

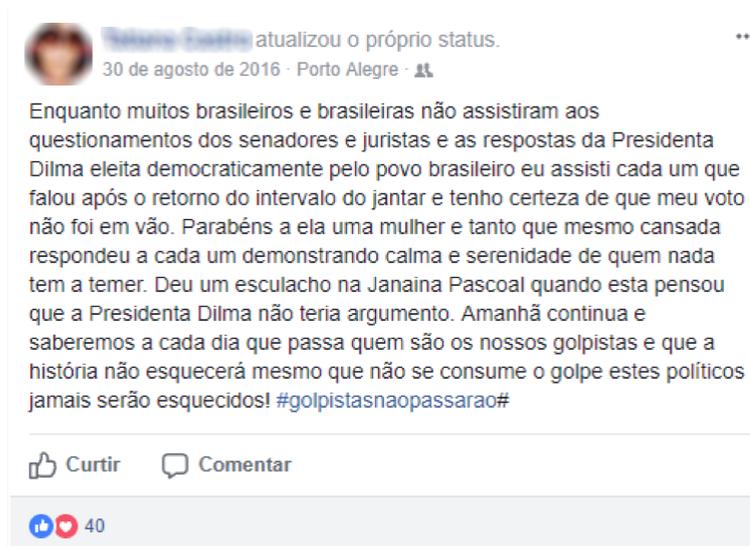


Figura 80: *Post do Perfil T*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Outras vezes, o recurso utilizado é imagético e de memes. As mensagens veiculadas, como nos exemplos, fazem alusão ao campo da esquerda e ao marxismo (figura 81) e sobre o Golpe (figura 82)



Figura 81: Post do Perfil T
Fonte: *print* realizado da página do perfil.



Figura 82: Post do Perfil T
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

Outro recurso utilizado pelo perfil foi o de utilizar as postagens para divulgar tanto ações *online* quanto *off-line*. As campanhas *online* tiveram 7 postagens. Duas delas podem ser consideradas campanhas de conscientização *online*. Essa estratégia consiste na criação de uma página temática que elabora geralmente uma imagem com uma mensagem educativa. Essa mensagem passa a ser difundida pelas pessoas. As duas campanhas que tiveram esse tipo de *post* compartilhados

pelo Perfil T foram “33 Dias Sem Machismo” (figura 83) e “50 Dias sem LGBTfobia”. As outras campanhas *online* envolveram 3 petições contra a PEC 241 e a divulgação da enquete do Senado Federal sobre o projeto de lei 325/2016 que criminalizaria pessoas que interrompessem o trânsito sem autorização.

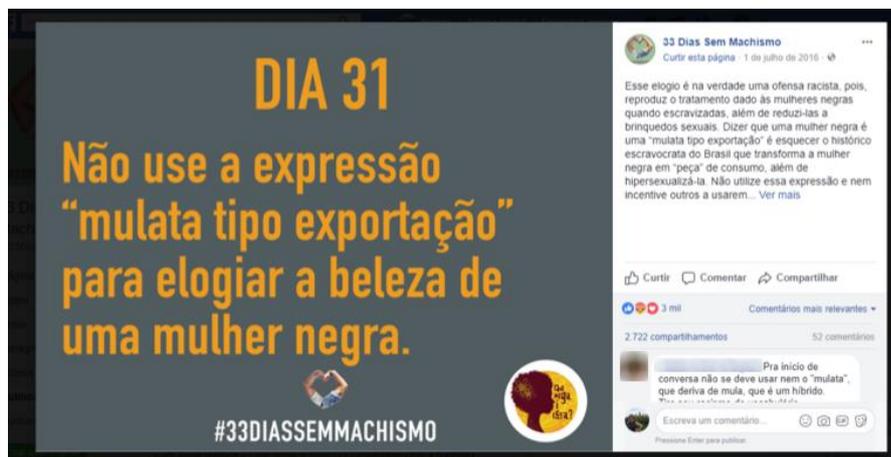


Figura 83: *Post do Perfil T*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

As duas divulgações de eventos *off-line* foram de protestos contra a PEC 241, um organizado pela Frente Povo Sem Medo (figura 84) e outro pelo CPERS Sindicato.

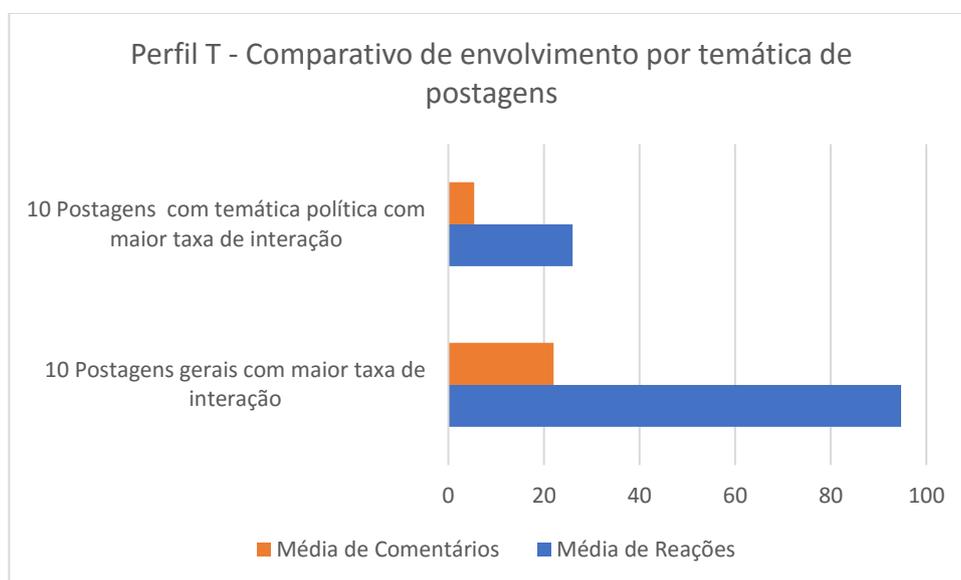


Figura 84: *Post do Perfil T*
Fonte: *print* realizado da página do perfil.

O Perfil T tem um total de 76 publicações próprias e 814 compartilhamentos, mas entre os compartilhamentos, a maioria é acrescida de textos elaborados pelo perfil. Entre os compartilhamentos, identificamos que as origens mais utilizadas são, em primeiro lugar, os perfis da rede pessoal (49), seguidos de páginas de comunidades (30), sites de notícias (27), páginas de notícias (21), páginas de figura pública (18), perfis de figura pública (14), páginas de movimentos sociais, páginas de organizações da sociedade civil, blogs, grupos públicos do *Facebook* e canais de vídeo do *Youtube* originaram quatro publicações cada. Por fim, as páginas institucionais, site de petição *online*, perfil do *Instagram* (2) e um site de organização da sociedade civil.

Entre as 10 publicações com os maiores índices de reações e comentários, nenhuma é de teor político. A média de reações entre as 10 postagens gerais é de 94,7 e a de comentários é de 22. Entre as publicações com teor político, a média de reações é de 26 e a de comentários é de 5,4 (Gráfico 14).

Gráfico 14: *Perfil T - Comparativo de envolvimento por temática de postagens.*



Fonte: *Elaboração própria.*

O Perfil T relata que não teve um histórico de participação ou vinculação anterior a causas de esquerda. Ao ingressar num Instituto Federal de Ciência e Tecnologia como professora substituta, acabou por modificar sua postura política, pois se engajou na campanha de reeleição de Dilma Rousseff.

Eu não... quando comecei a trabalhar lá no Instituto Federal, eu tinha uma visão política diferente né... Em relação a alguns partidos e depois que eu comecei a trabalhar lá eu comecei a defender muito quando foi a reeleição, porque a gente trabalhando lá dentro a gente vê tudo o que foi feito pelo Brasil. Em relação a rede pública federal, em relação aos institutos federais, então desde que teve o período de reeleição eu comecei a postar um monte né, e aí que eu também comecei a me incomodar com muitas pessoas né, que acabavam falando um monte de besteira, me ofendendo, me chamando de petista, de esquerda enfim... [...] eu comecei a postar... Então sempre usei o meu *face*. (Perfil T, grupo focal)

Ela relata que há um grupo de *Whatsapp* formado por amigos no qual eles compartilham informações sobre manifestações. O Perfil T relata que “*não custa nada a gente se posicionar de um lado da balança. Então, eu publico*”. Ou seja, a performance de conexão serve para demarcar posição, informar o público que faz parte de sua lista de amigos.

A todo momento que posso eu tô publicando informação que eu penso ser relevante, mas não só política. [...] eu também publico dos 33 dias sem violência a mulher, que é uma página do *Facebook* que eu faço parte. Então eu publico questões que são relevantes no meu entendimento pra formação daquelas pessoas que fazem parte do meu círculo. As informações que eu posto são muito mais pra esse público que eu tô formando que são os meus alunos, que para meus amigos. (Perfil T, grupo focal)

3.6 RESPONDENDO AO PROBLEMA DE PESQUISA

Nesta seção, apresento algumas considerações sobre as diferenças entre o ativismo tecnologicamente mediado e o processo de engajamento militante mediado via organizações de movimentos sociais. O que está em jogo não é o puro uso da tecnologia, mas a questão de a mediação tecnológica ocupar o lugar da mediação organizativa. Isto tem implicações em como se estrutura a relação entre os indivíduos e as causas.

Foi com esse intuito que se resgatou o modelo de análise do engajamento militante, pois quando há vinculação organizativa, considera-se esse modelo satisfatório. No entanto, quando não há pertencimento organizativo, exige-se o entendimento sobre esse tipo específico de ativismo, no qual o indivíduo age em plataformas de mídias sociais para a promoção e/ou defesa de uma causa.

O que as plataformas de mídias sociais trouxeram de novidade foi a possibilidade de aumentar sobremaneira a dimensão que indivíduos sem vínculo organizativo assumem na configuração da rede que produz movimentos sociais

(DIANI, 2003) e a forma como isso influencia os processos contestatórios na contemporaneidade. Com isso, a primeira característica que os dados sugerem é a *separação entre organização e mobilização*. Não é mais necessário participar de uma organização de movimento social para se sentir motivado a participar de mobilizações. Há um descolamento do pertencimento organizativo que gera mudanças importantes nos *scripts* dos eventos de protesto. Se antes uma marcha era a expressão pensada e organizada por uma rede estruturada que, previamente, planejava o roteiro de atuação prevendo inclusive possíveis repressões e outros desdobramentos, agora, a atividade política é a expressão de indivíduos que se somam ao evento porque compartilham da mesma causa e o fazem com performances individuais e de improviso.

A segunda característica apreendida diz respeito à *identificação e promoção de causas*, que assume a centralidade do ativismo. Há, geralmente, a promoção e/ou defesa de mais de uma causa. O ativismo tecnologicamente mediado parece estar mais propenso a se desenvolver entre pessoas que se identificam com causas mais ligadas ao estilo de vida. O feminismo foi um dos destaques nesta análise, pois as mulheres na sua maioria disseram ser ativistas em defesa da causa feminista ou pelo menos tiveram alguns *posts* dedicados ao tema. A conjuntura política nacional influenciou bastante a tomada de posições, e diversas pessoas viram a possibilidade de se manifestar e influenciar o processo político a partir da ativação de suas redes em defesa das posições políticas que acreditavam.

Disso, deriva a terceira característica do ativismo tecnologicamente mediado que é *publicização das causas defendidas como ato, ao mesmo tempo, pessoal (definição do eu) e político (posicionamento em um campo de conflitos)*. A sua análise foi orientada a partir do que chamamos de performances de conexão, ou seja, o exame do conteúdo próprio ou compartilhado, das interações geradas e da personalização dada pelos indivíduos em suas postagens com teor político.

Essas performances de conexão variam de perfil a perfil. Alguns se utilizam de compartilhamentos massivos sem nenhum tipo de interferência na mensagem. Outros têm o compartilhamento também como o foco, mas na maioria das vezes acompanhado de textos que direcionam a mensagem, expõe a sua opinião ou fazem questionamentos e provocações às audiências invisíveis. Alguns perfis preferem produzir textos com suas visões de mundo e posicionamentos sobre as causas que estão em disputa. Essa estratégia também tende a variar em relação ao número de

reações e comentários recebidos em cada *post*. O Perfil S tem uma taxa de interação alta com os textos próprios, já o Perfil R ao adotar a mesma estratégia, não obtém o mesmo desempenho. Isso tem muito a ver com a lista de amigos de cada perfil e com a repercussão que o algoritmo produz para a distribuição da mensagem.

Viu-se também, com a observação sobre as fontes que municiam conteúdos a serem compartilhados, que quase nenhum dos perfis analisados tem como referência páginas e sites de organizações de movimentos sociais⁷⁶. Há um *gap* entre esses indivíduos e a circulação de informações de tais páginas. Entre os perfis mais velhos, esses conteúdos são retirados de sites de notícias (da mídia tradicional ou alternativa), *blogs* e páginas de figuras públicas. Entre os mais jovens, predominam as páginas de comunidades (desde aquelas que circulam um conteúdo informativo até as que se dedicam a conteúdos de humor vinculados à política).

A definição de fronteiras atua para delimitar quem está de qual lado da causa a ser defendida. E esse mecanismo faz com que haja um *“nós” que é menos como um grupo corporificado e mais como o somatório dos indivíduos que compartilham posicionamentos comuns sobre causas*. Ora esses “inimigos” se apresentam como figuras públicas (seja políticos, jornalistas, empresários ou figuras de destaque da internet), ora são dissolvidos a partir de representações como “coxinhas”, “petralhas” ou “homens”.

A vinculação a essas causas se traduz em pertencimentos muito mais dinâmicos que os proporcionados pelas organizações de movimentos sociais, em que há um percurso de aprendizado interno. Treré (2015) identifica uma certa instabilidade nesse tipo de ativismo devido ao fato desta inconstância nos laços que são os responsáveis por agregar e desagregar muitas pessoas em defesa de uma causa específica e que dependem do momento vivido e ditado pela conjuntura. No entanto, os dados sugerem que a volatilidade vista por esse pesquisador é muito mais em relação às ações desenvolvidas (mobilização) do que em relação à identificação com as causas. Há uma certa permanência no tempo da identificação com as causas defendidas e promovidas pelos indivíduos. Essa identificação, provavelmente, se dá em função das causas serem mais vinculadas a valores e/ou posicionamentos de mundo (feminismo para os Perfis A e N, democratização da

⁷⁶ Somente um perfil compartilhou publicações a partir desse tipo de fontes.

mídia para o Perfil B). Esses pertencimentos se traduzem em momentos de mobilização e vínculos com outros indivíduos que também defendem ou promovem as mesmas causas. A transformação desse somatório de indivíduos em uma coletividade é uma rara ocorrência e se diferencia do engajamento em organizações de movimentos sociais.

A construção e o acionamento de redes de confiança e solidariedade podem ser feitas através de campanhas públicas ou grupos secretos entre aqueles que defendem as mesmas causas. Esse tipo de estratégia para o fortalecimento de si e da campanha em execução ocorreu entre cinco dos nove perfis analisados em profundidade. A conexão de sua trajetória com uma herança ativista não foi mobilizada pela maioria dos casos aqui apresentados, somente três perfis fazem uma pequena alusão a essa trajetória (quadro 4).

Quadro 4: *Dimensões analisadas*

<p>Perfil C</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Identificação e promoção de causas: Majoritariamente o perfil se identifica com a promoção e divulgação de ações que enquadram o Impeachment como Golpe, promovem a defesa dos Governos do PT e o retorno à Democracia. – Sem vinculação a organizações de movimentos sociais: o perfil recorre, na maioria das vezes, a fontes de figuras públicas, algumas vinculadas ao PT e a página de notícias Socialista Morena, também bastante identificada ao partido. – Performances de conexão: Utilização da integração dinâmica para conectar plataformas e públicos diferentes, – Definição de fronteiras: Os opositores são políticos que se contrapõem ao PT: Michel Temer, Aécio Neves e José Ivo Sartori. – Construção e acionamento de redes de confiança e solidariedade: Não há publicações com esse caráter. – Conexão de sua trajetória com herança ativista e/ou de protestos: Um post que resgata a trajetória em defesa da democracia.
<p>Perfil E</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Identificação e promoção de causas: Feminista e LGBT – Sem vinculação a organizações de movimentos sociais: Reapropriação de página de comunidade conservadoras para veicular conteúdo crítico. – Performances de conexão: Publicações com a intenção de ironizar os oponentes das causas defendidas. Personalização de conteúdos a partir do humor e da ironia. Com isso, a taxa de interação nas postagens é alta. – Definição de fronteiras: Os <i>posts</i> não apresentam definições de fronteiras explícitas. – Construção e acionamento de redes de confiança e solidariedade: O Perfil E criou um grupo só de mulheres que moram na mesma região com o intuito de criar vínculos e redes de apoio para as participantes. – Conexão de sua trajetória com herança ativista e/ou de protestos: Não há indícios desse tipo de conexão.

<p>Perfil S</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Identificação e promoção de causas: defesa da Democracia – Sem vinculação a organizações de movimentos sociais: Não há referências a fontes que fundamentam seu posicionamento – Performances de conexão: Três <i>posts</i> com caráter informativo e um com caráter de denúncia. Criação de conteúdo com alta taxa de interação. – Definição de fronteiras: Não há uma explicitação entre a definição de “nós” e “eles”. – Construção e acionamento de redes de confiança e solidariedade: Não há elementos que permitam identificar esse mecanismo. – Conexão de sua trajetória com herança ativista e/ou de protestos: O Perfil não reivindica uma herança ativista e se coloca como observador externo.
<p>Perfil A</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Identificação e promoção de causas: Feminista; pelo direito dos animais, posicionamento nas eleições municipais, contra o impeachment e em defesa da educação. – Sem vinculação a organizações de movimentos sociais: A maioria das publicações são oriundas de páginas de comunidades e sites de notícias. – Performances de conexão: Publicações com a intenção de fornecer informações úteis sobre as causas defendidas. Personalização das mensagens ocorre em mais da metade dos <i>posts</i>. A média interação nas publicações políticas está abaixo das publicações gerais. – Definição de fronteiras: Referências a adversários políticos, figuras públicas identificadas como opositores da causa feminista. – Construção e acionamento de redes de confiança e solidariedade: Ocorre em grupos fechados da plataforma de mídia social, pois neste espaço se sente segura. – Conexão de sua trajetória com herança ativista e/ou de protestos: Um post com o texto “Protestando desde 2002” em relação a defesa da causa animal. Um comentário que reinterpreta uma postura de criança como um ato feminista e uma imagem compartilhada com um resumo das causas pelas quais o perfil A atua.
<p>Perfil N</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Identificação e promoção de causas: Feminista, contra a PEC 241, contra a Reforma do Ensino Médio e em defesa da causa Antirracista. – Sem vinculação a organizações de movimentos sociais: Não há referências a organizações, articuladores ou páginas oficiais de campanhas. – Performances de conexão: Circulação preferencial de textos escritos por perfis de figuras públicas e pessoas da lista de amigos que fazem referência a politização do cotidiano e da necessidade de reflexão sobre isso. Divulgação de atividades na qual o Perfil participa sobre a causa feminista. A taxa de interação nas postagens é alta. – Definição de fronteiras: Referências ao patriarcado, a outras mulheres que não participam do campo de – Construção e acionamento de redes de confiança e solidariedade: Realizada tanto pelo perfil quanto por outras pessoas da lista de amigos. – Conexão de sua trajetória com herança ativista e/ou de protestos: Não há publicações ou falas que mencionem uma trajetória de militância, além de uma menção a participação no mov. Estudantil. Mas essa identidade está colocada no passado e não é reivindicada para sustentar uma posição

	ativista atual.
Perfil R	<ul style="list-style-type: none"> – Identificação e promoção de causas: As causas predominantes dizem respeito ao Fora Dilma, antipetismo e pela exaltação das Forças Armadas. – Sem vinculação a organizações de movimentos sociais: Não há menção a organizações. – Performances de conexão: Número importante de textos próprios sobre a situação política, compartilhamentos que visam denunciar os malefícios do PT para o país. A interação é muito baixa nessas publicações. – Definição de fronteiras: O Perfil coloca como inimigos o PT e seus defensores. – Construção e acionamento de redes de confiança e solidariedade: Não foi identificado este tipo de mecanismo. – Conexão de sua trajetória com herança ativista e/ou de protestos: Não há menção a trajetória anterior, mas ênfase numa tomada de posição no presente.
Perfil D	<ul style="list-style-type: none"> – Identificação e promoção de causas: Atuação nas Ocupações, contra a PEC 241, a Reforma do Ensino Médio e participação da campanha #ArquivaMP, propagação de mensagens feministas. – Sem vinculação a organizações de movimentos sociais: Compartilha os eventos da página CEI – Centro de Escolas Independentes. – Performances de conexão: O Perfil articulou um uso informativo e de difusão de eventos e campanhas que envolveram a Ocupação. Na metade das publicações há personalização e há baixa taxa de interação. – Definição de fronteiras: Aqui o perfil destaca policiais militares, o secretário estadual de educação e o governador do estado José Ivo Sartori – Construção e acionamento de redes de confiança e solidariedade: Esse mecanismo foi utilizado tanto pelo Perfil como integrantes da lista de amigos para circular a campanha #ArquivaMP – Conexão de sua trajetória com herança ativista e/ou de protestos: Uma publicação faz referência a Junho de 2013.
Perfil B	<ul style="list-style-type: none"> – Identificação e promoção de causas: Contra o Impeachment, a favor da ocupação das escolas, pela democratização dos meios de comunicação, contra o projeto Escola sem partido, Reforma do Ensino Médio, a Reforma Trabalhista, a PEC 241 e o trabalho escravo. – Sem vinculação a organizações de movimentos sociais: Alguns <i>posts</i> são oriundos de páginas institucionais ou de figuras vinculadas a partidos políticos. – Performances de conexão: Compartilhamento massivo de site de notícias que não são da mídia tradicional. Somente um terço das publicações compartilhadas acompanham personalização. A taxa de interação apresentada é alta. – Definição de fronteiras: <i>Posts</i> que falam da ascensão da direita e do fascismo. Criticam o governo Sartori no nível estadual e o governo Temer no nível federal. – Construção e acionamento de redes de confiança e solidariedade: Não há publicações com esse intuito. – Conexão de sua trajetória com herança ativista e/ou de protestos: Há uma atuação longínqua com algumas causas, mas isso não é mobilizado

	para construir uma identidade ativista.
Perfil T	<p>– Identificação e promoção de causas: O Perfil T se vinculou basicamente a dois eixos de atuação: Contra o Golpe e o que derivou disso, como a PEC 241 e as reformas propostas (trabalhista, previdenciária). Em favor de melhores condições da educação, atuou contra a reforma do Ensino Médio, o Escola Sem Partido e em favor das Ocupações.</p> <p>– Sem vinculação a organizações de movimentos sociais: A maioria das publicações são decorrentes de perfis da rede pessoal e sites de notícias. No entanto, houve algumas ocorrências de divulgação oriundas diretamente de páginas de movimentos sociais, organizações da sociedade civil.</p> <p>– Performances de conexão: Demarcar posição a partir de uma intensidade alta de publicações, porém obtém baixa interação. Compartilhamentos, em sua maioria, com personalização para informar a lista de amigos.</p> <p>– Definição de fronteiras: Explicitação de figuras públicas (políticos, magistrados, apresentadores de TV, jornalistas) que apoiaram o Golpe, além do acionamento por meio de expressões como “coxas” e mensagens direcionadas “aos colegas” que apoiaram o Golpe.</p> <p>– Construção e acionamento de redes de confiança e solidariedade: Divulgação de mensagens de apoio as Ocupações, de pedidos de doação para as escolas e apoio as manifestações realizadas por colegas professores contra a PEC 241.</p> <p>– Conexão de sua trajetória com herança ativista e/ou de protestos: Relata no grupo focal que tem uma trajetória recente em defesa das causas citadas.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Portanto, para responder à questão colocada por esta tese sobre quais seriam as mudanças qualitativas nas formas do exercício do ativismo contemporâneo a partir da mediação de plataformas de mídias sociais, pode-se elencar essas quatro características: 1) identificação e promoção de causas; 2) publicização das causas defendidas como ato, ao mesmo tempo, pessoal (definição do eu) e político (posicionamento em um campo de conflitos); 3) um “nós” que é menos um grupo corporificado e mais o somatório dos indivíduos que compartilham posicionamentos comuns sobre causas e 4) a separação entre organização e mobilização.

Após a descrição dos perfis a partir das dimensões de análise propostas por este estudo, passo a apresentar uma sistematização que relaciona a intensidade de publicações definidas pelos grupos A, B e C e as especificidades encontradas no exame dos perfis.

O estudo permite identificar uma certa variedade de formas e sentidos que o ativismo tecnologicamente mediado assume para os indivíduos. Por esse ângulo, o

ativismo pode ser pontual ou continuado, ou seja, a defesa ou promoção de uma causa pode ser específica ou ser provocada por algum episódio conjuntural ou se expressar ao longo do tempo e com vínculos mais permanentes entre indivíduos e causas. Associado a isso, utilizou-se a noção de intensidade de publicações para compor a tipologia (figura 85).



Figura 85: Esquema sobre tipos de ativismo
Fonte: Elaboração própria.

O ativismo pontual e com baixa intensidade é o ativismo no qual a plataforma de mídia social é utilizada como uma ferramenta que possibilita tornar pública a opinião pessoal sobre determinadas causas ou assuntos polêmicos. Esse tipo de ativismo pode ser exemplificado pelo Perfil S.

O ativismo pontual e com alta intensidade é um ativismo no qual alguma situação conjuntural ou evento crítico mobiliza o indivíduo que passa a defender ou promover tal causa através da plataforma de mídia social. Os Perfis C, D e R exemplificam esse tipo de situação.

O ativismo continuado e com baixa intensidade é o ativismo no qual a plataforma de mídia social é utilizada como uma ferramenta para a obtenção de informações e contatos e que sustenta uma atuação mais subterrânea, ou seja, por alguma limitação ou escolha do indivíduo, a defesa e/ou promoção de causas não se dará de forma pública. Esse tipo de ativismo exemplificado pelo Perfil E só foi possível de captar por conta do desenho de pesquisa que proporcionou a comparação entre a fala e as postagens do perfil.

O ativismo continuado e com alta intensidade é o ativismo no qual a plataforma de mídia social torna-se um instrumento e espaço central para uma atuação política individualizada, mas que tem como horizonte impactar o público. Os perfis apresentados que se encaixam nessa categorização são: Perfil A, Perfil B, Perfil N e Perfil T.

As características apresentadas permitem diferenciar o ativismo tecnologicamente mediado do engajamento militante, visto que os indivíduos engajados têm no alinhamento identitário com a organização de movimento social o fundamento de sua ação ao longo do tempo. Aliado a isso, a tipologia apresentada permite compreender as diferentes modulações que ocorrem no ativismo tecnologicamente mediado. As diferenças de continuidade e intensidade na defesa ou promoção de causas em conjunto com a análise das performances de conexão fornecem elementos interessantes para novas questões de pesquisa futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese investigou as características e mudanças qualitativas nas formas de exercício do ativismo contemporâneo a partir da mediação de plataformas de mídias sociais. Esse tipo de problema de pesquisa foi de difícil aproximação num primeiro momento.

A literatura utilizada para iniciar esse percurso baseou-se na noção de *ação conectiva* para pensar se de fato haveria ou não mudanças na natureza da ação coletiva a partir da utilização massiva de tecnologia de informação e comunicação, principalmente, as plataformas de mídias sociais. Nesse sentido, o referencial teórico adotado tentou em alguma medida responder se esse ativismo tecnologicamente mediado diferiria qualitativamente daquilo que as literaturas de engajamento militante, ativismo e participação política tradicionalmente abordaram. O modelo do processo de engajamento foi utilizado para apontar os mecanismos que estão em jogo, como a centralidade do *alinhamento identitário* nesse processo. A discussão sobre o ativismo foi importante na medida em que pôde subsidiar o descolamento do ativismo das organizações de movimentos sociais e esmiuçou o processo a partir da separação entre qualidades, ferramentas e esforços do ativismo. O debate sobre participação política teve como objetivo amparar o argumento de que o ativismo a partir da manifestação em rede digital pode ser considerado um ato político.

O debate clássico sobre identidade e as críticas realizadas por autores contemporâneos ao conceito de ação conectiva foram incorporados ao trabalho. A discussão instalada sobre a pertinência de se considerarem elementos identitários como pontos importantes nos processos de mobilizações na atualidade contribuiu para enriquecer o conceito de ativismo tecnologicamente mediado. Por fim, a discussão sobre a formação de vínculos entre ativistas a partir das redes digitais foi importante para se repensar o papel que a plataforma assume na criação de vínculos entre ativistas que se identificam com as mesmas causas. Essa mediação exercida pela plataforma, acaba por substituir em parte a atuação que antes as organizações de movimentos sociais ocupavam e que no modelo do processo de

engajamento se apresenta como o mecanismo da interação associativa (que inclui a socialização militante e a conexão estrutural).

Em termos empíricos, a pesquisa fez um estudo com 24 indivíduos com atuação política na plataforma de mídia social *Facebook*, mas sem vínculos com organizações de movimentos sociais. O estudo consistiu-se com a realização de cinco grupos focais cujos critérios de formação dos grupos eram escolaridade e gênero. Além disso, foi realizada uma coleta de dados nos perfis da plataforma citada durante um período mínimo de 4 meses (de julho a outubro de 2016). Para seis perfis, a coleta foi estendida até 2010, com os recortes especificados no capítulo metodológico.

A combinação de grupo focal com a estratégia metodológica *thickening data* mostrou-se muito frutífera para o tipo de problema teórico proposto. O volume de dados e as diferentes possibilidades de análise não foram totalmente esgotados nas páginas anteriormente apresentadas. Com a análise densa dos *posts* coletados foi possível obter informações junto dos participantes para identificar as estratégias adotadas por cada um no uso da plataforma, apreender, mesmo que parcialmente, a vinculação entre trajetórias e o contexto vivido por cada um.

Os desafios impostos a este tipo de metodologia dizem respeito ao acompanhamento de fatores externos e de difícil acesso aos pesquisadores, como controlar o impacto de mudanças do algoritmo e que alteram o *feed* de notícias, por exemplo. Esse tipo de situação, gera novas reorganizações do fluxo de informações que são recebidas pelos perfis e alterações que podem transformar o ativismo tecnologicamente mediado. Outro desafio enfrentado e que se relaciona com as mudanças tecnológicas de forma geral está na utilização do *Facebook* como o *locus* de investigação. Muitos são os exemplos de outras plataformas que foram esquecidas e relegadas a peças de museu em pouco tempo (o *Orkut* e o *Fotolog* mobilizaram vários pesquisadores e hoje essas investigações podem vir a estar totalmente obsoletas). Nesse sentido, o esforço de refletir mais amplamente sobre o campo de discussão que envolve a ação coletiva, movimentos sociais, engajamento e ativismo expressa uma preocupação em avançar teoricamente em aspectos mais significativos para a teoria do que a descrição atrelada ao uso da plataforma por si só.

A hipótese de trabalho era de que a partir da mediação das plataformas de mídias sociais, construíram-se novos espaços que tornaram possíveis aos indivíduos

sem pertencimento organizativo publicizarem ou promoverem a defesa de causas com as quais se identificam.

Esses ambientes foram se tornando cada vez mais politizados, e as pessoas foram sendo expostas a diferentes causas e formas de lutar por essas causas. Isso demandou que as pessoas se envolvessem com os assuntos de cada época e se posicionassem sobre tais. A noção de contextos colapsados identifica a reconfiguração das noções que o público e o privado tiveram nas plataformas de mídias sociais. E, em certa medida, são as diferentes formas de construção e vinculação entre pessoas nessa rede, condicionadas pelas trajetórias individuais em diferentes momentos de suas vidas que explicam a variação de posicionamentos políticos aqui demonstrados.

Os resultados encontrados após a análise feita evidenciaram algumas características presentes nesse tipo de ativismo, tais como:

- i)* a centralidade que a identificação e promoção de causas assumem;
- ii)* a publicização das causas defendidas como ato, ao mesmo tempo, pessoal (definição do eu) e político (posicionamento em um campo de conflitos);
- iii)* um “nós” que é menos um grupo corporificado e mais como o somatório dos indivíduos que compartilham posicionamentos comuns sobre causas;
- iv)* a separação entre organização e mobilização.

Por fim, foi possível propor uma tipologia inicial para identificar diferentes formas e sentidos que o ativismo tecnologicamente mediado assume. A construção dessa tipologia se deu a partir de dois critérios: intensidade (baixa e alta) e ocorrência (continuada e pontual).

O objeto de investigação possibilitou contribuir com o debate sobre o deslocamento da centralidade das organizações de movimentos sociais para a promoção e organização de ações contestatórias. Outra questão relevante é o declínio da identidade coletiva como eixo estruturador da ação. Embora seja difícil e complexa a resposta sobre essa questão, a pesquisa mostrou que a organização não é mais o referente principal para a construção da identificação entre causas e indivíduos. Isso torna mais difuso o “nós” que é formado pela rede dos que compartilham crenças e causas. Investigar como essas conexões são, de fato,

ativadas se torna um aspecto central para delimitar quando a identificação com uma causa passa a exigir uma ação pela causa. O exame do ativismo tecnologicamente mediado permitiu identifica-lo como uma forma de participação política, mas não como engajamento militante. A investigação permitiu propor a noção de ativismo tecnologicamente mediado baseado em alguns mecanismos e características.

Esta tese permite avançar em uma agenda de pesquisa a partir dos achados aqui apresentados. Um caminho é o de ampliar as situações e perfis para qualificar essa tipologia inicial assim como ampliar a caracterização desse tipo de ativismo. O segundo passo é uma confrontação entre o modelo do processo de engajamento e a construção de um modelo similar para o ativismo tecnologicamente mediado que considere outros mecanismos específicos desse processo. Um terceiro caminho investigativo é o de mapear os eventos em que os perfis estudados marcaram presença e foram convidados. Isto permitirá ter uma imagem sobre as identificações atribuídas a eles pela lista de amigos e com isso, poder compreender se há mudança na economia das ofertas de ativismo na quais são as plataformas de mídias sociais os principais canais de difusão. Outra possibilidade é fazer uma análise de conversação dos *posts* políticos para levantar a rede de interação que se estabelece (se é que se estabelece) com a atuação política dos perfis.

Certamente, esta tese apresenta muitas limitações e vieses que a própria continuidade do trabalho, o debate com os pares e fortalecimento desse campo de discussão trará à tona. No entanto, todo o esforço aqui realizado foi no sentido de contribuir na construção de um ponto de vista teórico de um fenômeno que tem impactado sobremaneira o debate público sobre política e tecnologia.

REFERÊNCIAS

ANDUIZA, Eva; CANTIJOCH, Marta; GALLEGO, Aina. Political Participation and the Internet. *Information, Communication & Society*, v.12, n.6, p.860-878, 2009.

ARCHER, Margaret et al. (Eds.). *Critical realism: essential readings*. London: Routledge, 1998.

BENFORD, Robert D. e SNOW, David A. Framing Processes and Social Movements: an overview and assessment. *Annual Review of Sociology*, n.26, p.611-639, 2000.

BENNETT, W. Lance. The uncivic culture: Communication, identity, and the rise of lifestyle politics. *Political Science and Politics*, v. 31, n. 4, p. 740–761. 1998.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. The Logic of Connective Action. *Information, Communication & Society*, v. 15 n. 5, p.739-768, 2012.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra; WALKER, Shawn. Organization in the crowd: peer production in large-scale networked protests. *Information, Communication & Society*, v. 17 n. 2, p. 232-260, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

boyd, D. M. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. *Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*, 39–58. <https://doi.org/10.1162/dmal.9780262524834.119>. 2010.

boyd, D. M., & ELISSON, N. B. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 13, n. 3, p. 210–230. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>. 2008.

boyd, Danah. CRAWFORD, K. Critical questions for big data. *Information, Communication and Society*. V. 15, n. 5, p. 662-679. 2012.

BRANTE, Thomas. Consequências do realismo na construção da teoria sociológica. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.36, Oeiras, set./2001.

BRENNER, Ana Karina. *Militância de jovens em partidos políticos: um estudo de caso com universitários*. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, 2011.

CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (ORGs). *Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade (A era da informação: economia, sociedade e cultura – vol.2)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

COULDRY, Nick. Real social analytics: A contribution towards a phenomenology of a digital world. *The British Journal of Sociology*. V. 67, n. 1. 2016.

D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito; ALCÂNTARA, Livia Moreira de Alcântara. *Movimentos sociais na web 2.0: a experiência da ocupação Dandara*. Revista de Ciências Humanas, Vol. 9, Nº 2, p. 291-301, Jul./Dez. 2009.

DARTNELL, Michael Y.. *Insurgency Online: web activism and global conflict*. Toronto: University of Toronto Press, 2006.

DELLA PORTA, Donatella; KRIESI, Hanspeter. Social movements in a globalizing world: an introduction. In: Della PORTA, Donatella; KRIESI, Hanspeter; RUCHT, Dieter (eds.). *Social Movements in a Globalizing World*. London: Macmillan Press, 1999.

DIANI, MARIO. Networks and Social Movements: a Research Program. In: DIANI, M. & MCADAM, D. (eds.). *Social Movements and Networks. Relational Approaches to Collective Action*. Oxford: Oxford University. 2003.

EARL, Jennifer; KIMPORT, Katrina; PRIETO, Greg; RUSH, Carly; REYNOSO, Kimberly. Changing the world one webpage at a time: conceptualizing and explaining internet activism. *Mobilization: An International Journal*, v. 15, n. 4, p. 425-446, 2010.

FILLIEULE, Olivier. Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuels: post scriptum. *Revue française de science politique*, vol. 51, nº 1-2, février-avril, p. 199-217. 2001.

GAMSON, Willian. Goffman's Legacy to Political Sociology. *Theory and Society*, v. 14, n. 5, p. 605-622. 1985.

GARRETT, R. K.. Protest in an Information Society: A Review of Literature on Social Movements and New ICTs. *Information, Communication and Society*, v. 9 n. 2, p. 202- 224, 2006.

GERBAUDO, Paolo. Protest avatars as memetic signifiers: political profile pictures and the construction of collective identity on social media in the 2011 protest wave. *Information, Communication & Society*, v. 18, n. 8, p. 916-929. May. 2015.

GERBAUDO, Paolo; TRERÉ, Emiliano. In search of the 'we' of social media activism: introduction to the special issue on social media and protest identities. *Information, Communication & Society*, v. 18, n. 8, p. 865-871. May. 2015.

GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: an essay on the organization of experience*. Boston: Northeastern University Press, 1986.

GRANOVETTER, Mark. S.. The Strength of Weak Ties. *American Journal of Sociology*, v. 78 n. 6. 1973.

HAENFLER, Ross; JOHNSON, Brett & JONES, Ellis. Lifestyle Movements: Exploring the Intersection of Lifestyle and Social Movements. *Social Movement Studies*, v. 11, n. 1, p. 1–20. Jan. 2012.

HOOGHE, Marc. Defining political participation: How to pinpoint an elusive target? *Acta Politica*, v. 49, n. 3, p. 338–341. 2014.

HOSCH-DAYICAN, Bengü. Online political activities as emerging forms of political participation: How do they fit in the conceptual map? *Acta Politica*, v. 49, n. 3, p. 342–346. 2014.

JOHNSTON, H.; NOAKES, J. A. (org.). *Frames of Protest: social movements and the framing perspective*. Lanham, Boulder, New York, Toronto, Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2005.

JOYCE, Mary C. *Activism Success: A Concept Explication*. University of Washington, 2014.

KECK, Margaret E.; SIKKINK, Kathryin. *Activists Beyond Borders*. Ithaca: Cornell University Press, 1998.

KITCHIN Rob, LAURIAULT, Tracey P. Small data, data infrastructures and big data. NIRSA, National University of Ireland Maynooth, County Kildare, Ireland. 2016.

KLANDERMANS, Bert. The social construction of protest and multiorganizational fields. In: MORRIS, Aldon D.; MUELLER, Carol McClurg. *Frontiers in social movement theory*. Yale: Yale University, 1992.

LAHIRE, Bernard. Esboço do programa científico de uma sociologia psicológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 373-389, 2008.

LAHIRE, Bernard. *O Homem Plural: as molas da acção*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

LAHIRE, Bernard. Patrimónios Individuais de Disposições: Para uma sociologia à escala individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 49, p. 11-42. 2005.

LAHIRE, Bernard. *Retratos Sociológicos: Disposição e variações individuais*, São Paulo, Artmed Editora, 2004.

MACHAMER, Peter; DARDEN, Lindley; CRAVER, Carl. Thinking about mechanisms. *Philosophy of Science*, v. 67, n. 1, p. 1-25, Mar. 2000.

MANICAS, Peter T. A realist philosophy of social science: explanation and understanding. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

McADAM, Doug; PAULSEN, Ronnelle. Specifying the Relationship Between Social Ties and Activism. *The American Journal of Sociology*, v. 99, n. 3, p.640-667, Nov. 1993.

McADAM, Dough; McCARTHY, John D.; ZALD, Mayer N. (eds.). *Movimientos sociales: perspectivas comparadas*. Madrid: Istmo, 1999.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MELUCCI, Alberto. Que hay de nuevo en los nuevos movimientos sociales. IN: LARANA, Enrique; GUSFIELD, Joseph. Los nuevos movimientos sociales. De la ideología a la identidad. Madrid: CIS, 2001, p. 119-149.

MICHELETTI, M. *Political Virtue and Shopping: Individuals, Consumerism, and Collective Action*. New York: Palgrave Macmillan. 2003.

MILAN, Stefania. From social movements to cloud protesting: the evolution of collective identity. *Information, Communication & Society*, v. 18, n. 8, p.887-900. May. 2015.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. *Revista Brasileira de Educação*, nº5/6, p.134-150, 1997.

MORENO, Rosangela Carrilo, ALMEIDA, Ana Maria F. O engajamento político dos jovens no movimento hip-hop. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 40, p. 130-142, jan-abr. 2009.

NAUJORKS, Carlos José e SILVA, Marcelo Kunrath. Correspondência identitária e engajamento militante. *Civitas*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 136-152, jan.-mar. 2016.

NAUJORKS, Carlos José; SILVA, Marcelo Kunrath. *Teorias da Identidade e Movimentos Sociais*. In: III Seminário Nacional e I Seminário Internacional Movimentos Sociais Participação e Democracia, 2010, Florianópolis. Anais do III Seminário Nacional e I Seminário Internacional Movimentos Sociais Participação e Democracia. Florianópolis: NPMS/UFSC, 2010. v. 1. p. 1-14.

OLIVEIRA, Wilson J. Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais. *RBCP*, n. 3, Brasília, p. 49-77. jan-jun. 2010.

PARIGI, Paolo; GONG, Rachel. From grassroots to digital ties: A case study of a political consumerism movement. *Journal of Consumer Culture*. V. 14, n. 2, p. 236–253. 2014.

PARISIER, Eli. *O Filtro invisível: o Que a Internet Está Escondendo de Você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PASSY, F. *L'action altruiste: Contraintes et opportunités del'engagement dans les mouvements sociaux*. Genève: Librairie Droz, 1998.

PASSY, Florence; GIUGNI, Marco. Life-Spheres, Networks, and Sustained Participation in *Social Movements: A Phenomenological Approach to Political Commitment*. Sociological Forum, Vol. 15, No. 1, pp.117-144, 2000.

PEREIRA, Matheus Mazzili. Enquadramento interpretativo, lógicas de ação e dinâmicas interativas: dilemas em interações entre o movimento dos direitos animais e a grande mídia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PPG Sociologia (Dissertação de Mestrado em Sociologia), 2014.

RAINIE, Lee; WELLMANN, Barry. *Networked: the new social operating system*. Cambridge: The MIT Press, 2012.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. Verso E Reverso, 28(68), 114-124. <<https://doi.org/10.4013/ver.2014.28.68.06> 2014>.

RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. *Do Incômodo à Ação Beneficente e da Indignação à Ação Contestatória: estudo sobre condições e mecanismos de engajamento nas Tribos nas Trilhas da Cidadania e no Levante Popular da Juventude*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PPG Sociologia (Dissertação de Mestrado em Sociologia), 2012.

RUSKOWSKI, Bianca. *Levante Juventude, Juventude é prá Lutar: a relação entre esferas de vida e identidade na constituição do engajamento juvenil*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado em Ciências Sociais), 2009.

SAWICKI, Frédéric e SIMEANT, Johanna. Inventário da sociologia do engajamento militante: Nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. *Sociologias*, vol.13, n.28, p. 200-255. 2011.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999.

SEIDL, Ernesto. (Re)pensar os movimentos sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 75, p. 178-181. 2011.

SEIDL, Ernesto. Disposições a militar e a lógica de investimentos militantes. *Proposições*, Campinas, v. 20, n. 2 (59), p. 21-39, maio-ago. 2009.

SILVA, Marcelo K. *Tecnologias de informação e comunicação e mobilização social contestatória: uma análise comparativa*. Porto Alegre, 2014. mimeo.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. *Revista Brasileira de Ciência Política (Impresso)*, n. 21, p. 187-226, 2016.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Levante juventude, juventude é prá lutar: redes inter-pessoais, esferas de vida e identidade na constituição do engajamento militante. *Revista Brasileira de Ciência Política (Impresso)*, n. 3, p. 23-48, 2010.

SNOW, David et al. Frame alignment processes, micromobilization, and movement participation. *American Sociological Review*, n. 51, p. 464-481, Aug. 1986.

SNOW, David; BENFORD, Robert D. Ideology, Frame Resonance and Participant Mobilization. *International Social Movements Research*, n. 1, p. 197-218. 1988.

TARROW, Sidney. *Poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TARROW, Sidney. *The New Transnational Activism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

THEOCHARIS, Yannis. The Conceptualization of Digitally Networked Participation. *Social Media and Society*. V. 1, n. 2, p. 1-14. 2015.

TILLY, Charles; TARROW, Sidney. *Contentious politics*. Boulder: Paradigm Publishers, 2007.

TRERÉ, Emiliano. Reclaiming, proclaiming, and maintaining collective identity in the #YoSoy132 movement in Mexico: an examination of digital frontstage and backstage activism through social media and instant messaging platforms. *Information, Communication & Society*, v. 18, n. 8, p.901-915. May. 2015.

TUFEKCI, Zeynep. The Medium and the Movement: Digital Tools, Social Movement Politics, and the End of the Free Rider Problem. *Policy & Internet*, Vol. 6, N. 2, p.202-208, Jun. 2014.

VAN DE DONK, Wim; LOADER, Brian D.; NIXON, Paul G.; RUCHT, Dieter. Introduction - Social movements and ICTs. In: VAN DE DONK, Wim; LOADER, Brian D.; NIXON, Paul G.; RUCHT, Dieter (eds.). *Cyberprotest: New media, citizens and social movements*. London: Routledge, 2004.

VAN DETH, Jan W. A conceptual map of political participation. *Acta Politica*, v. 49, n. 3, p. 349–367. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – DESCRIÇÃO QUANTITATIVA DA COLETA DE DADOS

	1ª coleta		2ª coleta	
	<i>Posts coletados</i>	<i>Posts analisados</i>	<i>Posts Coletados</i>	<i>Posts analisados</i>
Perfil A	43	43	162	162
Perfil B	174	172*	698	213**
Perfil C	196	192*	-	-
Perfil D	84	81*	-	-
Perfil E	49	49	-	-
Perfil F	65	62*	-	-
Perfil G	235	233*	-	-
Perfil H	53	51*	-	-
Perfil I	159	148*	-	-
Perfil J	182	172*	-	-
Perfil K	1543	447**	-	-
Perfil L	170	160*	177	138*
Perfil M	253	234*	-	-
Perfil N	82	63*	-	-
Perfil O	77	75*	-	-
Perfil P	87	83*	-	-
Perfil Q	35	33*	174	167*
Perfil R	109	108*	366	117**
Perfil S	61	61	-	-
Perfil T	1120	362**	-	-
Perfil U	533	515	-	-
Perfil V	418	411*	856	270**
Perfil W	0	0	-	-
Perfil X	73	71*	-	-
Totais parciais	5.792	3.826	2.433	1.067

TOTAL DE *POSTS* COLETADOS: 8.225

TOTAL DE *POSTS* ANALISADOS: 4.893

* Alguns *posts* estavam indisponíveis no momento da análise de conteúdo e por isso não coincidem com o número coletado.

** Ocorreu a escolha aleatória probabilística para a análise de conteúdo, conforme explicado no capítulo metodológico e houve a ocorrência de alguns *posts* indisponíveis.

APÊNDICE 2 – RELAÇÃO DOS PERFIS POR GRUPO FOCAL

GRUPO 1 – Ensino Superior Incompleto

Perfil A (Grupo B)

Perfil E (Grupo A)

Perfil I

Perfil P

Perfil X

GRUPO 2 – Ensino Superior Completo

Perfil F

Perfil H

Perfil J

Perfil K

Perfil O

Perfil T (Grupo C)

GRUPO 3 – Ensino Médio Incompleto

Perfil D (Grupo C)

Perfil M

Perfil Q

GRUPO 4 – Critério de Gênero: homens

Perfil G

Perfil R (Grupo B)

Perfil S (Grupo A)

Perfil V

Perfil W

GRUPO 5 – Critério de Gênero: mulheres

Perfil B (Grupo C)

Perfil C (Grupo A)

Perfil L

Perfil N (Grupo B)

Perfil U

Os perfis destacados são os que tiveram uma análise individual do perfil apresentada no Capítulo III de acordo com os grupos analisados.

APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO

Você foi convidado(a) a participar de uma pesquisa. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Se você não concordar em participar ou desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar, basta responder a esta mensagem concordando com a pesquisa. Se você tiver alguma dúvida, poderá elucida-la com a responsável pela pesquisa. Obrigada pela atenção, compreensão e apoio.

Eu, Bianca de Oliveira Ruskowski, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em respeito aos direitos legais e à dignidade humana das pessoas voluntárias desta pesquisa, peço respeitosamente autorização para que as informações prestadas possam ser utilizadas para análises posteriores e confecção de futuros resultados de pesquisa científica (tese de doutorado e artigos).

Desta forma, explico abaixo as informações necessárias a respeito da pesquisa e sobre sua participação:

1. O objetivo deste trabalho consiste em pesquisar sobre os sentidos da participação política online e os diferentes processos de interação decorrentes dele.
2. A identidade de todos(as) participantes serão preservadas, sendo que a identidade das pessoas citadas pelo(as) entrevistados(as) serão transcritas apenas pelo primeiro nome. Havendo concordância do(a) participante, seu nome verdadeiro poderá constar apenas nos agradecimentos da Tese, junto a todos(as) outros(as) participantes, sem identifica-lo com os relatos e análises da Tese.
3. A contribuição dos indivíduos consistiu na participação de um grupo de discussão e terá como etapas seguintes: 1) preenchimento de um questionário online, 2) a análise das publicações nas redes sociais dos(as) entrevistados(as)⁷⁷ e, eventualmente, 3) uma entrevista a ser combinada previamente.
4. Em qualquer momento do processo de pesquisa os/as participantes poderão ter acesso às gravações, transcrições (caso haja) e comentários das entrevistas relacionadas à sua pessoa, podendo solicitar supressão de trechos, revisão ou mudança de opiniões ou até mesmo o cancelamento de sua participação na pesquisa.
5. Para qualquer dúvida relativa ao andamento do processo de investigação disponibilizaremos os dados da responsável: Bianca de Oliveira Ruskowski, telefone (51)93156226, e-mail: bianca.or@gmail.com, endereço profissional: Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Sapucaia do Sul, avenida Copacabana, n. 100, bairro Piratini, Sapucaia do Sul/RS.

⁷⁷ As publicações serão categorizadas por tipo e será realizada uma análise de conteúdo para identificar temas, tipos de publicação, frequência de comentários, compartilhamentos e curtidas, assim como identificar fontes de informação. Esta etapa é fundamental para a pesquisa, pois trará elementos para identificar diferentes tipologias de participação *online* e engajamento. Nenhuma postagem/publicação identificará o/a participante da investigação.

APÊNDICE 4 – ROTEIRO PARA OS GRUPOS FOCAIS

Tema	Pergunta
Nível de usuário de Internet	Com que frequência usa internet? Uma vez por dia, uma vez por semana... Através de qual dispositivo? Celular, notebook, tablet... De onde costuma acessar a Internet?
Experiências práticas com o uso da Internet em geral e com o uso político da Internet em particular	Quais são as páginas que mais usa e para que? Que tipo de coisas vocês costumam fazer na internet?
Variáveis políticas psicológicas (confiança nas instituições, interesse pela política e normas de cidadania)	Conversa sobre política? Com quem? Quando? Quais temas? Como cidadão brasileiro, crê que sua responsabilidade é pagar impostos ou ter outras responsabilidades? Quais? Crê que os políticos fazem o que prometem? Que grupo ou organização política os parece confiável?
Uso de Plataformas de Mídias Sociais/APPS: (a) como uma fonte de notícias; (b) como um espaço de expressão política; (c) como uma ferramenta para unir causas e mobilizar a informação.	Costumam utilizar internet para saber da situação política do país e do mundo? Acreditam que é um bom espaço para expressar sua opinião sobre como estão as coisas ou como se sentem? Internet supõe, para este tipo de coisas, alguma melhora a respeito das formas tradicionais de organização política? Que perigos vocês veem?
Tipos de ações: campanhas a partir do uso de <i>hashtags</i> ; (b) confirmação em eventos; (c) circulação de informações; (d) criação de memes, gifs, vídeos; (e) participação em grupos específicos; (f) Curtir e/ou comentar em <i>posts</i> .	Compartilham vídeos, memes, gifs sobre temas políticos? Tem participado de campanhas, grupos ou eventos com temáticas de protesto, eleições ou coisas desse tipo?
Personalização dos conteúdos: (a) compartilham conteúdos mais tradicionais (notícias, petições, informes); (b) compartilham conteúdos como memes, gifs, vídeos; (c) o conteúdo é compartilhado sem personalização (notícias, petições, informes); (d) o conteúdo é compartilhado pela possibilidade de personalização. UBAI (USOS BENEFICIOSOS Y AVANZADOS DE INTERNET).	Que tipo de coisas creem que vale a pena compartilhar? E o que mais lhe chama atenção nos conteúdos que veem na internet? Já participaram enviando coisas pessoais como fotos, vídeos...?
Sentidos da participação: (a) descrença nas formas	E quando compartilham esse tipo de conteúdo, o fazem para...?

tradicionais (partidos, sindicatos, organizações de movimento); (b) custos da participação; (c) crença na efetividade das ações; (d) expressão de opinião; (e) influência dos contatos da rede social.	De onde vêm os conteúdos que compartilha? De amigos, de conhecidos, da imprensa, de alguma organização...
Referentes para a construção do discurso político (privados ou públicos)	Outras pessoas em sua rede fazem coisas desse tipo? Há algum site, jornal, agrupamento ou coletivo que vocês acompanham e serve de fonte?
Temas políticos mais relevante	Na atualidade quais são os assuntos mais importantes?
Autoposição ideológica	Como vocês se veem em termos políticos? Se consideram de direita, de esquerda... Em qual partido votou nas eleições passadas?
Aberto	E alguém tem mais alguma coisa para falar que acredita importante sobre o tema?

APÊNDICE 5 – CONVITE PARA OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Amigxs,

Estou realizando minha pesquisa de Doutorado e preciso da ajuda de vocês! Estou selecionando interessados em participar de um grupo de discussão cujo tema é Internet e Política.

Para isso, os interessados precisam cumprir dois pré-requisitos, além de residir em Porto Alegre:

- Não ser membro ativo de nenhuma organização de Movimento Social ou Partido Político;
- Ter realizado alguma vez nos últimos três meses algum tipo de publicação ou atividade sobre política em redes sociais digitais como *Facebook*, *Whatsapp*, *Twitter*, *Instagram* etc.

Então, se vocês lembrarem daquele colega de trabalho, escola, faculdade, aquele primo ou prima distante, algum parente e quiserem me indicar para que eu realize o contato, ficarei imensamente agradecida. A diversidade é bem-vinda, então não importa a idade, tipo de publicação e qual lado do muro a pessoa está.

Ah! Oferecerei uma pequena ajuda de custo aos participantes.

Você pode me enviar algum contato da pessoa e eu faço o convite e explico melhor.

APÊNDICE 6 - NÓS UTILIZADOS NA ANÁLISE DOS GRUPOS FOCAIS

* Uso da internet

- Frequência
- Tipo de dispositivos
- Local de uso
- Atividades realizadas
 - campanhas a partir do uso de *hashtags*;
 - confirmação em eventos;
 - circulação de informações;
 - criação de memes, gifs, vídeos;
 - participação em grupos específicos;
 - curtir e/ou comentar em *posts*.

* Fontes de Informação

* Interesse em Política

- Confiança nas instituições
- Práticas cidadãs

* Uso de Plataformas de Mídias Sociais/APPS:

- fonte de notícias;
- espaço de expressão política;
- ferramenta para unir causas e mobilizar a informação.

* Personalização dos conteúdos:

- compartilham conteúdos mais tradicionais (notícias, petições, informes);
- compartilham conteúdos como memes, gifs, vídeos;
- o conteúdo é compartilhado sem personalização (notícias, petições, informes);
- o conteúdo é compartilhado pela possibilidade de personalização.
- (?)UBAI (USOS BENEFICIOSOS Y AVANZADOS DE INTERNET).

* Sentidos da participação:

- descrença nas formas tradicionais (partidos, sindicatos, organizações de movimento);
- custos da participação;
- crença na efetividade das ações;
- expressão de opinião;
- influência dos contatos da rede social.
- processo formativo
- uso para mobilização

* Referentes para a construção do discurso político (privados ou públicos)

- Pessoas

- Organizações de movimentos sociais
 - Partidos Políticos
- * Temas políticos relevantes
 - * Públicos imaginados
 - * Auto posição ideológica

APÊNDICE 7 – EXEMPLO DE ORGANIZAÇÃO DO BANCO DE DADOS

Nome da Pessoa	N. de contatos	Data	ID Post	Origem	Tipo	Tema Geral
Perfil B	774	08/10/2016	53	compartilhamento	Artigo de Opinião	Política
Perfil B	789	28/08/2016	137	compartilhamento	Imagem	Política
Perfil B	774	07/10/2016	55	compartilhamento	Notícia	Direito
Perfil B	789	31/08/2016	127	compartilhamento	Imagem	Judiciário
Perfil B	774	06/10/2016	58	compartilhamento	Imagem	Política
Perfil B	774	06/10/2016	60	compartilhamento	Notícia	Política

Tema Específico 1	Tema Específico 2	Tema Específico 3	Link do Post*	Compartilh.	Curtidas	Comentários
Greve Geral	Reformas	PEC241	http://justificando.com	0	6	1
Impeachment	Dilma	Democracia	https://www.facebook.com	0	8	1
Mandado Judicial	Domicílios	STF	http://justificando.com/	11	15	2
Justiça	Golpe		https://www.facebook.com/photo	0	8	0
PEC241	Protesto	Coxinhas	https://www.facebook.com/photo	0	0	0
Presunção de Inocência	STF	Relativização	http://justificando.com/2016/10/05/	1	8	1

Texto do Post	Enquadramento	Fonte	Classificação da fonte	Agrupamento
Vamos pressionar os sindicatos e organizações sociais para fazermos uma greve geral, se fracassar mais uma, quantas se fizerem necessárias. Temos que reagir.	Contra a PEC 241	Justificando	site de notícias	Causas que é contra
	Apoio a Dilma	Ana de Hollanda	perfil de figura pública	Demarcando o campo político/ideológico
Lula tem que pedir asilo político. A pior ditadura é a do Poder Judiciário. Contra ela não há a quem recorrer. Rui Barbosa	Crítica ao Judiciário	Justificando	site de notícias	Impeachment como Golpe
	Crítica ao Judiciário	(nome do perfil)	rede pessoal	Impeachment como Golpe
Por que a PEC 241, que proíbe que o salário mínimo suba acima da inflação não causa revolta em ninguém? Por que a tal PEC do Teto, que na verdade é a PEC da Morte do País pois congela investimentos em Saúde e Educação para todo o povo brasileiro por VINTE ANOS não faz o paneleiro protestar? O que fez o brasileiro "protestante" de varanda se tornar esse irremediável canalha? Paulo Preto	Contra a PEC 241	(nome do perfil)	rede pessoal	Causas que é contra
Chegando a idade das trevas. Não vale mais a Constituição. Asilo político para Lula.	Apoio a Lula	Justificando	site de notícias	Demarcando o campo político/ideológico

* Os links dos *posts* foram quebrados para se preservar a identidade do perfil que serviu de exemplo.